

**RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO
ENRICO SPAGGIARI
CAROLINE SOARES DE ALMEIDA (ORG.)**

07

FUTEBOL POPULAR





FUTEBOL POPULAR

Editora Ludopédio
São Paulo, SP – Brasil
ludopedio@ludopedio.com.br

**RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO
ENRICO SPAGGIARI
CAROLINE SOARES DE ALMEIDA (ORG.)**

07

FUTEBOL POPULAR





Esta obra pode ser copiada e compartilhada inteira ou parcialmente, desde que seja dado o crédito aos autores, à editora e sob a mesma licença do Creative Commons aqui escolhida. Não é autorizada, porém, a publicação com quaisquer alterações em relação a este original e/ou sua utilização inteira ou parcialmente para fins comerciais.

Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)

R484F RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.).
Futebol Popular / Organizadores: Raphael Rajão Ribeiro, Enrico Spaggiari e Caroline Soares de Almeida;
Prefácio de Arlei Sander Damo.
1. ed. – São Paulo, SP : Editora Ludopédio, 2024.
293 p.; tabs.; gráfs.; quadros; fotografias.
(Coleção Campo de Jogo, v. 7). E-book: 3,15 Mb; PDF
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-84540-13-2.
1. Antropologia. 2. Futebol Amador. 3. Futebol de Várzea.
4. Futebol Popular. 5. História. 6. Sociologia.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

Elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Índice para catálogo sistemático

1. Esporte (Brasil): Futebol. 796.09
2. Ciências sociais: Sociologia / Antropologia. 301

Referência bibliográfica

RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.). Futebol Popular. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Ludopédio, 2024. (Coleção Campo de Jogo, v. 7). E-book (PDF; 3,15 Mb). ISBN 978-65-84540-13-2.

A obra foi financiada pelo Instituto Nacional de
Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro
(INCT Futebol), em parceria com a Editora
Ludopédio, com apoio do Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.



Apoio



SUMÁRIO

PREFÁCIO • 13

Arlei Sander Damo

APRESENTAÇÃO • 21

*Raphael Rajão Ribeiro, Enrico Spaggiari
e Caroline Soares de Almeida*

CAPÍTULO 1 • 27

Por um futebol popular

Enrico Spaggiari e Raphael Rajão Ribeiro

CAPÍTULO 2 • 61

Campeonatos suburbanos no Rio de Janeiro: dos primórdios
até os anos 1930

Glauco José Costa Souza

CAPÍTULO 3 • 81

O futebol infame no interior do Rio Grande do Sul

Luiz Carlos Rigo, Daniel Vidinha e Leonardo Costa da Cunha

CAPÍTULO 4 • 107

Experiências do futebol popular de mulheres: os subúrbios
cariocas e a várzea paulistana (1930-1980)

Giovana Capucim e Silva e Aira Fernandes Bonfim

CAPÍTULO 5 • 135

O circuito varzeano em Porto Alegre

Mauro Myskiw

CAPÍTULO 6 • 159

O futebol como resistência em Manaus (AM)

Rodrigo Valentim Chiquetto

CAPÍTULO 7 • 179

Do futebol clandestino à resistência: a luta de mulheres para a prática do futebol no Recife

*Caroline Soares de Almeida, Mariane da Silva Pisani
e Maria Cicilia de Souza Gomes*

CAPÍTULO 8 • 219

Futebol amador no Centro-Oeste brasileiro: as particularidades do Peladão em Cuiabá (MT)

Francisco Xavier Freire Rodrigues e Sizernandes Freire de Oliveira

CAPÍTULO 9 • 241

Do Quintal da Casa Verde ao Retão do Jaraguá: os campos de futebol popular na reprodução do espaço em São Paulo (SP)

Alberto Luiz dos Santos

POSFÁCIO • 269

Tá com medo, por que veio?

Luiz Henrique de Toledo

SOBRE OS(AS) ORGANIZADORES(AS) • 283

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS) • 285

PREFÁCIO

Arlei Sander Damo

Futebol Popular é uma coletânea há muito aguardada, que coloca em relevo o trabalho de uma nova geração de pesquisas voltadas para os circuitos de um futebol que tem despertado, cada vez mais, o interesse dos estudos esportivos. A incursão pelo lado sombrio da lua, por assim dizer, traduz os avanços das pesquisas neste amplo espectro de estudos esportivos, para o qual convergem contribuições de diferentes áreas das ciências sociais e humanidades, em relação ao qual o futebol se destaca. Trata-se, sem dúvida, de uma prova de consolidação desse campo de investigação, surgido de contribuições seminais ao longo das décadas de 1970 e 80, além de ser uma grata novidade, pois apresenta e reconfigura uma série de questões ainda pouco exploradas e com destacado potencial.

Os primeiros estudos futebolísticos, com destaques para o contexto europeu e sul-americano, vieram na confluência da expansão das ciências sociais – especialmente no Brasil – e de o futebol ser um fenômeno de massa, com forte impacto na vida social, econômica e cultural. Em que pese a diversidade dos futebolís, algo ressaltado nos textos que compõem a coletânea, a versão que tendemos, no presente, a adjetivar como sendo de espetáculo, era tida até pouco tempo como sinônimo de futebol, simplesmente. Tampouco eram adjetivadas as

versões masculinas, como se não houvesse outras ou se estas fossem irrelevantes e/ou subordinadas.

Em dada ocasião em que fora convidado a fazer uma intervenção para um público universitário não ligado à antropologia, para falar sobre futebol e diversidade, propus uma breve dinâmica inicial demandando às pessoas que cerrassem os olhos e fixassem a primeira imagem que lhes ocorresse à mente assim que eu viesse a pronunciar uma palavra. A palavra era “futebol” e indagando aos presentes as imagens que o conceito suscitara, vieram à tona uma série aparentemente heterodoxa que, sob outro horizonte, expressava apenas variações de um mesmo tom: torcidas organizadas, comemorações festivas, jogadores célebres, gols efêmeros, a seleção brasileira, Maradona e Pelé e assim por adiante. Apenas uma pessoa, que espreitava o futebol a boa distância, reportou a imagem de um campo de futebol com casebres espremidos no entorno, um cenário ao mesmo tempo perturbador e instigante que pode ser concretamente localizado em vários centros urbanos brasileiros. Eu já supunha o resultado da enquete e estava preparado para iniciar a intervenção pelo menos óbvio – pelo cenário dissonante, portanto –, numa espécie de exercício de desconstrução do olhar hegemônico.

Não se trata de desdenhar o futebol de espetáculo, nem se pode dizer que nesse universo não exista diversidade de clubes, de perfis de torcidas, de modos de torcer, de organização política, de estratégias mercadológicas, entre outras. Mas o universo do futebol é bem mais amplo e heterodoxo.

Afinal, o que são os outros futebolis de que tratam os textos desta coletânea? São, em primeiro lugar, futebolis em escala com inclinação local, e isso é um trunfo e não um problema. A noção de escala foi introduzida no espectro da antropologia no contexto dos debates sobre globalização e, no essencial, criava uma possibilidade de mediação entre o que tendia a ser descrito como extremos irreconciliáveis, o local e o global. Uma

vez aprimorada, a noção extrapolou o uso mais convencional, associado a uma escala de valor numérico, para incluir outros valores e/ou narrativas. Os múltiplos futebolis possuem algo em comum com o futebol de espetáculo, aquele globalizado e ajustado ao modelo de gestão FIFA, desde as regras até os estádios, incluindo os códigos disciplinares, os sistemas de disputas e até o regramento do mercado de atletas. Os circuitos clubísticos que pertencem a essa escala estão para o torcer assim como os *fast foods* estão para o comer, ao passo que os outros futebolis ainda preservam muito do tempero local ou, preferindo-se, são mais crus quando comparados aos que nos chegam via satélite: os times têm donos, mecenas ou são autogestionados; os campos são na maioria das vezes incrustados à identidade e determinantes à existência dos times; apenas alguns times representam clubes e estes muitas vezes representam uma comunidade restrita, pouco além do grupo de atletas e familiares. Não há dúvidas que o Flamenguinho da Tuca, um conhecido time de várzea porto-alegrense, é comensurável ao poderoso CR Flamengo, porque pertencem a uma mesma escala embora posicionados nas extremidades, mas é a comunidade da Vila Tuca, na periferia de Porto Alegre, que faz o seu flamenguinho ser único. Isso é sabor local, goste-se dele ou não!

Em meio à diversidade dos futebolis abrigados pela categoria “popular”, que empresta à coletânea o título, destaca-se uma lista interminável de nomenclaturas que desfilam ao longo dos capítulos. Uma dessas designações é “amador”, talvez a mais genérica, pois é acionada sempre que outra, com contornos locais, gera confusão – se alguém ficar em dúvida sobre o que seja o “peladão”, melhor explicitar que se trata de um torneio de futebol amador exportado de Manaus à Cuiabá. Essa designação tem um aspecto diacrítico, em oposição ao futebol profissional, pelo fato de os jogadores não disporem de vínculo formal de trabalho, algo que está na histórica da cisão entre o

profissionalismo e o amadorismo. Sob este ponto de vista, pode-se dizer que a alcunha “amador” revela um vínculo arcaico com estágios do futebol que remontam ao início do século, quando o profissionalismo não era oficialmente reconhecido e a espetacularização encontrava-se bem aquém do estágio presente.

Outra conotação do termo amador denota envolvimento afetivo, tal qual a etimologia da palavra latina – o termo amadorismo, no entanto, chegou ao Brasil pela via inglesa, já sendo usado como contraponto ao profissionalismo. Ainda que no futebol de várzea haja dinheiro em circulação, inclusive como bônus a jogadores, em geral é uma prática restrita a alguns circuitos e a poucos jogadores. A ideia de que os jogadores estejam atrelados ao futebol por amor, em que pese a aspereza dos campos e dos jogos, remete esses futebolistas à mentalidade romântica que embalou o movimento esportivo, desde as origens europeias ou na diáspora, sobretudo enquanto esteve à feição das classes altas.

No futebol de espetáculo, o romantismo e o amadorismo foram como que restringidos a um grupo de agentes, os torcedores. No mais das vezes, sempre que o termo amador é referido nesse contexto, é para desqualificar algo ou alguém, como se jogadores, dirigentes, árbitros, cronistas e outros experts fossem falhos. Neste sentido, o termo amador é acompanhado de ambiguidades, o que para o futebol amador – de várzea, de subúrbio, etc. – não é propriamente ofensivo, antes um qualificativo. A precariedade de condições com que se faz o futebol de várzea é, aos olhos de seus praticantes, menos um indicativo de problemas, antes uma prova de astúcia, o que é característico de uma perspectiva autoconfiante das classes populares que se orgulham do que são.

A propósito, nas regiões Sul e Sudeste o termo várzea é de uso corrente e tanto quanto as designações de “subúrbio” ou “praiano” revela um vínculo territorial, diverso do futebol de espetáculo, que migrou para os estádios e tornou tais

equipamentos o território do torcer por excelência – ainda que bares, ruas e mesmo as poltronas de casa também o sejam. Em razão dos vínculos territoriais, acabam por estabelecer identificações locais, como já destacado anteriormente, de modo que esses futebóis, além de serem vistos como parte do vasto universo do *football*, também devem ser vislumbrados como parte das comunidades originárias, entrelaçados que estão à socialidade local – e não apenas à sociabilidade, termo que nos remete à noção de convivialidade fugaz, aquela supostamente liberada das obrigações formais. Nas diversas teses/dissertações que estão na origem dos textos presentes na coletânea, são abundantes os exemplos de como o time/clube da várzea já foi ou ainda é parte constitutiva da vida comunitária das classes trabalhadoras, imiscuindo-se em questões religiosas, políticas, familiares, laborais e até amorosas.

Por tudo isso, é preciso dizer algo mais sobre o popular. Sabemos da ambivalência do termo – cada artista, intelectual ou político tendo sua própria acepção – e da dificuldade de conceituação. Em antropologia, ao menos, seu uso é frequentemente associado a grupos ou classes visando abarcar um amplo espectro de pessoas, lugares, práticas e realizações ordinárias, transmitidas independentemente de instituições formais e de ampla circulação. No circuito do futebol de espetáculo só o torcer segue popular, em que pese os esforços de afastar o povo dele, como ocorreu com a “arenização” que tornou os estádios mais pops – um modismo de massas – que populares. O futebol dito amador ou de várzea segue popular, diria mesmo que resiste. Em certos contextos apresenta um grau considerável de sofisticação, tal como podem ser certas formas de manifestação artísticas, culinárias e religiosas igualmente acopladas ao charmoso rótulo de popular.

Entre outras novidades, a coletânea inclui dois textos sobre futebol de mulheres. Se comparadas a outras coletâneas

do passado recente, trata-se de um ganho notável, pois até pouco tempo o futebol de mulheres era ignorado. O trabalho metódico da historiografia tem mostrado ser possível recuperar o passado dos futebolis “infames”, algo que se pensava quase impossível, dado que esses futebolis não dispunham de cronistas célebres como Thomaz Mazzoni e Mário Filho, entre outros. Pesquisas arrojadas têm buscado, por fontes diversas, quase sempre fragmentadas e não raro valendo-se do método indiciário, reconstruir a história social do futebol brasileiro num horizonte bem mais complexo do que aquele alinhado às realizações da “seleção” e dos “grandes clubes”. Nesse processo, a recuperação do futebol de mulheres tem se mostrado um dos aspectos mais promissores, cujos contornos da proibição estatal revela novas facetas a cada investigação concreta. À primeira vista, a proibição parecia ser uma dessas tantas “leis para inglês ver”, porque o futebol de mulheres antes do Estado Novo era pouco conhecido – porque era pouco pesquisado. Depois passou-se a ver a proibição de 1941 como algo mais impactante, aniquilando uma prática que tinha boas chances de florescer. A meu ver, a cada trabalho que vem à tona fica mais evidente que as restrições não visavam ao governo dos corpos de mulheres em geral, mas certos corpos em particular, de mulheres de classes populares. Trata-se de um debate interessante, pois arrasta os futebolis para as interseccionalidades esportivas e para além delas.

Um livro que se preze não se mede pelo que denuncia, simplesmente, mas também pelo que suscita. *Futebol Popular* soa como um convite aos estudos esportivos, para que invistam além do óbvio. Pelo que entrega e pelo que suscita, não tenho dúvidas de que estamos diante de uma coletânea que marcará época. O livro bem poderia receber o apelido, como é corrente na várzea, de “um outro universo do futebol”.

Arlei Sander Damo

Antropólogo, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

APRESENTAÇÃO

Raphael Rajão Ribeiro

Enrico Spaggiari

Caroline Soares de Almeida

A coletânea *Futebol Popular* representa a materialização de diversos encontros e parcerias, bem ao sabor do futebol que se joga nos fins de semana, nas mais diferentes regiões brasileiras. Aqui está reunido um grupo de pesquisadoras e pesquisadores que se aproximaram tanto por afinidade acadêmica como pelo interesse no desenvolvimento dessa prática esportiva.

A origem do livro remete ao ano de 2017 e a dois eventos realizados nas cidades de Belo Horizonte e São Paulo, articulados a iniciativas em prol do futebol de várzea dessas localidades. O primeiro foi o seminário “Futebol Amador em Debate – 20 anos da Copa Centenário”, que, em outubro daquele ano, reuniu pesquisadoras/es, atletas, treinadoras/es e dirigentes para refletir sobre a prática na capital mineira e no Brasil, em um contexto de discussões para o reconhecimento do futebol amador como patrimônio imaterial do município. Questão que se colocava frente ao risco de perda de autonomia dos clubes na gestão dos campos concedidos pela Prefeitura, dada a perspectiva de realização de parcerias público-privadas para exploração comercial daqueles espaços.

Em São Paulo, o Ciclo “Histórias da Várzea”, promovido pelo Museu do Futebol, também se articulava a uma questão

premente, que era a possibilidade do despejo das equipes ocupantes do complexo esportivo do Campo de Marte, na zona norte da capital paulista. Constituído por três encontros entre os meses de setembro e novembro daquele ano, o evento representou ocasião para o encontro entre pesquisadoras/es e varzeanas/os, em busca de soluções para o impasse que estava colocado.

As reflexões apresentadas ali deram a ver uma produção acadêmica que havia se expandido em diferentes regiões do Brasil e que ampliava as perspectivas de compreensão daquilo que esta coletânea denomina *futebol popular*. Desde aquele ano de 2017, as parcerias se estreitaram entre pesquisadoras e pesquisadores ali presentes, com inúmeros desdobramentos, alguns deles contemplados nesta obra.

Pode-se dizer que uma rede informal de pesquisadores se constituiu a partir de então, sempre pautando o debate acerca dos futebóis – assim mesmo no plural, como nos propôs Arlei Damo. Um bom exemplo da atuação desse grupo foi o projeto “Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?": cartografia do futebol varzeano de mulheres em São Paulo (SP)”, realizado em 2022.¹

Ao longo do processo, novas parcerias foram criadas, a exemplo das aproximações entre o INCT Futebol e a Editora Ludopédio. O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) foi idealizado em 2022 por um coletivo de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas, oriundos de universidades brasileiras e estrangeiras. Parte desses pesquisadores já possuíam uma trajetória

1 • BONFIM, Aira; SANTOS, Alberto Luiz dos; SPAGGIARI, Enrico. “Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?": o processo de mapeamento do futebol de mulheres em São Paulo”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, p. 1, 2024.

de diálogo com o portal Ludopédio. Sob esse aspecto, a parceria materializada nesta obra representa um fortalecimento das redes de pesquisa vinculadas a ambas instituições.

Conforme bem nos ensinou Simoni Guedes, ainda na introdução de seu texto “Subúrbio: Celeiro de Craques”, que integrou “Universo do Futebol”, a primeira coletânea nas Ciências Sociais sobre o tema:

*O futebol no Brasil é, no mínimo, um fenômeno que chama a atenção. Dele se ocupam, cotidianamente, milhares de pessoas diretamente ligadas à produção do espetáculo futebolístico e isto se torna possível porque, cotidianamente, ele compõe a vida de milhões de pessoas dentro de um sistema complexo de criação e interpretação de símbolos e práticas associadas, de modo algum desligados de outros aspectos sócio-culturais.*²

É exatamente por esse esporte ser considerado um fenômeno sociocultural – tendo o Brasil um papel reconhecido globalmente não somente nos resultados em campeonatos mundiais ao longo da história, mas também na produção de futebolistas e participação popular – que o futebol brasileiro se tornou objeto empírico para a criação de um instituto de pesquisa, atualmente sediado na Universidade Federal de Santa Catarina. Os objetivos delineados para o instituto visam apenas formar e congregar pesquisadoras e pesquisadores de diversos níveis, além de promover a internacionalização dos produtos relacionados ao tema e divulgação da produção científica sobre o futebol brasileiro

2 • GUEDES, Simoni Lahud. “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982, p. 61.

também para o público não acadêmico. Também tem como meta fortalecer parcerias com outras instituições (públicas e privadas) interessadas no futebol brasileiro, como o próprio Ludopédio.

Destaca-se que o capítulo assinado por Simoni é parte de sua dissertação de mestrado, investigação acadêmica sobre futebol pioneira em um programa de pós-graduação em Antropologia, publicada em formato de livro pela editora Ludopédio em 2023. O que torna importante salientar também que o primeiro INCT dedicado ao universo futebolístico também é coordenado por duas mulheres, Carmen Rial (UFSC) e Mariane Pisani (UFPI), um marco bastante simbólico na medida em que a prática do futebol foi proibida às brasileiras por quase quarenta anos. Isso evidencia o papel político presente na construção do instituto de pesquisa.

Sobre sua constituição inicial, o INCT Futebol é formado por um corpo científico de colaboradores do Brasil e do exterior, compreendendo quatro linhas de pesquisa e atuação: a) Futebol comunitário e de várzea, coordenado por Luiz Carlos Rigo (UFPE) e Mauro Myskiw (UFRGS); b) Futebóis de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIA+, coordenado por Caroline de Almeida (UFPE) e Wagner Camargo (UNICAMP); c) Produção, carreiras e migrações de futebolistas, coordenado por Daniel Machado Conceição (UFSC) e Silvio Ricardo da Silva (UFMG); d) Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol, coordenado por Antônio Jorge Gonçalves (UFRJ) e Cristiano Mezzaroba (UFS).

Futebol Popular inaugura esse novo festejado momento, em que o INCT Futebol e o Ludopédio convergem seus esforços a fim de lançar luz sobre pesquisas realizadas nas várzeas, em jogos que acontecem fora dos grandes holofotes midiáticos e sem a estruturação de federações. Este livro, dedicado a outros futebóis, além de contribuir para o debate presente no escopo

das linhas de pesquisa do INCT, nos fala sobre contextos presentes em diversas regiões do Brasil, em diferentes períodos da nossa história.

Bibliografia

- BONFIM, Aira; SANTOS, Alberto Luiz dos; SPAGGIARI, Enrico. “Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?’: o processo de mapeamento do futebol de mulheres em São Paulo”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, p. 1, 2024.
- GUEDES, Simoni Lahud. “Subúrbio: celeiro de craques”. *In: DAMATTA, Roberto (org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

CAPÍTULO 1

POR UM FUTEBOL POPULAR

Enrico Spaggiari
Raphael Rajão Ribeiro

A linguagem é uma instituição social, que carrega, em si mesma, relações de poder.³ Não por acaso, no Brasil, “jogar bola” – uma expressão ágil e criativa, que sintetiza os múltiplos significados, tempos e espaços de um fenômeno polissêmico que transpõe os domínios do jogo e se entrelaça a outros ambientes e dinâmicas socioculturais – é diretamente associado ao futebol, numa indicação da hegemonia dessa modalidade sobre outras que, assim como ela, envolvem o uso de um objeto esférico. Foi, portanto, pela construção social de uma prevalência do esporte bretão como prática atlética dominante no país que esse vínculo semântico se consolidou.

Seguindo esse raciocínio, podemos observar que o mesmo se dá com a expressão “futebol”, predominantemente atribuída ao futebol de campo de espetáculo profissional masculino adulto. Para se referir a esse não se demanda complemento, de modo que para os demais há que se emendar “futebol de base”, “futebol de mulheres”, “futebol de veteranos” etc.. O que também ocorre com as vertentes do jogo que se dão fora do

3 • BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p. 9-10.

circuito de espetáculo, “futebol amador”, “futebol de várzea” etc. Uma construção para o significado do termo “futebol” que evidencia a instituição de uma hegemonia no campo esportivo, a qual é naturalizada.

A presente coletânea se propõe a reunir textos que investigam outros futebolis no Brasil, difíceis de nomear em conjunto, porque diversos. Desde sua origem, desenvolvidos ante a hegemonia da vertente de espetáculo do jogo, a qual se organizou sob o monopólio das entidades dirigentes dominantes nos contextos regionais, nacional e internacional (federações, CBD/CBF, FIFA), os nomes dessas expressões contra-hegemônicas variaram no tempo e no espaço. Eles apontam para relações institucionais, como em “futebol amador” ou “não oficial”; históricas, “futebol menor”; geográficas, a exemplo de “suburbano”, “de várzea”, “de bairro”, “praiano” “colonial” ou “rural”; e sociais, “classista” ou “de fábrica”.

São todas classificações que permitem circunscrever, em contextos específicos, uma dada prática do jogo que ocorreu e ocorre para além do circuito organizado pelas entidades diretivas e pelos clubes dominantes. Nomenclaturas que seguem em transformação, com a incorporação de novos sentidos, a exemplo da recente noção de “futebol popular”, utilizada por times criados em meio a movimentos sociais que reivindicam uma prática revolucionária e anticapitalista da modalidade.

Quando esta coletânea propõe a denominação “futebol popular” não é a essa novidade contemporânea que ela remete. Trata-se de uma categoria operacional, com vistas a abarcar uma diversidade de vertentes do futebol no Brasil, praticadas em campos de grama ou de terra, com formações de 11 jogadores por time, que, além da condição contra-hegemônica e do afastamento do circuito de espetáculo, se caracteriza pela prática entre as classes trabalhadoras e subalternas, habitantes das periferias urbanas, de municípios do interior ou das áreas

rurais. Um grupo social que compartilha de valores culturais expressos numa multiplicidade de manifestações igualmente reconhecidas como populares.

É por identificar uma similaridade entre os perfis socioeconômicos dos envolvidos com a prática, entre a localização geográfica de seus campos de jogo e entre seus valores e modos de fazer, que se aproximam de uma variedade de outras expressões culturais, que propomos a categoria “popular” para unificar essa diversidade de vivências futebolísticas que ganham as mais variadas nomenclaturas pelo país. São experiências que se constituíram em diferentes contextos temporais e espaciais, algumas mesmo antes da instauração do profissionalismo, as quais são investigadas pelos textos deste livro.

Ao observar os casos abordados nesta coletânea, percebemos aproximações quando se trata das estratégias para a produção dos campos de jogo, das formas associativas adotadas, da organização do tempo em relação ao trabalho, das contradições entre as apropriações hedonistas do corpo e o discurso asséptico dos controles médico-disciplinares etc. Um modo de fazer que não ignora o espetáculo futebolístico e é por ele impactado. Desde a expectativa de ser tornar o “celeiro de craques” até a criação de um mercado de jogadores, competições e materiais esportivos, o futebol popular é invadido pelas lógicas hegemônicas do jogo.

A expressão dominante, contudo, não é imune à cultura esportiva popular, que igualmente transborda para o circuito do espetáculo. São exemplos disso a tradição das resenhas pós-jogo entre jogadores profissionais, em que o consumo de bebidas alcoólicas contrapõe-se à conduta asséptica do atleta, ou a realização de partidas festivas ao final das temporadas, com a reconexão com a experimentação desinteressada do esporte. Práticas que evidenciam a importância de uma compreensão mais abrangente do futebol como fato social, um fenômeno que se desenrola para muito além do espetáculo.

Antecedentes de um debate

Pensar todo um conjunto de expressões esportivas no Brasil, desenvolvido para além do espetáculo, sob o nome de futebol popular é também reconhecer que esse é um fenômeno social que se insere numa vasta discussão, que perpassou diferentes áreas das Humanidades, e que extrapola os debates sobre as práticas atléticas. Há que se lembrar de que a passagem da década de 1970 para a de 1980 foi especialmente profícua para uma variedade de áreas de conhecimento no Brasil, notadamente a Sociologia, a Antropologia, a História e a Geografia, um momento de renovação de conceitos, métodos e objetos de estudo.⁴

Para essa reorientação contribuiu uma conjuntura nacional e internacional que reunia questões como um processo de distensão do regime autoritário no país; a emergência de movimentos sociais articulados a partir do novo sindicalismo, das associações de bairro e das comunidades eclesiais de base; a articulação de grupos ligados aos direitos de mulheres, de negros e da comunidade LGBT; a implantação de programas de pós-graduação em universidades do país e o retorno de intelectuais exilados durante a ditadura civil-militar.

A tudo isso, somava-se a emergência de novas perspectivas teóricas e metodológicas em diversas áreas das Humanidades

4 • CARDOSO, Ruth Corrêa Leite (org.). *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986; FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992; FRÚGOLI Jr., Heitor. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. *Revista de Antropologia (USP)*, 2005, v. 48, n. 1, p. 133-165; MOURA, Rosa et al. “Geografia Crítica: legado histórico ou abordagem recorrente?”. *Biblio 3W*, XIII, 786, p. 1-23, 2008.

que, originadas de debates variados e partindo de pressupostos diferentes, abriam espaço para a incorporação de novos objetos de estudo, criando uma tendência que, cada vez mais, se interessava pelo cenário urbano e pelos grupos anônimos, trabalhadores, subalternos e periféricos que o povoavam. Assim, a passagem dos anos 1970 para os 1980 foi marcada pela produção de pesquisas que investigaram novas formas de organização dos mundos do trabalho,⁵ articulações sociais e políticas dos moradores dos bairros pobres,⁶ o cotidiano de grupos subalternos,⁷ a produção do espaço nas periferias urbanas,⁸ o desenvolvimento de práticas culturais originadas das classes populares,⁹ para ficar apenas em alguns exemplos.

Para tanto, foi fundamental a incorporação de novas estratégias de pesquisa por áreas como a Sociologia, a Antropologia, a História e a Geografia. Foi por meio de uma reorientação

5 • PAOLI, Maria Celia. “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira”. In: LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. São Paulo: Marco Zero, 1987.

6 • SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

7 • CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

8 • KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade: São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

9 • GUEDES, Simoni Lahud. *O Futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação de mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1977; MON-
TES, Maria Lucia A. *Lazer e ideologia, a representação do social e do político na cultura popular*. São Paulo, Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

epistemológica que essas áreas foram capazes de avançar sobre os novos objetos de estudo. Foi notório o esforço de intelectuais em busca da aproximação das lógicas populares, não mais medidas a partir de um esquema teórico antecedente e prognóstico, mas compreendidas em suas estruturas, reconhecendo-se nelas visões de mundo próprias e legítimas.

A grande maioria desses estudos não tinha no futebol o seu foco de interesse, muito menos nas expressões do jogo desenvolvidas por equipes não profissionais organizadas em bairros periféricos ou por grupos de trabalhadores. Isso não impediu, contudo, que, em determinados momentos, o futebol popular fosse citado, em meio a outras formas de associativismo e lazer, em estudos como “Festa no Pedaco” de José Guilherme Magnani,¹⁰ “A política dos outros” de Teresa Caldeira¹¹ e “A máquina e a revolta” de Alba Zaluar,¹² este último publicado originalmente em 1985. Nessa perspectiva, é necessário notar como o tema do futebol popular tem lastro em uma discussão mais ampla sobre formas de organização e de experimentação do lazer pelas classes subalternas.

Foi em meio às transformações no campo das Humanidades vivenciadas entre os anos 1970 e 1980, com a abertura de espaço para novos objetos de estudo, que o fenômeno social do futebol conseguiu se legitimar como tema de pesquisas acadêmicas. A mais celebrada produção dessa fase

10 • MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 146-150.

11 • CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 49.

12 • ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 8.

é, sem dúvidas, a coletânea “Universo do Futebol”,¹³ que abriu espaço para toda uma discussão acerca daquela modalidade esportiva e de seu papel na dramatização da identidade nacional brasileira, tópico que dominou o debate sobre o futebol nos anos que se seguiram.

Apesar da influência do texto de Roberto DaMatta, organizador principal de “Universo do Futebol”, e suas reflexões sobre o futebol e suas possibilidades de dramatizações de identidades, outras discussões também integram a coletânea. Nessa medida, vale destacar o artigo “Subúrbio: celeiro de craques” de Simoni Lahud Guedes,¹⁴ originado de sua precursora dissertação de mestrado “O Futebol Brasileiro – Instituição Zero” de 1977 - e publicada recentemente em formato de livro pela Editora Ludopédio. Baseada em entrevistas com operários moradores do subúrbio carioca, ela explora as expectativas e frustrações daqueles trabalhadores em busca da constituição de uma carreira como futebolistas profissionais. Ainda que não explore a organização do futebol na região, ela apresenta a paisagem periférica e mobiliza as controvérsias da ideia do “celeiro de craques”.

Naquele mesmo ano de 1982, outra compilação de textos foi publicada, “Futebol e Cultura”,¹⁵ com uma produção mais atrelada aos campos da História e da Literatura. Igualmente pioneira, essa coletânea não exerceu a mesma influência em comparação a “Universo do Futebol”. Em meio a seus textos, destaca-se um breve artigo, do historiador e professor da USP,

13 • DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

14 • *Idem*, p. 59-74.

15 • MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982.

José Sebastião Witter, intitulado “A várzea não morreu”,¹⁶ no qual o autor compartilha sua vivência na Associação Atlética Serra Morena e questiona a premissa da morte da várzea, defendendo que a prática seria antes de tudo “um estado de espírito”, independente da materialidade de um campo ou outro, e defendendo o uso da História Oral como meio de registro daquela cultura esportiva. Certamente um dos primeiros textos acadêmicos produzidos sobre o tema.

A questão dos riscos impostos pela transformação urbana sobre o futebol de várzea paulistano já tinha sido objeto de artigo da socióloga Betty Schifnagel, publicado na revista “Cadernos Ceru”.¹⁷ No texto, a autora examina a dúbia relação entre os clubes esportivos populares e os setores imobiliários na região de Pinheiros, que naquele momento passava por uma valorização fundiária e uma renovação arquitetônica.

As discussões sobre as transformações da cidade e as pressões sobre os usos populares dos lugares foram exploradas pela Geografia, a partir da ascensão da chamada perspectiva crítica, mais associada aos estudos urbanos. Vale destacar a professora Odette Seabra, que investigou em sua tese de doutorado, defendida na USP, as transformações das várzeas dos rios Tietê e Pinheiros.¹⁸ A geógrafa ressaltou as relações entre a apropriação imobiliária das margens dos cursos d’água e o desmonte da

16 • *Idem*, p. 101-104.

17 • SCHIFNAGEL, Betty. “Caracterização geral do futebol de várzea como atividade popular de lazer”. *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU*, 12, p. 110-122, 1979.

18 • SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Meandros dos rios nos meandros do poder: Tietê e Pinheiros - valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

rede de campos de jogo utilizados pelos clubes populares, tema tratado mais detidamente em sua livre docência.¹⁹

Mesmo sem um foco específico sobre o futebol de várzea, estudos urbanos na área da Geografia trouxeram reflexões cruciais para a compreensão da inserção da prática esportiva popular em um contexto abrangente de produção do espaço. A centralidade do tema é representada pelo capítulo de fechamento desta coletânea “Do *Quintal* da Casa Verde ao *Retão* do Jaraguá: os campos de futebol popular na reprodução do espaço em São Paulo (SP)”, do geógrafo Alberto Luiz dos Santos. Ao examinar o caso contemporâneo dos campos de futebol de várzea na região do Jaraguá, na capital paulista, em contraste com as transformações, na segunda metade do século XX, no bairro da Casa Verde, na mesma cidade, Alberto oferece uma interessante discussão sobre as dinâmicas de estabelecimento dos lugares do futebol popular ante os processos de expansão da metrópole.

Como apontado, a emergência de discussões acadêmicas sobre temas populares se deu junto a transformações políticas no país, de modo que não é possível dissociar tais estudos de uma agenda de mudança social. Nessa perspectiva, a década de 1990 reverberou uma ação importante que mobilizou reflexões que vinham sendo elaboradas desde os anos 1980. Tratou-se do processo de tombamento do Parque do Povo, um complexo de campos de várzea em São Paulo, ameaçado de extinção, que ganhou a proteção do órgão estadual de patrimônio. Para a elaboração do dossiê foram convocados pesquisadores como José Guilherme Magnani, José Sebastião Witter e Odette Seabra,

19 • SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

todos com uma aproximação anterior ao tema.²⁰ Apesar do reconhecimento, o complexo não sobreviveu à renovação urbana da região, sendo extinto nos anos 2000.²¹

As pesquisas sobre modos de vida populares e urbanos influenciaram os estudos empíricos e conceituais das práticas e eventos esportivos a partir dos anos 1990, então dedicados a uma análise processual, relacional e situacional, que evitava certas generalizações e essencializações, tomando o futebol como um fenômeno multifacetado a ser dissecado em seus domínios rituais e cotidianos. Se, por um lado, as dramatizações, como instrumentos conceituais de mediação entre a sociedade e o futebol, ainda vigoravam na bibliografia da época, principalmente nos trabalhos preocupados em analisar o futebol como elemento constitutivo da identidade nacional, por outro, as pesquisas relacionavam práticas esportivas, conflito e sociabilidade urbana, em especial aquelas sobre as performances cidadinas, políticas e estéticas das torcidas organizadas.²²

Nesse movimento de sedimentar e refinar os arcações teórico-metodológicos, sob um conjunto versátil de inspirações conceituais e teóricas, a crescente produção dos anos 1990, mesmo que de forma pontual, promoveu outros temas e abordagens para além das dinâmicas que envolviam o jogar e o torcer no campo profissional, como mostram a pesquisa de Fatima

20 • MAGNANI, José Guilherme; MORGADO, Naira. “Futebol de várzea também é patrimônio”. *Revista do Patrimônio*, 24, p. 175-184, 1996.

21 • SCIFONI, Simone. “Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*, 21, 2, p. 125-151, 2013.

22 • TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2004.

Antunes²³ sobre as relações de trabalho fabris e o futebol praticado por jogadores-funcionários, e os estudos de José Sérgio Leite Lopes²⁴ sobre as trajetórias de jogadores vinculados ao futebol das fábricas e empresas. Contudo, até aquele momento, a literatura, com algumas exceções,²⁵ não se debruçava sobre as expressões populares do futebol, como a “pelada”, o futebol de várzea, e as formas de sociabilidade que as envolvem.

Ressalva que não ofusca outra constatação: a produção desse período se propôs, em uma continuidade crítica aos estudos inaugurais, a investigar dinâmicas e práticas constitutivas do processo de incubação de um ethos futebolístico no Brasil. A pesquisa histórica de Leonardo Affonso de Miranda Pereira,²⁶ um dos marcos desse período, mapeou os significados que o futebol assumiu ao longo das primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro, então capital da República, e analisou os elementos que envolveram o desenvolvimento de uma experiência cultural que viria a se tornar hegemônica no cenário esportivo brasileiro, inclusive como expressão de uma identidade nacional em construção. Apesar de não ser seu foco principal,

23 • ANTUNES, Fatima. M. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

24 • LEITE LOPES, José S. “Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária”. *Cadernos AEL*, v. 16, n. 28, p. 13-39, 2010.

25 • VILLELA, Jorge Luiz Mattar. “Por uma etnografia da pelada: descrição de um caso”. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n. 5, 1997; SANTOS, Marco Antonio da Silva. *Futebol de várzea como espaço de sociabilidade*. 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

26 • PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ao adotar procedimentos da história social, o pesquisador foi capaz de ver agremiações das classes trabalhadoras e pobres que se espalharam pelos arrabaldes da cidade, apontando para outras experiências esportivas que se desenrolavam em paralelo à afirmação de uma elite de clubes voltados ao espetáculo.

A qualidade e abrangência da pesquisa de Pereira, entretanto, não esgotaram os recortes e episódios da complexa história social de produção do futebol dentro e fora do Rio de Janeiro. O capítulo de Glauco José Costa Souza, “Campeonatos Suburbanos no Rio de Janeiro: dos primórdios até os anos 1930”, aborda as particularidades, embates e conflitos que permearam o desenvolvimento do futebol nas regiões suburbanas cariocas no início do século XX, quando clubes de menor expressão desenhavam e ocupavam ativamente espaços e competições próprios, ao mesmo tempo em que se articulavam às dinâmicas e interesses das ligas e clubes de elite durante o período que ficou conhecido como Profissionalismo Marrom, revelando assim o importante papel das ligas suburbanas de áreas mais distantes da metrópole no processo de construção de uma forte cultura esportiva na sociedade carioca.

A centralidade histórica do eixo Rio de Janeiro-São Paulo nos estudos sobre o futebol brasileiro também passa a ser reavaliada por uma produção preocupada não somente com as particularidades dos contextos estudados, mas também em deslocar o olhar para outras paisagens futebolísticas. Nesse sentido, a pesquisa de Gilmar Mascarenhas de Jesus²⁷ é exemplar, pois evidencia as condições e bases geográficas da configuração socioespacial do Rio Grande do Sul e seu papel na introdução,

27 • JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

disseminação e consolidação do futebol nos campos e planaltos gaúchos. Ao olhar para a formação geográfica das cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre dos séculos XIX e XX, Mascarenhas mostra como o advento do futebol em novos territórios adquire ritmos diferentes a depender das singularidades e elementos constitutivos do lugar (geográficos, históricos, políticos, econômicos, culturais, redes de comunicação), como a imigração, as atividades industriais, o movimento portuário para a exportação do charque, a incipiente integração territorial brasileira e o estreitamento de laços fronteiriços com os países platinos.

A urgência de contemplar tal diversidade regional nos estudos sobre as expressões populares do futebol vem, aos poucos, assegurando uma maior representatividade no campo acadêmico-esportivo, como revela o capítulo de Francisco Xavier Freire Rodrigues e Sizernandes Freire de Oliveira, “Futebol amador no Centro-Oeste brasileiro: as particularidades do Peladão em Cuiabá/MT”, sobre a organização de clubes, jogadores e torcidas naquela região do país, mais especificamente a partir das dinâmicas cidadinas do Peladão, campeonato que articula aspectos sociais e culturais terminantes para compreender a prática do futebol na região metropolitana de Cuiabá.

Categorizar futebóis

Os anos 2000 apresentaram uma expressiva produção que, em um cenário acadêmico e esportivo que passava por intensas transformações no Brasil, saltou “de uma produção em escala artesanal na década de 1980 (ou sem escala, para ser preciso), para uma produção em regime quase industrial nas décadas

seguintes”.²⁸ Neste período de consolidação institucional dos estudos do esporte, quando as investigações, outrora contingentes, tornaram-se mais sistemáticas com a ampliação do *corpus* empírico e temático, alguns trabalhos se destacaram por formularem, em diálogo com o que era produzido dentro e fora do Brasil, novas vertentes explicativas e teóricas, como a de *campo futebolístico*,²⁹ um arranjo etnográfico recortado por alguns agentes – profissionais, especialistas, torcedores – que se relacionam e circulam por diversos espaços rituais e cotidianos ligados ao futebol profissional, no que o autor, posteriormente, viria a definir como *modelo das posições [em relação]*.³⁰

Este e outros modelos, que se dedicaram a exercícios interpretativos e conceituais para um campo ainda em consolidação, contribuíram, com diferentes rendimentos, para o fortalecimento teórico de um programa de estudos que, até então, se notabilizava pela originalidade de seus enfoques empíricos (documentais e etnográficos), relacionados em sua maioria às dinâmicas do futebol profissional. Perante a hegemonia dessa esfera, Arlei Damo³¹ colocou em perspectiva a diversidade

28 • DAMO, Arlei Sander. “Novas abordagens sobre o esporte em ciências humanas no Brasil”. In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo; GIGLIO, Sérgio (org.). *Entre Jogos e Copas – reflexões sobre uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios, p. 330-350, 2016, p. 338.

29 • TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

30 • TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcer. Perspectivas analíticas em Antropologia das Práticas esportivas*. Tese de titularidade, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

31 • DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007.

configuracional das *matrizes futebolísticas*³² a partir de seus vários elementos constitutivos (tempo, espaço, público, rede de relações, divisão social do trabalho), alargando assim a compreensão dos *futebóis* – no plural – praticados e vivenciados nos espaços das grandes, médias e pequenas cidades.

Recentemente, Damo fez uma releitura da sua proposta inicial, assumindo a categoria de circuitos futebolísticos para enfatizar a ideia de fluxo e conectividade da diversidade de futebóis. Reflexão que dialoga com o capítulo de Mauro Myskiw, “O circuito varzeano em Porto Alegre”, sobre as controvérsias que envolvem dois movimentos (circunscrição-purificação, circulação-hibridização) do circuito do futebol de várzea da região metropolitana de Porto Alegre. Com base em uma pesquisa etnográfica multissituada, que busca seguir os atores sociais e trajetórias de vida pelos espaços-tempos da várzea e da cidade, Mauro descortina as lógicas e singularidades de uma configuração futebolística heterogênea que agrega múltiplos significados e diversas vivências urbanas e cotidianas.

Esse ímpeto teórico e classificatório, que continua a inspirar novas reflexões, teve vários desdobramentos nas últimas duas décadas, inclusive estimulando uma profusão de categorias e terminologias, muitas delas êmicas, que buscam descrever e sistematizar a diversidade de formas de se viver e jogar em diferentes contextos futebolísticos no Brasil. Algumas dessas propostas podem ser observadas no capítulo de Luiz Carlos Rigo,

32 • A arrojada classificação de Damo dividiu as práticas futebolísticas em quatro matrizes: a *comunitária*, que se aproxima do que é entendido aqui como futebol popular, é uma configuração intermediária dotada de um sistema organizado e complexo, mais padronizado que a pelada (*bricolada*), porém sem um corpo administrativo do alcance do sistema regido pela FIFA (*espetacularizada*) e sem a perspectiva pedagógica característica nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física (*escolar*).

Daniel Vidinha da Silva e Leonardo Costa da Cunha, “O Futebol Infame no Interior do Rio Grande do Sul”, que aborda três experiências distintas no interior do Rio Grande do Sul – o futebol de bairro de Pelotas, o futebol colonial pelotense e o futebol amador de São José do Norte – que, segundo os autores, estão à margem do futebol vivido e jogado profissionalmente, e assim reunidas sob a categoria *futebol infame*, expressão de inspiração foucaultiana que dá continuidade a outros esforços empíricos³³.

Todo esse debate levou, a partir dos anos 2000, à emergência de uma bibliografia acadêmica específica sobre a pluralidade de futebolis (para além do circuito espetacularizado), fomentada pela produção de pesquisas circunscritas a expressões do que estamos chamando de futebol popular, as quais assumiram enquadramentos diversos, permitindo exercícios comparativos sobre aspectos elementares aos futebolis: a diversidade organizacional no futebol de várzea (campeonatos, ligas, clubes, divisão por quadros ou categorias); modos de fazer, jogar e torcer (dimensões do campo, regras, número de jogadores, equipamentos, arbitragem); construção de redes de relações cotidianas (sociabilidades, reciprocidades, alianças, amizades, parentesco, redes econômicas e de trabalho); produção de conflitos, tensões e rivalidades; delimitação de diferenças com base em certos marcadores sociais (questões de gênero, raça, sexualidade, geração e classe).

Além disso, esse conjunto diversificado de pesquisas tem procurado dialogar com dinâmicas que não necessariamente estão restritas ao universo do esporte. Pesquisadoras e pesquisadores se movimentam por entre fronteiras epistemológicas para explorar os diferentes recortes, temas e contextos das

33 • RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Pelotas, Editora Universitária UFPel, 2004.

muitas expressões de um futebol popular. Abaixo, algumas questões e abordagens:

- Formas de organização do futebol de várzea como prática de lazer e sociabilidade:

SANTOS, Marco Antonio da Silva. Futebol de várzea como espaço de sociabilidade (2001);

GONÇALVES, Alana Mara Alves. Futebol amador: campo emergente de sociabilidade (2002);

BAULER, Sílvia Regina Godinho. O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana (2005);

LOPO, Rafael. M. É o fim da várzea? Ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre (2008).

PEREIRA, Tatiana Rovina Castro. Interação, sentido e visibilidade no futebol de várzea em São Paulo: sujeitos, comunidades, marcas e uma cidade em jogo (2012);

GOMES, Lívio Rodrigues. Entre campos e cantos: para uma sociologia do futebol amador (2013).

- Duração temporal, memórias e trajetórias da prática e dos atores sociais:

SILVA, Diana Mendes Machado da. A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950) (2013);

RIBEIRO, Raphael Rajão. A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989) (2021).

- Circuitos e redes de relações tecidas pelo futebol amador:

SILVA, Joanna Lessa Fontes. Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional (2009).

OLIVEIRA, Allan de Paula; SOUZA, Hélder Cyrelli; MACHADO, João Castelo Branco. O futebol da contracapa (2012);

MYSKIW, Mauro. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre (2012);

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara (2014);

OLIVEIRA, Sizernandes Freire de. Aspectos sociais e culturais sobre o futebol amador em Cuiabá: um estudo sobre o campeonato de futebol Peladão (2018).

- Tramas urbanas, cotidianas e políticas que permeiam os ambientes varzeanos:

HIRATA, Daniel Veloso. O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo (2005);

SPAGGIARI, Enrico. Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulistana (2016);

SILVA, Roberta Pereira da. Campo de terra, Campo da Vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube (2017).

- Processos de urbanização e territorialidades:

SILVA, Alexander Batista e. Territórios peladeiros da periferia proletária de Goiânia: o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço (2008);

GONÇALVES, Glauco Roberto. A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha (2011).

- Formas associativas, comunitárias e de parentesco em regiões e bairros rurais:

SPAGGIARI, Enrico. “Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural” (2008);

PIMENTA, Rosângela Duarte. Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão (2009).

- Práticas de liberdade, relações de poder e formas de resistência,

BEVERARI, Rafael Firmino. Futebol de Várzea: berço de insubordinações (2009);

FAVERO, Raphael Piva Favalli. A várzea é imortal: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana (2019);

ROSENBERG, Caio. O projeto do Parque Campo de Marte: estudo de caso sobre a desestatização dos espaços urbanos em São Paulo (2017-2020) (2020).

Insurgências e resistências

Essas interfaces anunciam novos caminhos e arranjos teórico-metodológicos que buscam mapear, com os devidos e tardios aprofundamentos, uma profusão de circuitos futebolísticos para além dos futebolis tradicionalmente observados, como apontou Damo.³⁴ A despeito da hegemonia futebolística espetacularizada, consolidada pela produção das décadas anteriores, observa-se uma dispersão temática na produção acadêmica, bem como nos espaços de manifestação e participação política, que tem descortinado um universo heterogêneo de expressões dissonantes e modos cotidianos de vivenciar a prática, com um olhar atento para os engajamentos e formas de resistência de pessoas e grupos aos quais a experiência do futebol foi, durante muito tempo, cerceada ou restrita por modelos classificatórios, reguladores e purificadores.

O capítulo de Rodrigo Chiquetto, “O futebol como resistência em Manaus (AM)”, analisa e sintetiza, em uma perspectiva etnográfica, algumas ações sensíveis e pragmáticas formas de resistência cotidiana no circuito do futebol amazonense, especialmente no contexto do campeonato Peladão de Manaus. As práticas lúdicas e esportivas de boleiros e boleiras, inclusive crianças e indígenas, são vertebradas por táticas, pertencimentos e arranjos criativos que reconfiguram experiências urbanas em meio a tensões e enfrentamentos citadinos relacionados a questões de gênero e sexualidade, mas também a narrativas indígenas, o que permite interessantes aproximações e diálogos

34 • DAMO, Arlei. “Futebolis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez. 2018.

com pesquisas etnológicas sobre a prática futebolística e outras apropriações esportivas em contextos ameríndios.³⁵

As pesquisas sobre o futebol de mulheres, especificamente, têm revelado um universo heterogêneo de práticas vivenciadas em diferentes contextos, buscando compreender os agenciamentos locais, particulares e criativos para além da estrutura institucional, mercadológica e midiática associada ao circuito espetacularizado.³⁶ Ao questionarem as assimetrias de gênero, bem como a naturalização de outros marcadores, como sexualidade, raça, geração e classe, tais estudos têm estimulado o interesse por novos temas e abordagens de pesquisa.

O ambiente sexista e heteronormativo do futebol popular, ainda fortemente generificado, sempre contou com a presença das mulheres como jogadoras, torcedoras e dirigentes, como mostra o capítulo de Aira Bonfim e Giovana Capucim e Silva, “Experiências do futebol popular de mulheres: os subúrbios

35 • FASSHEBER, José. *Etno-desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*. Campinas, Tese de doutorado, Unicamp, 2006; VIANNA, Fernando B. *Boleiros do cerrado. Índios Xavantes e o futebol*. São Paulo: Annablume/FAPESP/ISA, 2008; COSTA, Carlos Eduardo. *Kindene hekugu: Uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu*. Tese (Doutorado) em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

36 • SILVA, Giovana Capucim e. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017a; PISANI, Mariane da S.. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2018; BONFIM, Aira. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

cariocas e a várzea paulistana (1930-1980)”. Com base em suas pesquisas de mestrado, que se valem de diversas fontes historiográficas (jornais, revistas, acervos iconográficos institucionais e pessoais), Aira e Giovana recuperam e analisam o engajamento de diferentes grupos sociais de mulheres nos vários futebolis ao longo do século XX, passando pelos picadeiros circenses e campos suburbanos cariocas, antecedentes silenciados nas páginas de jornais; pelo Decreto-Lei de 1941 que “tentou” proibir algumas modalidades para mulheres; pelos festivais varzeanos na cidade de São Paulo durante o período da ditadura civil-militar; até alcançar os momentos de revogação da proibição em 1979 e de regulamentação do futebol de mulheres no Brasil em 1983.

Em meio a disrupções e resistências, existem múltiplas expressões insurgentes de um futebol popular pouco visibilizado, mas denso e rico em experiências de mulheres diante dos desafios, opressões e tensionamentos inerentes a um campo esportivo androcêntrico, como bem revela o desenvolvimento do futebol feminino na cidade do Recife, tema do capítulo de Caroline Soares de Almeida, Mariane Pisani e Maria Círcia de Souza Gomes. Valendo-se de diferentes abordagens metodológicas, as autoras partem de uma discussão sobre a atuação do Conselho Nacional de Desportos (CND) enquanto principal órgão de regulação esportiva (no caso das mulheres, de vigilância e repressão) no Brasil na segunda metade do século XX para analisar a atuação de diferentes agentes (jogadoras do Coisinha do Pai, Federação Pernambucana de Futebol, *Diário de Pernambuco*, Prefeitura do Recife) e, assim, compreender a atualidade – desafios, conflitos, busca por visibilidade – da prática do futebol de mulheres no Recife, especialmente por meio de pesquisa etnográfica com o time amador Aurora Futebol Clube.

O aprofundamento das pesquisas sobre as práticas e agentes sociais que compõem o circuito do futebol de mulheres, além de problematizar a hegemonia futebolística associada a um

modelo de gênero orientado por um binarismo que privilegia o que é adjetivado como masculino, aponta para a emergência de linhas de pesquisa promissoras que, ao relacionarem expressões populares com certos marcadores como raça e juventude,³⁷ propiciam uma renovação das discussões essencializadoras que, por vezes, ocupam as análises sobre os fluxos identitários nos circuitos futebolísticos.

Propostas como essas, que trazem novos olhares, paradigmas e tendências, não somente ampliam o horizonte de estudos dos futebolis, como também retomam e visibilizam temáticas insurgentes acionadas em espaços políticos e coletivos de discussão, contribuindo assim para o debate, na esfera pública, sobre as muitas assimetrias e intolerâncias que, historicamente, comprometem certas práticas culturais e esportivas.

Do contra hegemônico ao popular

São muitos (e antigos) os contrassensos e estigmas que acompanham o futebol popular, esse conjunto eclético de práticas que assume significados mais densos quando entendidas como modos de vida e expressões criativas e estilizadas das classes populares. Reconhecido pela participação de grupos populares – negros e pobres, periféricos e suburbanos –, cujos corpos performam sob controles e regimes de biopoder, o futebol popular desenhou, na contramão dos discursos modernizadores cíclicos manipulados pelos inquisidores daquilo que é considerado

37 • SILVA, Roberta Pereira da. *Campo de terra, Campo da Vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube*. Dissertação (Mestrado), Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017b.

tradicional e ligado à cultura popular,³⁸ uma trajetória muito particular em meio às dinâmicas socioculturais e dilemas políticos de um país em processo de integração nacional, transformação urbana e crescimento industrial.

Pesquisar o futebol popular é explorar uma miríade de práticas, modos de vida, espaços e atores sociais que extrapolam os domínios esportivos para um campo de disputas constituído por diferentes experiências estéticas e políticas. As relações entre futebol e política, há muito observadas no universo esportivo, inclusive em suas manifestações mais informais, cotidianas e populares, carregam múltiplas agências, intencionalidades e discursividades que podem (e devem) ser inquiridas com mais apuro. As redes sociopolíticas que envolvem o futebol popular, mesmo quando locais e circunscritas, podem ser tão complexas quanto as que capitalizam as dinâmicas institucionais, extensas e globais do circuito espetacularizado. As mesmas práticas que, ao se alimentaram dos saberes e de modos de fazer cotidianos, colocam grupos, bairros, cidades e a própria sociedade em movimento, podem, em suas expressões mais estruturadas, apresentar gestões político-econômicas intrincadas e, por vezes, excludentes. São as flutuações por entre os vários espaços e tempos do jogo vivido que permitem compreender as inúmeras transformações pelas quais vem passando o futebol popular.

Essa coletânea, cujo primeiro capítulo aqui se encerra convidando à leitura dos capítulos que o sucedem, não tem a pretensão de oferecer um balanço unidimensional, exaustivo e definitivo do que tem se produzido sobre o futebol popular nas ciências humanas brasileiras. Afinal, como estabilizar tais flutuações e matizes? Mesmo sua aparente linearidade, sugerida pela divisão do livro inicialmente por contribuições de orientação

38 • SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático Na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

diacrônica e depois por perspectivas sincrônicas, pode ser facilmente embaralhada, como esta apresentação exemplifica, com os capítulos sendo acionados fora da ordem sumarizada. Não há como enquadrar uma prática que se alimenta de dinâmicas populares – suas contradições, contrausos e posturas transgressoras.

Portanto, trata-se de um tema em constante atualização, que ainda pode ser explorado por contribuições arrojadas e desgarradas de predefinições e certezas, em um esforço interdisciplinar e transregional, cruzando demarcações epistemológicas e colocando em diálogo o que tem sido produzido em diferentes regiões. Afinal, há uma pluralidade de futebóis a ser mapeada por novos modelos teóricos e investimentos metodológicos que coloquem em perspectiva os processos e situações, bem como os conflitos e tensões. Somente assim, enfatizando o caráter relacional de práticas vivenciadas por uma multiplicidade de atores sociais, é possível escapar de essencializações inoperantes que homogeneízam paisagens difusas e heterogêneas ou que as reduzem por meio de esquematizações dualizadas e purificadoras, como amador e profissional.

A própria fluidez do termo futebol popular, cuja elasticidade transpõe uma mera questão terminológica, aponta para um cenário fugidio e diversificado de práticas futebolísticas e categorias êmicas, ao mesmo tempo que procura, num esforço comparativo e dialógico, instituir debates de fronteira com pesquisas sobre outras modalidades esportivas, bem como incorporar à análise diferentes atividades e experiências populares que muitas vezes não são capturadas pelas definições institucional ou acadêmica de esporte.

São muitos os espaços e caminhos para deslocar as discussões e alimentar novas proposições sobre as diferentes expressões do futebol popular. O principal, entretanto, é essa produção estar atenta, de forma ousada e crítica, aos dinamis-mos de uma prática que rejeita configurações convencionais.

Se, por um lado, as reflexões não podem ser dissociadas dos conceitos e esquemas analíticos forjados ao longo de décadas, por outro, não podem ficar presas a eles. Nesse sentido, o campo de estudos, tal como o próprio futebol popular, tem que driblar enquadramentos rígidos e resistir a tentações estabilizadoras.

Bibliografia

- ANTUNES, Fatima. M. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BAULER, Silvia Regina Godinho. *O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de pós-graduação em Educação Física, Porto Alegre, 2005.
- BEVERARI, Rafael Firmino. *Futebol de Várzea: berço de insubordinações*. PUCSP, Faculdade de Ciências Sociais, Relatório Final do projeto de iniciação científica. São Paulo, 2009.
- BONFIM, Aira. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo, Editora UNESP, 1995.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite (org.). *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2001.
- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- COSTA, Carlos Eduardo. *Kindene hekugu: Uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu*. Tese (Doutorado) em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 2007.
- _____. “Novas abordagens sobre o esporte em ciências humanas no Brasil”. In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Jeancarlo; GIGLIO, Sérgio (org.). *Entre Jogos e Copas – reflexões sobre uma década esportiva*. São Paulo, Intermeios, p. 330-350, 2016.
- DAMO, Arlei. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez. 2018.
- FASSEBER, José. *Etno-desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*. Campinas, Tese de doutorado, Unicamp, 2006.

- FAVERO, Raphael Piva Favalli. *A várzea é imortal: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto, UFOP, 1992.
- FRÚGOLI JR., Heitor. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. *Revista de Antropologia (USP)*, 2005, v. 48, n. 1, p. 133-165.
- GOMES, Lívio Rodrigues. *Entre campos e cantos: para uma sociologia do futebol amador*. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- GONÇALVES, Alana Mara Alves. *Futebol amador: campo emergente de sociabilidade*. 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- GONÇALVES, Glauco Roberto. *A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha*. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação de mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1977.
- _____. “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- HIRATA, Daniel Veloso. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo*. 2005. 152f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- KESSLER, Claudia Samuel. *Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2015.
- KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade: São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LEITE LOPES, José S. “Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária”. *Cadernos AEL*, v. 16, n. 28, p. 13-39, 2010.
- LOPO, Rafael. M. *É o fim da várzea? Ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre*. Monografia (Conclusão de Curso) – Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme; MORGADO, Naira. “Futebol de várzea também é patrimônio”. *Revista do Patrimônio*, 24, p. 175-184, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982.
- MONTES, Maria Lucia A. *Lazer e ideologia, a representação do social e do político na cultura popular*. São Paulo, Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

- MOURA, Rosa *et al.* “Geografia Crítica: legado histórico ou abordagem recorrente?”. *Biblió 3W*, XIII, 786, p. 1-23, 2008.
- MYSKIW, Mauro. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- OLIVEIRA, Allan de Paula; SOUZA, Hélder Cyrelli; MACHADO, João Castelo Branco. *O futebol da contracaça. Curitiba, Máquina de Escrever*, 2012.
- OLIVEIRA, Sizernandes Freire de. *Aspectos sociais e culturais sobre o futebol amador em Cuiabá: um estudo sobre o campeonato de futebol Peladão*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). PPGECO- Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2018.
- PAOLI, Maria Celia. “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira”. In: LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. São Paulo, Marco Zero, 1987.
- PEREIRA, Leonardo A. M.. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- PEREIRA, Tatiana Rovina Castro. *Interação, sentido e visibilidade no futebol de várzea em São Paulo: sujeitos, comunidades, marcas e uma cidade em jogo*. 2012, 236 f. Dissertação (mestrado em Comunicação e Semiótica), Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- PIMENTA, Rosângela Duarte. *Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão*. 2009. 224 f. Tese (Doutorado), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

- PISANI, Mariane da S.. *“Sou feita de chuva, sol e barro”*: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2018.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*. Tese de doutorado em História, Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC, Rio de Janeiro, 2021.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Pelotas, Editora Universitária UFPel, 2004.
- ROSENBERG, Caio. *O projeto do Parque Campo de Marte: estudo de caso sobre a desestatização dos espaços urbanos em São Paulo (2017-2020)*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, Marco Antonio da Silva. *Futebol de várzea como espaço de sociabilidade*. 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- SCHIFNAGEL, Betty. “Caracterização geral do futebol de várzea como atividade popular de lazer”. *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU*, 12, p. 110-122, 1979.
- SCIFONI, Simone. “Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*, 21, 2, p. 125-151, 2013.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Meandros dos rios nos meandros do poder: Tietê e Pinheiros - valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Alexander Batista e. *Territórios peladeiros da periferia proletária de Goiânia: o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço*. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, 2008.
- SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- SILVA, Giovana Capucim e. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro, Drible de Letra, 2017.
- SILVA, Joanna Lessa Fontes. *Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional*. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- SILVA, Roberta Pereira da. *Campo de terra, Campo da Vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube*. Dissertação (Mestrado), Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SPAGGIARI, Enrico. “Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 14, n. 30, jul/dez, 2008, p. 165-190.

- _____. *Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulistana*. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2016.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2004.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.
- _____. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- _____. *Torcer. Perspectivas analíticas em Antropologia das Práticas esportivas*. Tese de titularidade, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- VIANNA, Fernando B. *Boleiros do cerrado. Índios Xavantes e o futebol*. São Paulo: Annablume/FAPESP/ISA, 2008.
- VILLELA, Jorge Luiz Mattar. “Por uma etnografia da pelada: descrição de um caso”. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n. 5, 1997.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAPÍTULO 2

CAMPEONATOS SUBURBANOS

NO RIO DE JANEIRO: DOS

PRIMÓRDIOS ATÉ OS ANOS 1930

Glauco José Costa Souza

Introdução

O futebol suburbano do Rio de Janeiro é bastante conhecido entre os amantes desse esporte como um “celeiro de craques” dos grandes clubes cariocas e do restante do país. Foram dos bairros que ladeiam os trilhos do trem que saíram jogadores como Romário, Ronaldo e Zico, por exemplo, demonstrando a força dessa prática esportiva na região.

Assim, cabe-nos perguntar: desde quando o futebol é jogado nos subúrbios do Rio de Janeiro? A pergunta ganha ainda mais força quando nos deparamos com narrativas que limitam a sua prática aos grupos mais elitistas da Cidade Maravilhosa, algo que, como poderemos ver ao longo deste texto, não condiz com o que realmente aconteceu. Desta forma, podemos dizer que desde que o futebol chegou ao Rio de Janeiro, ele passou a ser jogado também nas regiões suburbanas.

Entendendo o subúrbio do Rio de Janeiro como as regiões em torno do centro ocupadas majoritariamente (mas não exclusivamente) por homens e mulheres que vieram no início do século XX da região Central e da Zona Sul, sem grande poder aquisitivo ou status social, encontramos registros da prática futebolística desde 1903. Naquele ano, no bairro do Andaraí, foi fundado o Football & Athletic Club, e no ano seguinte, no bairro do Bangu, surgiu o Bangu Athletic Club. Ambas as equipes tiveram fundações próximas às de outros clubes tradicionais e ligados à Zona Sul, como o Fluminense Football Club, de 1902, e o Botafogo Football Club, de 1904. Dessa forma, podemos perceber que a prática do futebol, em termos geográficos, não se manteve restrita a uma única região, ainda que isso não signifique que todos pudessem participar do jogo de bola da mesma forma, haja vista a existência de diferenças socioeconômicas entre os agentes.

Vários clubes suburbanos surgiram nesse período, ainda que muitos não tenham tido sobrevivência longa. Em 14 de novembro de 1905, por exemplo, o jornal *Gazeta de Notícias* informava que a partida entre o Club Athletico do Meyer e o Joung's Football Club, no bairro do Meier, “correu animada, mostrando ambos os competidores o perfeito conhecimento do jogo”.³⁹ O Athletic Club Mangueira, da região da Mangueira, nasceu nesse mesmo mês e ano, graças à ação de “grande número de rapazes fortes e conhecedores deste salutar sport”.⁴⁰ Antes, no entanto, em 19 de outubro de 1905, foi a vez do Riachuelo Football Club, do bairro do Riachuelo. Todavia, foi em 1906 que ocorreu um grande *boom* na criação de entidades esportivas para a prática futebolística nos subúrbios carioca, como a fundação do Pedregulho, do bairro de Benfica, no dia 3

39 • *Gazeta de Notícias*, 15/11/1905, p. 03.

40 • *Gazeta de Notícias*, 15/11/1905, p. 03.

de maio de 1906, mesmo dia em que começou o torneio da Liga Metropolitana de Futebol.

Neste sentido, se em 1906 a Liga Metropolitana de Futebol, sob a liderança do Fluminense, deu início à competição que ficaria marcada como o Campeonato Carioca, em 1907, nos subúrbios, um processo semelhante já era estruturado:

*Nos subúrbios os matchs de domingo. Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra cousa. Domingo ultimo foram disputados vários matchs.*⁴¹

Chamada de Liga Suburbana de Futebol, a primeira competição de grande porte que temos registros de ter acontecido nos subúrbios cariocas foi uma consequência do desenvolvimento deste esporte naquelas regiões, como podemos verificar pelo surgimento de diversas entidades esportistas. Seu início aconteceu em 1907 e congregou para a sua edição inaugural “sociedades congêneres, não filiadas à Liga dos Sports Athleticos [novo nome da Liga Metropolitana de Futebol]”,⁴² estas, importante destacar, não eram exceção no universo futebolístico do Rio de Janeiro, pois havia “cerca de doze a quinze clubes fora da Liga Metropolitana, alguns dos quais bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra”.⁴³

Dessa forma, podemos ver que o surgimento da Liga Suburbana não se configurou como um caso atípico ou extraordinário dentro do futebol carioca, mas sim um símbolo de seu desenvolvimento por diversas regiões e não restrito àquelas

41 • *Gazeta de Notícias*, 28/03/1907, p. 04.

42 • *O Paiz*, 21/03/1907, p. 04.

43 • *O Paiz*, 15/03/1907, p. 04.

em que jogavam os homens de maior poder aquisitivo ou melhor *status* social.

A Liga Suburbana de Futebol e o desenvolvimento esportivo no Rio de Janeiro

A Liga Suburbana de Futebol começou em 05 de maio de 1907 e contou com a participação dos seguintes clubes: Riachuelo Football Club, Sport Club Mangueira, Nacional Football Club, Pedregulho Football Club e Sampaio Football Club. O torneio foi disputado apenas na primeira divisão, mas contou com a sua separação entre o primeiro e segundo times das equipes associadas, uma vez que na época não havia substituição e era possível separar os jogadores entre os “principais” e os “reservas”.

Em 1908, a Liga Suburbana de Futebol deu sequência aos seus jogos sem a participação dos dois vencedores do ano anterior, pois, além do Mangueira, o Riachuelo também a deixou. Os motivos para esta decisão, entretanto, estavam longe de ser um possível desinteresse de seus associados pelo futebol ou mesmo para as práticas esportivas. A realidade do clube dos irmãos Joppert era bem distinta disso:

Vão muito adiantados os trabalhos da construção do ground deste club.

O campo, que fica splendidamente localizado em ângulo da rua Vinte Seis de Maio e Conselheiro Castro, na estação Riachuelo, tem grande largura, maior comprimento [...].

Agora mesmo, no intuito de treinar os associados, visto como desligou-se da Liga Suburbana, este clube acaba de instituir o Campeonato Jupyra que será disputado anualmente somente pelos teams compostos de seus associados.

*Bravo ao Riachuelo!*⁴⁴

O exemplo do Riachuelo não é um caso isolado nas regiões suburbanas do Rio de Janeiro. Assim como ele, muitos clubes não faziam parte da Liga Suburbana e nem por isso tinham restringido o seu desenvolvimento esportivo. O Centro Sportivo do Engenho Velho, por exemplo, é um caso que possui em 1907 “um centro de diversão e de desenvolvimento physico perfeito e completo para as crianças, rapazes e senhoritas”.⁴⁵

Os subúrbios do Rio de Janeiro, a despeito da organização de grandes competições, conheciam um grande desenvolvimento esportivo já na primeira década do século XX, até porque algumas de suas equipes buscavam espaço em competições que eram disputadas por instituições para além das existentes nas regiões suburbanas. Se em 1907 o S.C. Mangueira disputou e rompeu com a Liga Suburbana de Futebol e em 1908 organizou apenas torneios entre os seus sócios, em 1908 ele já estava filiado à Liga Metropolitana de Sports Athleticos e disputou as suas divisões inferiores, o que também aconteceu com o Riachuelo.

Essa realidade nos ajuda a entender o enfraquecimento na cobertura por parte da imprensa da própria Liga Suburbana de Futebol nos anos subsequentes à sua inauguração. Os principais jornais da cidade, como *Gazeta de Notícias*, o *Paiz*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, traziam poucas informações sobre o

44 • *O Paiz*, 24/05/1908, p. 08.

45 • *Jornal do Brasil*, 28/07/1907, p. 10.

andamento e até mesmo a existência da competição, ao passo que a imprensa nos subúrbios, por sua vez, se mostra com poucos registros disponíveis para que possamos conhecer alguns acontecimentos desse período. Desta forma, ainda que tenhamos algumas informações sobre ações da Liga Suburbana em 1908 e 1909, foi somente em 1912 que encontramos fontes que falam sobre a tentativa de sua (re)organização.

Naquele mesmo ano, ocorreu em 3 de novembro a criação do Engenho de Dentro Football Club, como um dos símbolos do desenvolvimento futebolístico na região. Em 1916, a instituição mudou seu nome para Engenho de Dentro Athletic Club e, no seu bairro, por iniciativa do periódico *Gazeta Suburbana*, foram intensificados os preparativos para efetivar o que antes estava apenas no campo das tentativas: a volta da Liga Suburbana de Futebol.

Amanhã, ao meio-dia, na redacção da Gazeta Suburbana, no Engenho de Dentro, effectua-se mais uma reunião dos foot-balers suburbanos.

Nesta reunião ficarão estabelecidas definitivamente as bases e as condições do torneio para a disputa da taça, instituída por aquele semanário. Serão, outrossim, discutidas as bases geraes para a fundação da “Liga Suburbana de Foot-Ball”, de accordo com os desejos manifestados em reuniões anteriores.

Não tendo sido enviados convites especiaes, os promotores deste movimento em prol do sport nos subúrbios pedem o comparecimento das directorias que

*estiveram presentes na última reunião e das directorias dos demais clubs suburbanos de foot-ball.*⁴⁶

A informação acima nos apresenta dois aspectos importantes para pensarmos as regiões suburbanas. O primeiro deles está ligado ao apoio de um importante órgão de imprensa local para as práticas esportivas: a *Gazeta Suburbana*, que circulou no início da década de 1910 até pelo menos o ano de 1920, se definia como um seminário crítico, literário e dedicado aos interesses da zona suburbana. Instalado em bairros dos subúrbios, como o de Todos os Santos (Rua José Bonifácio, n. 52), Méier (Rua Lia Barbosa, n. 13) e o Engenho de Dentro (Rua Dr. Bulhões, n. 11), se colocava geograficamente perto dos acontecimentos sobre os quais se propunha a noticiar, pois tinha como objetivo “trabalhar pelos subúrbios”.⁴⁷

*Nos esportes, notadamente no futebol, alguns desses periódicos enxergavam um importante objeto para a construção de elos de sociabilidade, além do atrativo de interesse do potencial público comprador. Por isso, com regularidade noticiavam os resultados dos jogos dos campeonatos e a programação dos clubes locais, principalmente daqueles que disputavam a Liga Suburbana.*⁴⁸

46 • *A Notícia*, 30/04/1916, p. 06.

47 • *Gazeta Suburbana*, 08/09/1910, p. 01.

48 • SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge; MELO, Víctor Andrade de. “‘Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos’: posicionamentos sobre o futebol na *Gazeta Suburbana* e no *Bangú-Jornal* (1918-1920)”. *Movimento*, v. 20, n. 1, p. 193-213. 2014.

Como apresentam Santos Junior e Melo, havia um interesse comercial, por trás do apoio da imprensa nos subúrbios, ao desenvolvimento esportivo e isto nos ajuda a trabalhar o segundo ponto que nos chamou a atenção: a possibilidade de qualquer clube suburbano participar das reuniões de (re)criação da Liga Suburbana de Futebol. Em 1907, ano de criação da entidade, houve uma restrição logo em sua largada, pois o Mangureira Football Club, outra instituição da região da Mangureira, liderou as ações para a reunião de fundação da Liga, mas limitou o convite inicialmente a algumas poucas instituições. Em 1916, entretanto, o que se observa é uma ampliação nesse diálogo, sem que, necessariamente, possamos afirmar que toda e qualquer entidade poderia participar, isto é, não estamos falando de uma democratização de acesso ao futebol organizado.

A Liga Suburbana de Futebol, a partir de 1916, também estabelecia regras para diferenciar os seus participantes, como, por exemplo, pedia aos clubes interessados em se associar “uma relação de seus sócios e jogadores, com indicação de residência, profissão e local em que a exercem, dos que forem diretores”.⁴⁹ Tal exigência era acompanhada de outras como o “pagamento da taxa de filiação de 30\$000, sendo que esta taxa será restituída ao club que não for aceito”⁵⁰, ou seja, ainda que a entidade se mostrasse aberta a ter novos associados, eles precisam se encaixar dentro do perfil almejado por seus líderes.

Tais restrições, no entanto, estiveram longe de impedir o crescimento da competição e muito menos dos esportes nos subúrbios. Nos anos 1916, 1917 e 1918, o Engenho de Dentro A. C. se consolidou como o tricampeão da Liga Suburbana de Futebol e ganhou o apelido de Fantasmas Azuis, em alusão às cores de seu uniforme e ao temor que causava nos adversários.

49 • *O Imparcial*, 23/02/1917, p. 07.

50 • *O Imparcial*, 23/02/1917, p. 07.

No ano de 1919, o Bonsucesso Football Club ficou com o título principal, em uma temporada de inflexão para a competição futebolística dos subúrbios. Ao mesmo tempo, havia outras “ligas congêneres, abrindo novos campos para a prática do jogo”,⁵¹ como podemos perceber com a criação da Associação Athletica Suburbana.

A Associação Athletica Suburbana e o desenvolvimento esportivo no Rio de Janeiro

A Associação Athletica Suburbana foi criada em 27 de maio de 1915 por uma iniciativa do Metropolitan Football Club,⁵² tendo sua sede no bairro suburbano de Cascadura (Estrada Real, n. 2099).⁵³ Inicialmente, ela se mostrou aberta à participação de diversos clubes, mas não a todos, pois recusou “o pedido de filiação do Engenho de Dentro Football Club”.⁵⁴ Equipes como o Patria Football Club, do Engenho Leal, e o Modesto Football Club, de Quintino, também participaram de sua edição inaugural que contou apenas com uma divisão, mas dividida entre os primeiros, segundos e terceiros quadros.

Os critérios para participar da Associação Athletica Suburbana eram parecidos aos da Liga Suburbana: taxa e filiação, também chamada de joia, no valor de 30\$000 e mensalidade de 10\$, além de bom comportamento. O Argentino Futebol

51 • PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

52 • *Jornal do Brasil*, 29/05/1915, p. 10.

53 • *Jornal do Brasil*, 18/06/1915, p. 10.

54 • *Jornal do Brasil*, 18/06/1915, p. 10.

Clube, de Cascadura, por exemplo, que seria bicampeão da Liga Suburbana de Futebol em 1924 e 1925, foi eliminado da Athletica em 1919 por reincidência na provocação de distúrbios,⁵⁵ enquanto o América Suburbana e o Opposição foram excluídos por atraso na mensalidade.⁵⁶

A rigidez demonstrada pela Athletica não afastava a associação de clubes suburbanos na virada da década de 1910 para 1920. A partir do novo decênio, a entidade, como sinal de maior procura por parte dos clubes suburbanos, aumentou o valor cobrado como joia para 40\$000 como necessário para ingressar na entidade⁵⁷ – anteriormente os valores cobrados ficavam na casa dos 30\$000. Nesse momento, sua sede deixava de ser em Cascadura para ficar na Rua Domingos Lopes, em Madureira, ao mesmo tempo em que alguns clubes que antes estavam na Liga Suburbana passaram a pleitear um lugar na também conhecida como “Liga dos Subúrbios”.

Em 1919, entretanto, o clube havia disputado a Liga Suburbana de Futebol, mas em 1920 desejava se filiar à Associação Athletica Suburbana por não concordar com parte do estatuto daquela.⁵⁸ A troca, todavia, contou com protestos do então presidente da Liga Suburbana, Guilherme Paraense, junto à Athletica Suburbana, como o representante do Sport Club Irajá, que disputava essa competição. Interessante notar a circulação social que possuía Paraense entre as entidades dos subúrbios cariocas, a ponto de ele ser sócio de mais de uma delas, o que permite enxergá-lo como um dos *sportsmen* do Rio de Janeiro naquele período. O resumo de sua biografia nos ajuda a entender melhor este processo.

55 • *O Paiz*, 13/03/1919, p. 08.

56 • *O Paiz*, 18/08/1919, p. 09.

57 • *Jornal do Commercio*, 28/02/1920, p. 06.

58 • *A Razão*, 13/04/1920, p. 07.

Tenente do Exército, ele compunha socioeconomicamente uma classe intermediária no Rio de Janeiro do primeiro quartel do século XX. Contudo, na região, sua patente o destacava e o aproximava da aristocracia suburbana. Ao mesmo tempo, ele era um grande entusiasta dos esportes e já havia composto a diretoria do Cascadura F.C., antes de chegar à presidência da Liga Suburbana de Futebol, em 1919. Sua grande glória, no entanto, seria alcançada em 1920 quando conquistou o campeonato mundial de tiro de revólver.⁵⁹ Ainda assim, sua voz foi a única contra o regresso do The Rio F.C. na Athletica Suburbana, o que não impediu que a movimentação fosse aprovada.

A década de 1920 marcou as ações da Associação Athletica Suburbana no sentido de manter o alto nível de sua competição e, de certa forma, de tentar impedir a desordem que assolava os gramados do Rio de Janeiro por causa da violência. Assim, a entidade conseguiria manter o bom funcionamento de sua competição como parte da indústria de lazer existente na Capital Federal.

Dentro desse processo, percebemos que a Associação Athletica Suburbana estabelecia contatos com entidades que iam além do que podemos chamar de subúrbios do Rio de Janeiro. O caso do The Rio F.C. é um bom exemplo, já que a entidade estava sediada em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro, mas ele não é o único, pois na segunda metade da década de 1920 a instituição já trazia em seus regulamentos mudanças para permitir o ingresso de clubes não só de fora das regiões suburbanas, mas também da própria cidade do Rio de Janeiro.

A região de Iguassú, como apontada pela notícia do jornal, atualmente pertence ao município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. O local se desenvolveu ao longo do século XIX como ponto de escoamento da produção de café que vinha das regiões de Vassouras e Valença, e teve em 1858 um

59 • *O Paiz*, 04/12/1920, p. 06.

acontecimento que transformou sua dinâmica socioeconômica: a chegada da Estrada de Ferro Dom Pedro II. A ferrovia se consolidou como importante para a região e o entorno da estação de Maxambomba adquiriu maior relevância municipal até que, em 1891, Iguassú foi elevada à categoria de cidade e distrito.⁶⁰

A preocupação higienista com a região se manifestou por meio das práticas esportivas. Em 1920, “na estação de Nova Iguassú, Estado do Rio, o encontro das adextradas equipes”⁶¹ do Souza Cruz Football Club e do Sport Club Iguassú marca um dos primeiros registros do futebol na região. O duelo aconteceu no campo da equipe da Baixada Fluminense, mas terminou com uma sonora goleada de 6 a 1 do time visitante, todavia o jogo mostrou que “a assistência era numerosa, vendo-se representado no campo o que Nova Iguassú tem de mais selecto em amantes do bello jogo bretão”.⁶² Isso, no entanto, pode ser visto como a comprovação do desenvolvimento futebolístico na região, todavia não excluía a necessidade de continuar investindo nas estruturas esportivas, pois havia muito o que progredir, já que o redator afirmava ser “de lamentar, no entanto, que em vista da importância que tem o club, não fossem ainda construídas archibancadas para os apreciadores”.⁶³

O processo de abertura de inscrições para outros clubes fora das regiões suburbanas era um indicativo das dificuldades que a “Liga dos Subúrbios” enfrentava. Em 1927, por exemplo, a Associação Athletica Suburbana já não conseguia encerrar as inscrições dos clubes que a disputariam no prazo estabelecido

60 • MORAES, Adriano dos Santos. *Eis que surge uma prefeitura: a Guarda Nacional, a política local e o município de Nova Iguaçu na Primeira República*. Monografia de graduação, UFRRJ, Nova Iguaçu, 2012.

61 • *O Paiz*, 05/10/1920, p. 07.

62 • *O Paiz*, 05/10/1920, p. 07.

63 • *O Paiz*, 05/10/1920, p. 07.

por falta de associados.⁶⁴ Outro indicativo para isso se dá pelo preço da joia cobrada que, se no início daquela década era de 40\$, na sua parte final estava em 5\$, com a cobrança de uma mensalidade no valor de 15\$, ou seja, financeiramente a instituição buscava se mostrar mais acessível aos clubes que desajassem disputar seu torneio.⁶⁵

A falta de organização nos jogos da Associação Athletica Suburbana ganhou espaços cada vez maiores na imprensa. Na reta final do campeonato de 1927, por exemplo, as brigas dentro de campo e a alteração de resultados geravam dúvidas sobre a lisura da entidade.

Assim, a Associação Athletica Suburbana ficou sem forças para se manter como uma entidade esportiva autônoma nos subúrbios e ante ao fortalecimento da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) – hoje o atual Campeonato Carioca – e da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), que recebiam em suas divisões inferiores o ingresso de muitos clubes suburbanos que, outrora, disputavam o seu torneio, como era o caso do Fidalgos F.C.,⁶⁶ teve como destino realizar a fusão com outras competições, surgindo, assim, a Associação Carioca de Esportes Athleticos (ACEA).

Com a reunião conjunta, ante-hontm, levada a efeito pelos representants dos club filiados, a Associação Athletica Suburbana e Liga Leopoldinense de Football, ficou fundada a Associação Carioca de Esportes Athleticos e conseqüentemente o desaparecimento das duas velhas entidades suburbanas. [...]

64 • A Rua, 08/04/1927, p. 05.

65 • A Rua, 04/03/1927, p. 04.

66 • A Rua, 16/08/1927, p. 04.

*Podemos informar com segurança, que a nova entidade funcionará na sede da ex-Liga Leopoldinense de Football, sita á rua D. Anna Nery 335, que possuie optimas instalações, contando desde já a nova entidade com 22 clubs.*⁶⁷

A essa altura, o peso das entidades suburbanas era cada vez menor no Rio de Janeiro, mantendo-se apenas como órgão relevante local e amadoramente, já que seus principais clubes migravam para competições maiores. A Liga Suburbana de Futebol presenciou isso, mas de uma maneira diferente da Associação Athletica Suburbana.

A Liga Suburbana de Futebol: uma sub-liga da Metropolitana

A partir de 1919, a Liga Suburbana de Futebol se depara com um problema: seus principais clubes estavam perdendo seus principais jogadores para equipes da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, já que não havia a necessidade de esperar a quarentena exigida pela Lei do Estágio, por exemplo. Esta conjuntura ficou conhecida como Profissionalismo Marrom, assim entendida como o processo de remuneração de jogadores de futebol de forma não oficial, haja a vista a vedação legal para isso, e teve grande repercussão no futebol dos subúrbios do Rio de Janeiro, uma vez que ele passou a ser visto por alguns como um celeiro de craques, ao passo que muitos suburbanos não se enxergassem assim.

67 • *Diário Carioca*, 05/08/1928, p. 08.

A Suburbana é no futuro campeonato o celeiro da Metropolitana

Para os sportmen que entende que a entidade suburbana não preenche os fins progressivos do desenvolvimento sportivo da nossa terra, como de quando em vez se propala nas rodas desportivas, levamos ao conhecimento daqueles que de facto se interessam pelo progresso do football, o escandaloso caso de suborno, de vantajosas promessas de bons empregos, de gordas gorjetas que estão sendo postas em prática aos jogadores da Suburbana para se filiarem aos diversos clubes das três divisões da Metro.

*Já sobe a número superior de 20 players que se transferiram com malas e bagagem para a entidade da Rua Buenos Aires. E depois digam que a Suburbana não é o celeiro da Metropolitana.*⁶⁸

As relações produzidas acima eram corroboradas pelas reclamações dos dirigentes de clubes suburbanos, como era o caso do Engenho de Dentro que, em 1919, era o tricampeão dos primeiros times da Liga Suburbana de Futebol. Com tamanho sucesso dentro de campo, os Fantasmas Azuis, como ficaram conhecidos, estavam assustados com o assédio que seus jogadores estavam recebendo, em especial, naquele momento, do Clube de Regatas Vasco da Gama que, inclusive, havia conseguido contar com o apoio de ex-jogadores suburbanos na sua diretoria, como foi o caso de Achilles Pederneiras, que havia sido campeão pelo Engenho de Dentro e, naquele momento, era dirigente do clube português.

68 • *O Imparcial*, 22/03/1919, p. 04.

O Club de Regatas Vasco da Gama, nascido da colônia portuguesa no Rio de Janeiro em 21 de agosto de 1898, promoveu uma verdadeira revolução no futebol brasileiro ao ser campeão Carioca, em 1923, com um time formado por negros e operários. Todavia, muitos desses jogadores, antes de integrar o seletor time Cruzmaltino, fizeram parte de equipes dos subúrbios do Rio de Janeiro que disputavam competições nessas regiões e que, conseqüentemente, ficaram enfraquecidas com as transferências de seus jogadores para o clube de origem lusitana.

Com a saída dos principais jogadores e dos principais clubes suburbanos, a Liga local se enfraqueceu como entidade, ao mesmo tempo que a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres e, posteriormente, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, a Metro, por assim dizer, crescia. A partir de 1920, o futebol suburbano passou a ter espaços junto à Liga Metropolitana que, reconhecida como liga oficial na Confederação Brasileira de Desportos, precisava se colocar como uma entidade de maior abrangência. No entanto, esse processo se deu cercado pelas diferenciações que marcavam os clubes fundadores, dentre os quais destaque Fluminense, Botafogo e América, dos novos associados, nos quais podem ser inseridos os clubes dos subúrbios ou com jogadores oriundos dessas regiões, como era o caso do Vasco da Gama. Não obstante, a própria Liga Suburbana acabou migrando como entidade para se tornar uma sub-Liga da Metropolitana, ficando, assim, submetida aos ditames desta instituição e, portanto, perdendo sua autonomia. Neste sentido, ela chegou até mesmo a deixar de ser sediada nas regiões suburbanas para instalar sua secretaria na Rua da Constituição, n. 12, no Centro do Rio de Janeiro.⁶⁹

Esse processo, importante destacar, não foi unânime entre as entidades suburbanas, mas não impediu a sua concretização.

69 • *O Paiz*, 22/02/1921, p. 06.

Com a saída dos principais jogadores e dos principais clubes suburbanos, a Liga local se enfraqueceu como entidade, ao mesmo tempo que a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres e, posteriormente, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, a Metro, por assim dizer, cresciam. Por isso, as competições suburbanas, ainda que não desaparecidas, se tornaram menos relevantes nos subúrbios cariocas, assumindo um caráter não oficial.

Considerações finais

A organização de competições esportivas nos subúrbios do Rio de Janeiro é uma forma de mensurar o desenvolvimento dessas práticas naquelas regiões. Longe de se manter isolada da febre esportiva que incidiu sobre a Capital Federal na virada do século XIX para o XX, os bairros suburbanos buscaram fazer parte desse processo como sujeitos ativos, dada a complexidade socioeconômica de sua ocupação.

Antes de 1920, esse processo foi feito de forma mais incisiva, com o desenvolvimento de Ligas fortes nos subúrbios cariocas, as quais contavam com equipes que, em termos de resultado, chegaram a rivalizar com aquelas hoje chamadas de os grandes times do Rio de Janeiro. Um bom exemplo disso foi o assédio que muitas equipes suburbanas tiveram em seus jogadores e que, conseqüentemente, culminou no enfraquecimento dessas competições.

A expansão do Profissionalismo Marrom tirou muitos bons jogadores das equipes suburbanas, ao mesmo tempo que as disputas pelo controle da Metropolitana abriram espaços para os times dos subúrbios que antes não existiam. Em todos esses processos, é importante destacar, não está presente a ideia

de democratização do futebol, pois eles foram permeados por padrões de diferenciação que culminaram na inserção de *players* dentro dos campos dos times que jogavam na Metro, sem que eles fizessem parte do quadro social das entidades; paralelamente, os clubes que trocavam as Ligas dos Subúrbios pelo que hoje chamamos de Campeonato Carioca, em sua maioria, disputavam apenas as divisões inferiores.

Todavia, esse foi o processo registrado no Rio de Janeiro. O enfraquecimento das organizações suburbanas no final dos anos 1920 e início dos anos 1930 fez parte do processo que levou à transição do Profissionalismo Marrom e ao reconhecimento do jogador como profissional, entretanto isso não significou a fragilidade do futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro, pois os clubes continuaram existindo e jogando as competições existentes.

Bibliografia

- MELO, Victor Andrade de. “Evidência e especulação: “A origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902)”. *Movimento*, v. 23, n. 3, p. 919-934. 2017.
- MORAES, Adriano dos Santos, *Eis que surge uma prefeitura: a Guarda Nacional, a política local e o município de Nova Iguaçu na Primeira República*. Monografia de graduação, UFRRJ, Nova Iguaçu, 2012.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- SANTANA, W. P. *As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)*. Monografia de graduação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia, *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 2010.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge; MELO, Victor Andrade de. “Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos’: posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920)”. *Movimento*, v. 20, n. 1, p. 193-213. 2014.

Fontes

A Notícia

A Razão

A Rua

Correio da Manhã

Diário Carioca

Gazeta de Notícias

Gazeta Suburbana

Jornal do Brasil

Jornal do Commercio

O Imparcial

O Paiz

CAPÍTULO 3

O FUTEBOL INFAME NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

Luiz Carlos Rigo
Daniel Vidinha da Silva
Leonardo Costa da Cunha

Introdução

A expressão *futebol infame* é uma apropriação feita do conceito utilizado por Foucault em “A vida dos Homens Infames”.⁷⁰ Foucault utiliza o termo “infame” para se referir a criminosos não famosos, indivíduos anônimos que tiveram suas vidas reduzidas a poucos registros. No caso do futebol essa apropriação foi feita pela primeira vez por Rigo⁷¹ e posteriormente utilizada em

70 • FOUCAULT, Michel. “A vida dos Homens infames”. In: _____. *O que é um autor*. 7.ed. Lisboa, Portugal: Nova Vega, 2009. p. 89-128.

71 • RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

outros estudos⁷² para tratar de um futebol que está à margem dos holofotes da fama e que seus personagens, assim como os criminosos estudados por Foucault, são futebolistas não famosos ou infames. Em muitas regiões do Brasil esse futebol infame é conhecido como futebol de várzea.

Neste texto, acionamos novamente esse conceito para nos reportarmos a esse futebol infame (ou de várzea), que historicamente foi construído nas cidades de Pelotas e São José do Norte. Duas cidades do interior do Rio Grande do Sul que são referências da memória do futebol infame gaúcho. Um futebol que, apesar de estar perto de nós, carece de registros históricos e de maiores problematizações acadêmicas.

Até meados do século XX, Pelotas e Rio Grande, cidade vizinha a São José do Norte, eram dois dos principais polos futebolísticos pioneiros do Rio Grande do Sul.⁷³ Essa cultura futebolista que emerge nas duas primeiras décadas do século XX popularizou e deu vida longa a uma série de clubes infames em toda a

72 • RIGO, Luiz Carlos *et al.* “Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame”. *Movimento*. v. 11, n. 2, p. 131-146, maio/agosto. 2005.

73 • Maiores considerações sobre a emergência do futebol na zona sul do Rio Grande do Sul, consultar RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004 e RIGO, Luiz Carlos; MACKEDANZ, Christian Ferreira. “A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do Sec. XX”. In: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos *et al.* (org.). *Futebol no Meridional: Uma história social do futebol e outras coisas*. Porto Alegre, RS, p. 43-61, 2021.

zona sul do Rio Grande do Sul.⁷⁴ Atualmente, o futebol infame Pelotense é constituído por duas frentes: uma que contempla as agremiações futebolistas pertencentes à zona urbana do município, conhecida como *futebol de várzea*, e outra que abarca as agremiações da zona rural, conhecida como *futebol colonial*.

Desse modo, na sequência deste texto, iremos tratar de três “experiências”⁷⁵ do futebol infame dessa região: o futebol de bairro (várzea) de Pelotas, o futebol colonial pelotense e o futebol amador de São José do Norte. No decorrer do texto, às vezes,

74 • Um exemplo de perenidade das agremiações futebolísticas de bairros é o Santa Tecla Futebol Clube. Agremiação fundada em 1915, situada em Capão do Leão, cidade vizinha a Pelotas. Outro exemplo é o Esporte Clube Esperança. Agremiação fundada em 1913, situado no distrito de Povo Novo, (Rio Grande). Maiores considerações sobre o EC Esperança consultar: RIGO, Luiz Carlos; MACKEDANZ, Christian Ferreira. “Memórias do futebol comunitário: o caso do E. C. Esperança do Povo Novo”. *Revista Didático Sistemica*. p. 257-263. Outubro de 2015. A emergência do futebol na cidade de Rio Grande também evidencia essa proliferação de agremiações futebolísticas nos diversos bairros da cidade. Correia destaca que entre os anos de 1900 a 1916, 47 agremiações futebolísticas da cidade de Rio Grande foram citadas no jornal da cidade *Echo do Sul*, ver: CORREIA, Jones Mendes; FREITAS, Gustavo da Silva; KNUTH, Alan Goularte; RIGO, Luiz Carlos. “A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal *Echo do Sul* (1900-1916)”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, 2020.

75 • O termo experiência está sendo usado inspirado no sentido que lhe atribui BONDIA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002. Como algo que é singular, que afeta e produz diferença nos indivíduos que vivenciaram um determinado acontecimento.

usaremos a expressão “futebóis”,⁷⁶ pois, apesar de suas similaridades, eles constituem três experiências futebolísticas distintas.

Futebol de bairro em Pelotas

O futebol infame urbano remete às primeiras décadas do século XX, período da consolidação do futebol em Pelotas, como ilustra o Sport Club Camponês (uma agremiação situada no bairro Três Vendas, fundado em 10 de outubro de 1910 por descendentes alemães, etnia que predomina no bairro).⁷⁷ Em 1920, existiam na cidade quatro ligas de futebol: Liga Pelotense de Futebol, fundada em 1907 (mais tarde tornou-se a Liga Pelotense de Futebol Amador);⁷⁸ Liga Cassiano do Nascimento, fundada

76 • O termo “futebóis” foi utilizado no campo acadêmico por Damo (ver: DAMO, Arlei. *Do dom à profissão*. São Paulo: Hucitec, 2007), para enfatizar, principalmente, a diversidade existente no futebol brasileiro e nos diferentes “circuitos futebolísticos” (ver: DAMO, “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018.).

77 • Para mais detalhes sobre o Sport Club Camponês, ver RIGO, Luiz Carlos et al. “Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame”. *Movimento*. v. 11, n. 2, p. 131-146, maio/agosto. 2005.

78 • Fundada em 11 de dezembro de 1907, a LPFA é entidade representativa do futebol urbano infame pelotense. Entre as principais competições organizadas pela LPFA, destacam-se o Campeonato Citadino Várzeano e o Campeonato Praiano, (ver: RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. “Notas etnográficas sobre o futebol de várzea”. *Movimento*. Porto Alegre, v.16, n.3, p. 153-177, 2010).

em 1914; Liga José do Patrocínio, fundada em 1919; e a Liga Acadêmica, fundada em 1920.⁷⁹

As emergências dessas ligas são os efeitos de uma cultura futebolística presente no corpo social da cidade, que se constituiu a partir da proliferação de agremiações e clubes nas diferentes localidades do município, como ocorreu, por exemplo no Areal, um bairro popular de operários.⁸⁰ Para compreender os significados políticos e socioculturais que esse futebol infame possuía para os seus adeptos e para o bairro Areal, onde ele acontece, vale abordar, de forma mais detida, as memórias da Sociedade Recreativa Arealense, fundada em 1920, data que faz dela o clube mais antigo do bairro e um dos mais tradicionais da cidade de Pelotas.

Organizada, frequentada e mantida predominantemente por moradores do Areal, a S.R. Arealense pode ser classificada como uma associação futebolística e recreativa de bairro. Diferente dos clubes profissionais, o futebol de bairro nunca pôde contar com o dinheiro dos ingressos nem com grandes patrocínios. Diferente do futebol profissional, o futebol de bairro nunca atraiu um interesse maior da grande imprensa da cidade, dependendo, quase exclusivamente, dos esforços dos

79 • RIGO, Luiz Carlos; MACKEDANZ, Christian Ferreira. “A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do Sec. XX”. In: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos *et al.* (org.). *Futebol no Meridional: Uma história social do futebol e outras coisas*. Porto Alegre, RS, p. 43-61, 2021.

80 • Entre as agremiações futebolistas pertencentes ao Areal destacam-se: Planalto, São Pedro, Oriental, 15 de Outubro, São Paulo, Cabana, Atenas, Estrela Solitária, Estrela do Sul, Sul-América e Arealense (ver: RIGO, Luiz Carlos. “Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro”. *Revista Pensar a Prática*. v. 10, n. 1, p. 83-98, 2007.).

seus autores, sendo escassos e parcos os apoios econômicos que vinham de fora do grupo.

O Arealense não fugiu à regra do futebol de bairro. Ele se estruturou e se manteve em atividade, principalmente, graças à disposição, à vontade e ao trabalho de seus jogadores, dirigentes e colaboradores mais próximos. Além de se responsabilizar pela conservação do fardamento, os jogadores também pagavam a sua passagem quando tinham que se deslocar para jogar “fora de casa”. Às contribuições individuais, diretas, somavam-se as arrecadações indiretas que provinham do lucro da “copa” – bebidas que eram vendidas quando os jogos eram em seu campo –, das festas esportivas e dos eventos sociais. Os eventos sociais serviam também para fortalecer os vínculos entre os moradores do bairro e o clube. Pacto coletivo que foi decisivo para a construção da sede social e a aquisição do campo de futebol, que no início era emprestado.

As atividades esportivas realizadas pelo Arealense seguiam um estilo bastante parecido com o da maioria dos outros pequenos clubes infames e ou de bairro. Até meados de 1950 ele disputava, predominantemente, jogos amistosos, partidas que eram combinadas no sistema de ida e volta, onde um time recebe o outro em seu campo e depois retribui a visita. Além do primeiro e do segundo quadro, as disputas envolviam também times de veteranos e infantis, quando os clubes possuísem essas categorias.

A primeira edição do Campeonato Varzeano da cidade de Pelotas ocorreu em 1952, e sua segunda edição somente em 1959, quando a Liga Pelotense de Futebol organizou seu departamento de futebol amador. A competição constituía-se de uma primeira fase zonal e a final com os campeões de cada região. Apesar do campeonato sempre envolver os dois quadros, havia uma valorização maior para a disputa que ocorria entre os primeiros quadros, formados pelos “melhores” jogadores de cada clube. Já o segundo quadro era uma espécie de “laboratório”

para os jogadores mais jovens que despontavam no clube e ou um espaço para quem não possuía um capital futebolístico requerido para fazer parte da equipe principal do clube.

Apesar da importância do campeonato citadino (que começava no primeiro semestre, abril ou maio, e se estendia pelo segundo), os clubes não restringiam a sua vida esportiva a ele. Os tradicionais jogos amistosos, com as trocas recíprocas de visitas, e os torneios relâmpagos, que aglutinavam vários times num único dia no mesmo campo, continuaram presentes na vida dos clubes. Assim que conseguiam certa estabilidade, alguns clubes ousavam um pouco mais. Além dos corriqueiros jogos amistosos com times da vizinhança, de tempos em tempos eles planejavam alguma excursão para um lugar mais distante. Nessas viagens futebolísticas, além dos jogadores, iam as mulheres, os filhos, as namoradas, os amigos e os torcedores.

Apesar de os jogos do Arealense envolverem times das diferentes regiões da cidade, era no próprio bairro Areal que estavam os seus rivais mais tradicionais. As fases zonais do campeonato citadino potencializavam ainda mais a rivalidade que costumava existir entre times de um mesmo bairro. Essas rivalidades futebolísticas e territoriais ajudaram a consolidar o futebol infame em diferentes bairros da cidade. No caso do Bairro Areal, um lugar de destaque na memória futebolística do bairro é a rivalidade instituída entre a Sociedade Recreativa Arealense⁸¹ e o Esporte Clube Sul América.⁸²

Não importa quanto tempo faz, os detalhes dos jogos do Arealense x Sul América, ocorridos no Estádio das Areias (campo do Arealense) e no Estádio da Montanha (campo do Sul

81 • Fundado em 26 de julho de 1920, com sede social no bairro Areal.

82 • Fundado em 29 de outubro de 1928, com sede social no bairro Areal.

América) nos anos 50, 60, 70 e 80, continuam presentes nas memórias dos torcedores e dos futebolistas desses dois clubes. Pois, como bem salientou Seu Chaguinha: “Pro bairro, Arealense e Sul América era considerado um Bra-Pel”⁸³ (clássico entre GE Brasil X EC Pelotas). A rivalidade futebolística era tamanha que chegou a produzir uma divisão territorial no bairro: uma parte mais Arealense e outra mais Sul América.

Todavia, além das tensões oriundas das rivalidades futebolísticas locais, também havia relações de poder⁸⁴ internas a

83 • Seu Chaguinha é o apelido de Wilson da Silva Rodrigues. Seu Chaguinha nasceu em 1936 e jogou no Arealense nas décadas de 1950 e 1960, sendo goleador da equipe principal em várias temporadas, posteriormente foi também dirigente do clube. O fragmento acima é parte da entrevista concedida a Luiz Carlos Rigo em 09 de dezembro de 1999 e foi utilizada no livro “Memórias de Um Futebol de Fronteira”, de 2004 e no artigo “Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de Bairro”, de 2007.

84 • Ambos, bairro e clube, longe de serem espaços harmônicos, idealizados, são constituídos, também, por “relações de poder”. As permanentes divergências e disputas que neles germinam são balizadas e administradas por determinados pactos sociais que criam obrigações e estabelecem vínculos comuns a todos que neles se inserem. Ambos, clubes e bairros, mais do que por leis padronizadas, tendem a se orientar por certas posturas éticas contingentes e singulares. “A prática do bairro é uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários através dos códigos da linguagem e do comportamento” (ver: MAYOL, Pierre. “Morar”. In: CERTEAU, Michel de. *et al. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis. Vozes, 1996, p. 47). Mais do que uma normatização, esse pacto ético visa forjar um sentimento favorável a uma coletividade. Coletividade entendida aqui como “um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro” (*Idem*).

cada agremiação, como era o caso das disputas para fazer parte da equipe do primeiro quadro. A disputa pela titularidade, agregada à rivalidade clubista, fortalecia os laços de pertencimento entre jogadores, clube e torcedores. Mudar de clube, jogar um ano em um e o outro ano em outro, não era proibido, mas, além de pouco comum, geralmente não era bem aceito, principalmente se a troca era entre dois clubes rivais.

As narrativas de quem esteve envolvido com o futebol infame urbano evidenciam sua centralidade na sociabilidade e na subjetividade (identidade) de quem compartilhou essa “experiência”⁸⁵ futebolística: “[...] a gente tinha muitos amigos em todos os bairros e, por incrível que pareça, o cara que jogava futebol tinha tudo na cidade, amizade, né”.⁸⁶

Futebol colonial pelotense

Formado predominantemente por Associações Esportivas e Recreativas que possuem campo e sede própria, o futebol colonial pelotense é considerado uma referência do futebol de várzea da região. Nas primeiras décadas do século XX, junto com o jogo de bocha e das festas típicas, o futebol constituía-se em uma das práticas de lazer preferidas dos colonos (em

85 • BONDIA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.

86 • Seu Milionário é o apelido de Blánádio de Oliveria, um militante do futebol infame da cidade, o fragmento citado do texto foi retirado da entrevista que ele nos concedeu em 11/02/2003, citada em RIGO, Luiz Carlos *et al.* “Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame”. *Movimento*, v. 11, n. 2, p. 131-146, maio/agosto. 2005.

sua maioria teuto-brasileiros) da zona rural do município de Pelotas, como mostram as inúmeras agremiações futebolísticas fundadas nessa localidade na primeira metade do século XX: Cascata Futebol Clube (1923), Grêmio Esportivo Boa Esperança (1924), Esporte Clube Taquarense (1930), Esporte Clube Cruzeiro do Sul (1930) e Grêmio Esportivo Índio (1944).⁸⁷

Assim, com agremiações fundadas nas primeiras décadas do século XX, o futebol colonial infame irá se consolidar e se tornar mais competitivo a partir dos anos 50 e 60 com a criação de ligas locais. Em 1965, criou-se a Liga Colonial de Futebol (LCF), entidade que, a partir de 1970, passou a se chamar Associação Colonial de Pelotas (ACP).⁸⁸ Ainda em 1965, essa entidade organizou a sua primeira competição, que contou com 22 agremiações.⁸⁹ Mais tarde, em 1980, criou-se a Associação Desportiva Colonial de Pelotas (ADCP). A principal justificativa para a fundação dessa outra entidade foi a necessidade de uma liga que atendesse especificamente as agremiações pertencentes ao 4º, 5º e 6º distrito de Pelotas.⁹⁰

87 • Registros oficiais da Associação Colonial de Pelotas (ACP).

88 • Ver: <<http://acpfutebolcolonial.blogspot.com/2012/03/um-pouco-de-historia-da-acp.html>>. Acesso em: 16 de junho de 2021.

89 • SEFERIN, Vinicyus. *Futebol colonial de Pelotas: relações socio-históricas e organizativas*. TCC (Graduação em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. p. 64. 2014.

90 • O 4º distrito de Pelotas era conhecido como Vila Lange, que posteriormente com sua emancipação tornou-se o município de Tururu (distante 48Km de Pelotas). O 6º distrito da cidade também se emancipou e atualmente é o município do Capão do Leão (distante 18Km de Pelotas). Já o 5º distrito permanece vinculado a cidade de Pelotas e é reconhecido na região pelo nome de Cascata. (Ver: <<http://adcpfutebol.blogspot.com/>>. Acesso em: 16 de junho de 2021.).

Na década seguinte, em 1993, fundou-se a Associação Colonial de Esportes (ACE). O argumento mais utilizado para a sua criação foi a importância de se ter uma entidade que, diferente da ACP e da ADCP, estivesse voltada exclusivamente para os futebolistas pertencentes à zona rural. Para compreendermos a constituição e as lógicas de funcionamento do circuito do futebol colonial pelotense infame, podemos tomar como referência as delimitações territoriais da zona rural do município de Pelotas. As três ligas juntas (ACP; ADCP e ACE) abarcavam nove localidades da zona rural do município: colônia Z-3; Cerrito Alegre; Monte Bonito; Cascata; Quilombo, Rincão da Cruz; Triunfo; Santa Silvana e Arroio do Padre.⁹¹ Além das agremiações dessas localidades também participavam agremiações de outros municípios como: Capão do Leão, Morro Redondo, Monte Bonito e Turuçu.

Uma particularidade desse futebol é a sua tradição em remunerar seus futebolistas infames. A ACE foi fundada como uma entidade que iria primar por um futebol colonial autócotone, sem a participação de futebolistas “ficha cidade”. “Ficha cidade” e “ficha colônia” são os dois termos utilizados para definir os futebolistas: os pertencentes à zona rural são denominados de “ficha colônia”, e os não pertencentes, de “ficha cidade”. Um futebolista é considerado “ficha colônia” se ele residir na zona rural ou se for filho, neto ou cônjuge de alguém que resida. Aqueles que não atendem esses critérios são considerados “ficha cidade”. Os regulamentos das competições organizadas pela ACP e pela ADCP estabelecem o número máximo de futebolista “ficha cidade” que uma equipe pode

91 • A partir de 1996 Arroio do Padre emancipou-se e deixou de ser uma localidade pertencente à zona rural do município Pelotas, entretanto as agremiações futebolísticas dessa localidade continuam a fazer parte do futebol colonial pelotense.

inscrever em determinada competição em cada categoria (titular, segundo quadro, veterano).

Com a fundação da ACP e a organização de competições mais duradouras, esse futebol ganha uma maior estabilidade e passa a disputar com o futebol infame urbano de Pelotas, que é capaz de produzir um futebol mais organizado, mais potente, que reúne as melhores equipes futebolísticas infames. Esse movimento impulsiona uma maior rivalidade entre as equipes que disputam as competições da colônia, bem como um aumento no número de jogadores “ficha cidade”, elevando o nível técnico das competições e gerando uma maior adesão da comunidade, principalmente nos jogos decisivos.⁹²

Futebol infame da vizinhança: o caso de São José do Norte

No litoral sul do Rio Grande do Sul, em uma estreita faixa de terra, espremida entre o Oceano Atlântico e a Laguna dos Patos, encontra-se a pequena cidade de São José do Norte. O município possui uma população estimada de 27.568 habitantes,⁹³ destes,

92 • Na edição semanal de 09 a 15 de agosto de 2019, o *Jornal Tradição* destacou que aproximadamente 3,5 mil pessoas estiveram presentes na decisão do Campeonato da Colonial de 2019. O jogo ocorreu no campo do Barbuda F.C. (Município de Monte Bonito). O *Jornal Tradição* circula nas cidades de São Lourenço do Sul/RS, Arroio do Padre/RS, Arroio Grande/RS, Canguçu/RS, Capão do Leão/RS, Turuçu/RS, Jaguarão/RS, Morro Redondo/RS, Pedro Osório/RS, Pinheiro Machado/RS, Piratini/RS e Pelotas/RS.

93 • Censo IBGE, 2010. Estimativa para 2020, de acordo com o IBGE, disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-jose-do-norte/panorama>>. Acesso em: 16 de junho de 2021.

68% residem na área urbana e 32% na zona rural. A economia do município é baseada na agricultura, na pesca, na pecuária e na indústria madeireira.⁹⁴ Em 2014, a Estaleiros do Brasil S/A (EBR) iniciou a construção de um estaleiro na cidade, que vem reconfigurando a economia do município.⁹⁵

Dividido em três distritos, o município possui dezenas de comunidades espalhadas pelo interior. Boa parte dessas localidades possui uma ou mais agremiações futebolísticas. Os clubes de futebol da cidade mais antigos em atividade remetem aos anos de 1930, entretanto os registros existentes apontam que em 1911 o Sport Club São Paulo, de Rio Grande, fundado em 1908 por descendentes de imigrantes vinculados à Viação Férrea do RS,⁹⁶ foi o protagonista de uma partida de futebol na cidade de São José do Norte, em jogo contra o Club Nortense de São José do Norte.⁹⁷

94 • MACHADO, Maria Elvira Silveira & RIVERA, Mara Rúbia Pinho (org.). *São José do Norte: terra de águas claras e areias brancas*. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992; MURADÁS, Jones. *A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul – análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional*. 2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

95 • Ver: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2013/08/17>>. Acesso em: 16 de junho de 2021.

96 • CESAR, Willy. *Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráfica (CORAG), 2012.

97 • CORREIA, Jones Mendes. *Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des) elitização do futebol na cidade de Rio Grande - RS (1900-1916)*. 2014. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Um futebol infame que se mostra autoral desde a sua nomenclatura. Diferente dos termos utilizados em Pelotas e em outras cidades, em São José do Norte ele é denominado de “futebol amador”. O Campeonato Amador de Futebol de São José do Norte teve a sua primeira edição em 1959⁹⁸ e em 2019 realizou a sua 60ª edição. Nesse período, 51 agremiações participaram da competição, algumas fundadas ainda na primeira metade do século XX: Sport Club Barrense, 1931; Liberal Foot-Ball Club, 1933; Grêmio Esportivo Cocuruto, 1933; Grêmio Esportivo Beira-Mar, 1938; Esporte Clube Oriente, 1938; Esporte Clube Fortaleza, 1939; Esporte Clube Ari Barroso, 1942; Esporte Clube Bujuru, 1942; Esporte Clube Divisa, 1944; Esporte Clube Tamandaré, 1947, Esporte Clube Olaria, 1947.

Uma das maiores rivalidades do futebol amador infame de São José do Norte envolve o SC Barrense (1931), pertencente à Povoação da Barra, e o GE Beira-Mar (1938), da Quinta Secção da Barra.⁹⁹ Trata-se de uma rivalidade histórica que teve início

98 • Até 1968 a competição era vinculada à Liga Riograndina de Futebol, da cidade de Rio Grande. Posteriormente, através da Lei Municipal nº 14, de 15 de outubro de 1969, foi criado em São José do Norte o Conselho Municipal de Desportos (CMD), que passou a organizar o campeonato. Em 1982, o CMD foi extinto, e o futebol do município passou a ser dirigido por cargos de comissões, lotados em secretarias, como a de Gabinete, a de Educação e a de Turismo e Promoções, onde atualmente está situado o Departamento Municipal de Esportes, (ver: CUNHA, Leonardo Costa da; FREITAS, Gustavo da Silva, RIGO, Luiz Carlos. “Entre a Laguna dos Patos e o oceano: notas sobre a memória e algumas transformações do futebol amador de São José do Norte/RS (Brasil)”. *Licere*, Belo Horizonte, v.19, n.4, dez/2016.).

99 • Povoação da Barra e Quinta Secção da Barra, são duas comunidades de pescadores distantes 16 e 17km, respectivamente, do centro de São José do Norte.

em 1938 e se consolida nas décadas seguintes, principalmente a partir de 1960, quando “[...] era bem maior. O jogo ia ser as três da tarde, a uma, já estavam brigando as mulheres do Beira-Mar com as do Barrense e vice-versa”.¹⁰⁰ Juntas, essas duas agremiações somam 14 títulos do Campeonato Amador da cidade (oito conquistados pelo Barrense e seis pelo Beira-Mar). Uma história de glórias, que potencializa a rivalidade, tornando-a um componente da cultura futebolística da cidade:

*Acho absolutamente insólita a relação entre as torcidas de Beira-Mar e Barrense. Para minha humilde interpretação, soa como filhos da mesma mãe e pai, brigando pra provar quem é o mais amado, num conflito absolutamente irracional, [...] nenhuma torcida admite ver no outro algum virtuosismo. [...] Existe uma nuance quase literária nisto tudo. Parece saga secular de famílias que imperam absolutas em terras disputadas, mas que invariavelmente têm suas diferenças abrandadas com a união de seus filhos. Eu sei que muitos torcedores do Beira-Mar possuem laços consanguíneos com torcedores do Barrense, mas vejo que nem isso serve para evitar os histerismos, ainda mais em decisão de campeonato. Sinceramente, isto está longe do meu entendimento... E faço meu palpite para a decisão: só que por questão de amor ao meu corpo, prefiro omitir...*¹⁰¹

100 • Entrevista: Altair Marques da Costa *apud* CUNHA, Leonardo Costa da *et al.* “Sport Club Barrense: Memórias de um clube de futebol amador do município de São José do Norte”. *Espaço Plural*, Ano XIV, Nº 29, 2º Semestre 2013, p. 67-89.

101 • SANTOS, Ana Clara Tissot dos. “Trovoada em pleno sol”. *Folha do Norte*, São José do Norte, 30 dez. 1995, “Opinião”, p. 2.

A citação acima é parte de uma crônica escrita por uma leitora da comunidade e publicada no jornal Folha do Norte, por ocasião da primeira decisão do Campeonato Municipal, envolvendo Barrense e Beira-Mar. A crônica ilustra o interesse do jornal e da cidade em uma rivalidade que se tornou um componente da cultura futebolística local.

Rivalidades Infames

As duas fotos que seguem representam uma rivalidade clássica do futebol de São José do Norte, instituída a partir do final dos anos de 1930, envolvendo o S.C Barrense e o G.E Beira-Mar.



Grêmio Esportivo Beira-Mar (anos 1950). Em pé: João Reis, Nil, Luis Simão, Jarica, Seu Joca e Luis Finura; agachados: Ló, Dinarte, Isaque, Jorge, Maneca, e o goleiro Cilário.

Fonte da Foto: Leandro Machado da Silveira.

Informações orais sobre a foto: Araújo Jorge Gondran [Jorge].



Sport Club Barrense (anos 1960). Em pé: Tami, Otacílio, Nei, Serginho, Bandinha e Dante; agachados: Aires, Baco, Domingos, Seu Paulo e Bá.
Fonte da foto: Altair Marques da Costa, diretor do Sport Club Barrense.
Informação oral sobre a foto: Altair Marques da Costa e Maria Floriana Costa da Costa, moradora da Povoação da Barra.

Considerações Finais

Os futebólís infames em Pelotas e São José do Norte apontam não só para a tradição, mas também para as transformações de práticas culturais e esportivas em constante processo de atualização. Similar ao que ocorre no futebol colonial pelotense, a partir do século XXI o futebol amador de São José do Norte também passou a remunerar alguns futebolistas infames, aumentando a

presença de futebolistas “outsiders”,¹⁰² provenientes de outras cidades. Nos dois casos há controvérsias sobre a contribuição desses futebolistas “outsiders”. Todavia, tanto no futebol colonial pelotense, como no futebol amador de São José do Norte, a aposta hegemônica é de lidar com essa marca moderna do futebol infame e não apenas proibi-lo.

Outra marca de modernização presente no futebol infame dessas duas cidades é o futebol de mulheres. Em São José do Norte a primeira edição de uma competição da categoria feminina ocorreu em 2017, sendo reeditado em 2018 e 2019.¹⁰³ No futebol colonial de Pelotas, ainda em 1995, a ADCP incluiu a categoria feminina em sua principal competição. Entretanto, foi a partir de 2009 que a categoria feminina adquiriu periodicidade anual nas competições organizadas pela ADCP. Em 2018, a ACE organizou a sua a primeira edição do campeonato feminino e em 2020 foi a vez da ACP fazer o mesmo.

O futebol feminino de Pelotas alcançou um reconhecimento nacional pelo trabalho desenvolvido no EC Pelotas, desde a década de 1990, por meio do projeto do EC Pelotas Phoenix.¹⁰⁴ Todavia, registros históricos apontam que no ano de 1950 duas agremiações de bairro – o Vila Hilda FC, (bairro Fragata) e Corinthians F.C. (bairro Três Vendas) – protagonizaram uma iniciativa pioneira de organização do futebol feminino na cidade. Um acontecimento que contou com o apoio da imprensa local e se estendeu por todo o ano de 1950, com jogos em Pelotas,

102 • ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

103 • A edição de 2020 não aconteceu devido à pandemia de Covid-19.

104 • Ver: <https://www.facebook.com/lobasecpp/>. >. Acesso em: 16 de junho de 2021.

Rio Grande, Novo Hamburgo e em Porto Alegre. A iniciativa não prosseguiu porque o Conselho Nacional de Esporte (CND) interveio e ordenou que a LPFA proibisse a sua continuidade.¹⁰⁵

Essas reconfigurações, (remuneração e competições femininas) mostram como o futebol infame traz consigo memórias e reinvenções. Arealense, Sul-América, Barrense e Beira-Mar são exemplos de agremiações futebolistas imbricadas à comunidade. Ao mesclar sentimentos clubísticos com laços de pertencimento ao bairro, o futebol cria elos de interconexões entre os moradores e a sua comunidade. Assim, o bairro: “se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública”.¹⁰⁶

O futebol, as festas e os bailes fazem das agremiações futebolísticas um espaço compartilhado, principalmente nos finais de semanas, quando eles se tornam pontos de encontro. Ao redor do campo de futebol, escorado na copa ou nos bailes e festas, transitam tanto os frequentadores assíduos como novatos, curiosos do próprio bairro, ou visitantes da redondeza. O clube se transforma em um lugar propício para encontros, um espaço que contribui para aproximar amigos, conhecidos e vizinhos quase anônimos. Proximidade fundamental para forjar um estado para melhor “conviver” entre

105 • RIGO, Luiz Carlos *et al.* “Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio 2008.

106 • MAYOL, Pierre. “Morar”. In: CERTEAU, Michel de. *et al.* *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis. Vozes, 1996.

toda a vizinhança.¹⁰⁷ Assim, além de atuarem agenciando pertencimento, identificando seus membros entre si e com o bairro, os clubes de futebol agem como catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas. Por sua capacidade de agregar e interagir com os moradores, eles se tornam agenciadores de sociabilidade, um lugar onde se forjam sentimentos e valores, um espaço utilizado para administrar as rivalidades, as diferenças e as tensões intrínsecas a todo bairro.

Audacioso, insistente, inquieto e astuto, esse futebol infame sobrevive e prolifera, potencializando o que Michel de Certeau¹⁰⁸ denominou de “inventividade” do cotidiano que, segundo ele, é uma “arte de fazer”, e para isso ele conta com um determinado grau de disciplina e persistência dos seus autores. Essa “arte de fazer” contempla algumas estratégias, algumas marcas travessais similares, que aproximam o futebol infame de diferentes regiões, e abarca também as particularidades que

107 • Simoni Guedes (1998), ao analisar o futebol de bairro, acentua que ele ajuda a forjar redes de sociabilidade onde, segundo ela, joga-se e negocia-se, para além do futebol, valores, ideias, informações sobre o mercado de trabalho e sobre locais de moradia. A autora observa que “os laços são mais fortes no local de residência, estendendo-se e esgarçando-se pelas áreas próximas” (Ver: GUEDES, Simoni. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998, p. 85).

108 • CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

o futebol infame costuma criar em cada localidade, ou nas diferentes cidades em que continua mostrando sua força.¹⁰⁹

Bibliografia

- ASSOCIAÇÃO COLONIAL DE ESPORTES. Pelotas, 2014.
Disponível em: <www.acefutebol.blogspot.com.br>.
Acesso em: 30 de março de 2021.
- ASSOCIAÇÃO COLONIAL DE PELOTAS. Pelotas, 2014.
Disponível em: <www.acpfutebolcolonia.blogspot.com>. Acesso em: 01 de abril de 2021.
- ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA COLONIAL DE PELOTAS.
Pelotas, 2014. Disponível em: <www.adcpfutebol.blogspot.com.br>. Acesso em: 01 de abril de 2021.
- BONDIA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.
- MAYOL, Pierre. “Morar”. In: CERTEAU, Michel de. *et al.* *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis. Vozes, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

109 • Como, por exemplo, o Futebol de Várzea de Manaus (ver os trabalhos de Rodrigo Valentim Chiquetto e Fernando Rosseto Gallego Campos), o Campeonato Varzeano Municipal de Porto Alegre (ver o trabalho de Mauro Myskiw), o Futebol de Várzea do Sertão Cearense (ver o trabalho de Rosângela Pimenta) e o futebol da Zona Rural do Interior Paulista (ver o trabalho de Enrico Spaggiari).

- CESAR, Willy. *Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráfica (CORAG), 2012.
- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. “Entre índios e boleiros no Peladão Indígena”. *Ponto Urbe*, São Paulo, n.14, p. 1-12, 2014.
- CORREIA, Jones Mendes; FREITAS, Gustavo da Silva; KNUTH, Alan Goularte; RIGO, Luiz Carlos. “A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916)”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, 2020.
- _____. *Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des) elitização do futebol na cidade de Rio Grande - RS (1900-1916)*. 2014. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- CUNHA, Leonardo Costa da. *et al.* “Sport Club Barrense: Memórias de um clube de futebol amador do município de São José do Norte”. *Espaço Plural*, Ano XIV, Nº 29, 2º Semestre 2013, p. 67-89.
- CUNHA, Leonardo Costa da; FREITAS, Gustavo da Silva, RIGO, Luiz Carlos. “Entre a Laguna dos Patos e o oceano: notas sobre a memória e algumas transformações do futebol amador de São José do Norte/RS (Brasil)”. *Licere*, Belo Horizonte, v.19, n.4, dez/2016.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão*. São Paulo: Hucitec, 2007.
- _____. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma*

- pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FOUCAULT, Michel. “A vida dos Homens infames”. In: _____. *O que é um autor*. 7.ed. Lisboa, Portugal: Nova Vega, 2009. p. 89-128.
- GALLEGO CAMPOS, Fernando Rosseto. “Ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazônico através da centralidade subterrânea”. *Revista Ra’e Ga*. Curitiba, v. 35, p. 288-313, Dez/2015.
- GUEDES, Simoni. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- MACHADO, Maria Elvira Silveira & RIVERA, Mara Rúbia Pinho (org.). *São José do Norte: terra de águas claras e areias brancas*. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.
- MURADÁS, Jones. *A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul – análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional*. 2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. “O futebol de várzea é uma várzea! Etnografia da organização no circuito municipal de POA/RS”. *Movimento*, v. 20, n. 2, p. 445-469, 2014.
- PIMENTA, Rosângela D. “O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural”. *Espaço Plural*, vol. XIV, núm. 29, p. 90-113, jul.-dez., 2013.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

- _____. *et al.* “Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame”. *Movimento*. v. 11, n. 2, p. 131-146, maio/agosto, 2005.
- _____. “Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro”. *Revista Pensar a Prática*. v. 10, n. 1, p. 83-98, 2007.
- _____. *et al.* “Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio, 2008.
- _____.; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. “Notas etnográficas sobre o futebol de várzea”. *Movimento*. Porto Alegre, v.16, n.3, p. 153-177, 2010.
- _____.; MACKEDANZ, Christian Ferreira. “Memórias do futebol comunitário: o caso do E. C. Esperança do Povo Novo”. *Revista Didático Sistêmica*. p. 257-263. Outubro de 2015.
- _____.; MACKEDANZ, Christian Ferreira. “A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do Sec. XX”. In: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos *et al.* (org.). *Futebol no Meridional: Uma história social do futebol e outras coisas*. Porto Alegre, RS, p. 43-61, 2021.
- SEFERIN, Vinicyus. *Futebol colonial de Pelotas: relações socio-históricas e organizativas*. TCC (Graduação em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. p. 64. 2014.
- SPAGGIARI, Enrico. “Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática de futebol em um bairro rural”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 165-190, jul./dez.2008.

Fontes

Jornal Folha do Norte. Ana Clara Tissot dos Santos. “Trovoada em Pleno Sol”. São José do Norte, Ano II, 30 de dezembro, p. 2, 1995.

Jornal Tradição. Ano XVI, nº 672. 09 a 15 de agosto de 2019.
IBGE: <<https://www.ibge.gov.br/>>.

Zero Hora: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/>>.

CAPÍTULO 4

EXPERIÊNCIAS DO FUTEBOL POPULAR DE MULHERES: OS SUBÚRBIOS CARIOCAS E A VÁRZEA PAULISTANA (1930-1980)

**Giovana Capucim e Silva
Aira Fernandes Bonfim**

A disponibilidade do futebol de mulheres para o inusitado, o desconhecido

Sob a luz da extraoficialidade histórica do futebol, a passagem do século XIX e XX demonstra como esse jogo se popularizou e foi apropriado por populares ao longo dos anos.¹¹⁰ Ofertado inicialmente aos homens – e não a qualquer um deles –, o futebol

110 • PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; FRANZINI, Fabio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História-FFLCH-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

desse período ofereceu resistência às classes populares, caracterizada desde então pela presença de trabalhadores braçais, mestiços e negros.¹¹¹ Mas e elas? Onde estariam as mulheres igualmente pertencentes à classe trabalhadora e entusiastas do jogo?

Por vezes a história oficial e institucional do futebol excluiu de suas narrativas e registros a presença e participação feminina.¹¹² Por essa razão, este texto se esforça em descortinar dois diferentes cotidianos femininos que se constituíram em episódios esportivos igualmente relevantes e próprios da ideia de um “futebol popular” no Brasil: um na década de 1930, no circuito esportivo dos subúrbios do Rio de Janeiro, e outro, nos anos de 1970, nas várzeas da capital paulista. Cidades reconhecidas como espaços legítimos da construção de sociabilidade, lazer e esportivização das brasileiras.

Entre 1941 e 1983, período que marcou a existência de um decreto-lei e, mais tarde, de deliberações do Conselho Nacional de Desportos, que impediam a prática do futebol por mulheres

111 • SANTOS, João Manuel Malaia Casquinha. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

112 • PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto, 2007.

em todo o território nacional,¹¹³ o que se observa são quatro décadas de atos de insubordinação,¹¹⁴ ou seja, mesmo proibidas, as brasileiras deixaram vestígios que nos permitem afirmar que elas jogaram e permaneceram jogando futebol a despeito do retrocesso marcado pelo impedimento. Dentre os diversos espaços onde as mulheres seguiram praticando o futebol, certamente os campos de futebol de várzea, suburbanos ou amadores tornaram-se cenários ricos na observação desses expedientes.

113 • Trata-se do decreto-lei 3.199 de 1941, a primeira legislação esportiva do país que proibia às mulheres a prática de atividades consideradas incompatíveis com a sua natureza, de acordo com a ciência da época. O decreto também criava o Conselho Nacional de Desportos, que seria o responsável por definir uma lista destas modalidades. Tal medida foi publicada na Deliberação nº 7 de 1965 e revogada para as modalidades regulamentadas por entidade internacional em 1979. Contudo, o futebol feminino não era reconhecido pela FIFA e continuou sendo impedido no Brasil até sua regulamentação pela CBD em 1983.

114 • SILVA, Giovana Capucim e. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017; CUNHA, Teresa Cristina de Paiva Montes. “O início do futebol feminino no Brasil: divergências históricas e o pioneirismo na prática”. In: KESSLER, Cláudia S. (org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 212-232; RIBEIRO, Raphael Rajão. “Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968)”. *Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 48-69, 2018; BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019, Dissertação – Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019; ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera: a history of women and sports in Latin America*. Austin: University of Texas, 2019.

Isso se dá justamente pelo fato de tais espaços se qualificarem como alheios à ostensiva presença e vigilância do Estado, tanto nas práticas esportivas quanto cotidianas das populações que circulavam nessas regiões distantes, geográfica ou socialmente, das áreas valorizadas dos centros urbanos carioca e paulistano.

O lugar “popular” destinado e ocupado por décadas pelas jogadoras que insistiram em praticar tal jogo oferece pistas para compreender as dificuldades que comprometeram o desenvolvimento e a profissionalização da modalidade feminina no futebol. Ao subsidiarmos com mais narrativas e fontes, problematizando assim a História do Futebol, contribuímos com resíduos de uma parte da sociedade que quase caiu em esquecimento e que permaneceu por décadas à margem da historiografia oficial do esporte mais popular do Brasil.

Nesse sentido, ao percorrer a ideia de *cultura de fresta*, Simas¹¹⁵ contribuiu com reflexões que dialogam com a presença e resistência do futebol popular e de mulheres na História do Futebol. A *fresta*, aquela abertura estreita que passa o que deveria ficar do outro lado, metaforiza a experiência das brasileiras como sujeitos do futebol, que mesmo excluídas do processo de iniciação ao jogo, encontraram seus modos de praticar tal esporte por instâncias não formais: campos suburbanos, circos, espetáculos, campeonatos amadores e beneficentes ou carreiras desconhecidas e não oficializadas.

Com quase cem anos de atraso, evidências históricas nos permitem preencher o esvaziamento de narrativas hegemônicas sobre o futebol brasileiro, com destaques ao progresso inglório das mulheres nesse esporte. Os exemplos a seguir mostram não só a resiliência manifesta no desejo de experimentar o

115 • SIMAS, Luiz Antonio; PARETO, Lindener. *Provocação Histórica*. 2021. (1h15m46s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZrhPnjNKUKs>>.

fenômeno esportivo chamado futebol, mas o caráter popular dessas mesmas praticantes ao transgredir, burlar e romper os impeditivos em torno de uma prática insistentemente desaconselhada para um ideal de mulher nessa mesma sociedade.

A década de 1930: um passado feminino de festividades esportivas e populares

Nos últimos anos tem-se reiterado o episódio de 1921 entre as “senhoritas” dos bairros paulistanos do Tremembé e da Cantareira, como um marco inaugural de moças jogando bola no Brasil. No entanto, apesar de existirem novas confirmações de episódios isolados entre meninas, antes e depois de 1921,¹¹⁶ o futebol feminino, como modalidade esportiva institucionalizada e competitiva, não se desenvolveu oficialmente naquela época e esperou mais de 60 anos para tal.

Com maior recorrência de episódios na cidade do Rio de Janeiro, a performance pública de mulheres jogando bola são identificadas em clubes esportivos que despontam nas diferentes divisões hierárquicas organizadas pelas Ligas de Futebol da época, a exemplo do Villa Isabel F.C. (1915), o Progresso F.C. (1919), o C.R. Flamengo (1919) e o River S.C. (1919), que já indicavam a exibição de equipes mistas ou de meninas contra meninos nas suas festividades esportivas e domingueiras, ou mesmo só de mulheres jogando futebol, como se observou no

116 • BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019, Dissertação – Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.

Helios (1920), C.R. Vasco da Gama (1923), S.C. Celeste (1923) e São Cristóvão A.C. (1929) de acordo com Bonfim.¹¹⁷

O conjunto de episódios femininos boleiros evidencia a centralidade dos festivais esportivos na iniciação e manutenção dessa prática já no início do século XX. Com a passagem dos anos, a imprensa, ao noticiar os acontecimentos relacionados à presença delas em campo, vai geograficamente se deslocar das regiões mais centralizadas da cidade carioca para outras mais afastadas e oportunamente denominadas como subúrbios.

O futebol suburbano, ou “futebol menor” como era chamado pelos cronistas e dirigentes da elite esportiva, estava em plena ascensão no circuito esportivo da cidade nas primeiras décadas de 1900 e caracterizava-se pela aderência popular de seus praticantes e organizadores, bem como de seus torcedores e torcedoras, frequentadores dos certames localizados em regiões igualmente populares do Rio de Janeiro. A década de 1930 também marcará um importante período de negociações masculinas em torno da profissionalização dos jogadores, fato que estimulará a adesão da carreira esportiva como uma nova perspectiva de vida para os suburbanos.

A presença ainda rara e reveladora das cariocas com a prática do futebol enseja uma breve tentativa de desenvolvimento desse esporte entre mulheres no Brasil. E nesse sentido, foram em bairros cada vez mais descentralizados como São Cristóvão, Caju, Engenho de Dentro, Piedade, Benfica, Cascadura, Realengo e Anchieta onde se caracterizou a organização e exposição de equipes femininas na década de 1930. A princípio uma presença já identificada em 1929¹¹⁸ e que foi arrefecida logo após 1932, mas que retornaria com novo vigor

117 • *Idem.*

118 • “O *Foot-ball* de Moças está dando o que falar”. *A Crítica*, Rio de Janeiro, p. 4, 17 mai. 1929.

em 1939, sendo 1940 o ano de maior expansão dessa prática para o público do país.¹¹⁹

Ao mesmo tempo que a composição de bairros populares gerou um argumento de distinção ao futebol masculino que se desenvolvia nos grandes e conhecidos clubes da elite carioca, ao futebol popular, suburbano – e agora também feminino –, não lhe conferia uma identidade de significado único. Muito pelo contrário. Se tal palavra, por vezes, conferiu um sentido homogeneizado e pejorativo aos moradores de “fora do centro”, vale aqui distinguir que a ideia de um futebol popular e suburbano se trata na verdade de uma configuração extremamente diversificada quando considerada a quantidade de bairros e populações nesses locais.¹²⁰ Essa polifonia suburbana se mostrou oportunamente como uma possibilidade de encontro amplificada entre populares – homens e mulheres – com práticas esportivas e de lazer, e permitiu pluralizar identidades recorrentemente cristalizadas pelo senso comum.

Dito isso, mulheres suburbanas jogaram bola sim, mas não da mesma forma como os homens suburbanos. Dessa maneira, vale destacar que a experiência do futebol feminino do período não foi uma extensão equânime da cena do futebol amador masculino. Os registros sobre a atuação das suburbanas em campo revelam uma presença de episódios por vezes dispersos e com

119 • BONFIM, Aira Fernandes. “‘O Foot-ball de Moças está dando o que falar’: Festivais esportivos e o futebol das mulheres suburbanas do Rio de Janeiro (1929 a 1932)”. *Revista Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v.18 p. 25-49, 2020. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2020/08/AGCRJ_revista18_200825-v2-19-43.pdf>.

120 • SANTOS JUNIOR, Nei Jorge; MELO, Victor Andrade. “‘Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos’: posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920)”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 191-211, jan.-mar. 2014, p. 195.

fontes históricas mal salvaguardadas, revelando uma disparidade de gênero na reconstrução das evidências históricas quando comparadas ao que se conhece sobre as fontes do futebol suburbano masculino.

O conjunto de programações esportivas suburbanas da época destaca um esforço de ampliação das possibilidades de participação dos moradores – homens e mulheres – dos bairros mais afastados da região central do Rio de Janeiro na vida social da cidade. Esse detalhe ressalta a inclusão das jogadoras suburbanas na demarcação dessa presença como sujeitos que se divertem, competem e ocupam diferentes espaços sociais de uma cidade em crescimento. Esses festivais esportivos, recheados de partidas de futebol (mas não só), documentaram características próprias de seus produtores, a ponto de considerar tais atores – os suburbanos e as suburbanas – como sujeitos ativos, protagonistas e organizadores de suas próprias experiências de lazer, esporte e diversão.

Algo próprio dessas experiências femininas da década de 1930 foi a presença e intercâmbio de equipes masculinas reconhecidas do meio futebolístico da época, a exemplo do C.R. Vasco da Gama, São Christóvão A.C. e América F.C. coexistindo os mesmos festivais. Os jogadores e dirigentes da elite do futebol carioca da época, bem como políticos importantes, dividiram os mesmos campos e eventos com as jogadoras suburbanas. Sob os olhares curiosos para a preliminar feminina de futebol entre as equipes formadas pelo clube Brasil Suburbano Football Club realizada em junho de 1930,¹²¹ no campo do Engenho de Dentro Athletic Club, observa-se a presença ilustre de Afrânio Costa, presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, a AMEA, e funcionário da Confederação Brasileira de Desportos, a CBD. Afrânio Costa foi o chefe da delegação

121 • *A Esquerda*, Rio de Janeiro, p. 5, 24 jun. 1930.

brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 1930, e o evento de Engenho de Dentro aconteceu poucas semanas antes do início da Copa do Mundo, em 13 de julho.

Tal marcador de classe e, conseqüentemente, de poder, configurava prestígio aos festivais que exibiam partidas de futebol feminino, somados à facilidade de venda de ingressos e a presença significativa de público nesses espaços. E para ajudar a calcular a visibilidade e relevância da exibição dos confrontos femininos, é possível destacar o Casino do Realengo, equipe feminina oriunda do bairro distante de mesmo nome, que no auge da popularização do futebol de mulheres, 1940, jogou por 5 vezes ao longo do mês de março.¹²²

Outra particularidade identificada no movimento de mulheres do subúrbio foram as parcerias estratégicas presentes em cada festival esportivo que apresentava, na sua vasta programação, o futebol feminino. Primeiro foram os próprios jornais, que inúmeras vezes deram nome aos troféus disputados ou tinham alguns de seus cronistas homenageados a cada partida, inclusive as femininas. Foi o caso do *Mundo Sportivo*, *Jornal dos Sports*, *Diário da Noite* e *O Globo* no festival esportivo beneficente promovido pelo Sport Club Verdun, outro pequeno clube do bairro do Andaraí,¹²³ e a Taça Mário Rodrigues Filho, premiação dedicada ao time vencedor do prélio feminino entre S.C. Brasileiro e o Eva F.C., de Santo Cristo.¹²⁴ A imprensa, subur-

122 • BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019, Dissertação – Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.

123 • *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 18, 29 jan. 1932.

124 • *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 4, 13 mar. 1940.

bana ou não, sequencialmente transformava tais eventos em notícias, e o futebol popular de mulheres se beneficiou disso.

Foi graças à imprensa, que patrocinou e cobriu o futebol dos subúrbios, que recentemente pesquisadores têm recorrido às fontes impressas e organizado evidências com confiabilidade sobre um futebol de mulheres que existiu apesar de ter quase desaparecido. Essa oportunidade de compreensão de um passado esportivo com cerca de 100 anos de idade, tem permitido avaliar alguns desdobramentos da história do futebol feminino recente, bem como romper paradigmas e preconceitos sobre modalidades com mulheres.

O ano de 1940, por exemplo, nos brinda com mais de 150 notícias sobre um futebol feminino, popular e suburbano. O interesse sobre a popularização do futebol entre as moças é traduzido numa variedade de coberturas que incluem entrevistas (como o da jogadora Adiragram Pereira, presidente da equipe S.C. Brasileiro),¹²⁵ descrição das programações dos festivais esportivos, endereços de campos e sedes, resultados de jogos, escalação e raras fotografias das jogadoras. Graças ao último item dessa vasta lista de conteúdos esportivos históricos, é possível afirmar, por exemplo, detalhes sobre seus uniformes, bem como afirmar a presença de mulheres negras¹²⁶ e jovens em meio à composição dessas equipes.

Ainda sobre os apoiadores dessa nova forma de viver o futebol, demonstra-se também o interesse de empresas em financiar tais festivais e vincular suas marcas ao futebol de

125 • *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 6, 10 maio 1940.

126 • *A Gazeta*, São Paulo, p. 5, 16 jan. 1941.; *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 ago. 1940.; *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 30, 08 abr. 1940.; *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, p. 7, 02 maio 1940.; *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 09 abr. 1940.; *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, p. 15, 25 jan. 1932.; *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 2, 02 set. 1931.

mulheres. A casa comercial de artigos esportivos, Casa Santa Cruz, financiou a excursão de equipes de garotas até a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais.¹²⁷ A Casa Supperball e a firma Moreira Leite & Santos patrocinaram o match das suburbanas em pleno estádio das Laranjeiras.¹²⁸ Já a conhecida marca de cigarros Sudan, por exemplo, promoveu um festival no bairro de Engenho de Dentro, em parceria com o *Jornal dos Sports*, e ofereceu bebidas finas e doces às jogadoras, bem como jogos de camisas e bandeiras como prêmios às equipes masculinas ganhadoras.¹²⁹ A partida tinha a Taça Anitta D'Angelo, nome em homenagem à esposa do proprietário da fábrica de cigarros.

As próprias excursões, fossem dentro do território fluminense, ou mesmo para estados vizinhos ao Rio de Janeiro, como oportunamente aconteceu para São Paulo e Minas Gerais, envolveram o patrocínio da imprensa, empresários e de dirigentes. Obviamente, as preliminares femininas não eram exibidas gratuitamente e tal receita custeava os deslocamentos e, em alguns casos, até rendia um “bicho”, um pequeno salário às jogadoras e seus investidores. De acordo com a apuração dos jornalistas de *A Noite*,¹³⁰ as jogadoras do A.C. Primavera tiravam por jogo em torno de 10\$000 a 15\$000 mil réis.

Os mesmos textos, como os publicados pelo *O Radical*,¹³¹ revelam a presença de meninas menores de idade em meio à composição de jogadoras das mais de 15 equipes que surgiram na época, e destacam que algumas delas estudavam e outras trabalhavam. O próprio dirigente da conhecida equipe masculina

127 • *O Radical*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 set. 1940 e *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 5, 27 set. 1940.

128 • *O Radical*, Rio de Janeiro, p. 6, 14 dez. 1940.

129 • *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 4, 13 mar. 1940.

130 • *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 3, 11 jan. 1941.

131 • *O Radical*, Rio de Janeiro, p. 7, 06 jun. 1940.

do Mavillis, Antunes, descreve na mesma fonte que suas jogadoras “eram corretas, de conduta exemplar e condição humilde”. As jogadoras e irmãs Sally e Nice Alves de Souza faziam parte do grupo de atrizes da Companhia Typica Brasileira.

A imprensa esportiva da época documentou e visibilizou carreiras esportivas masculinas em formação nos subúrbios, mas não só. O contexto de profissionalização do futebol da década de 1930 afetou homens e mulheres para um futebol, que além de divertido, foi lido como uma possibilidade de ascensão social. Os jogos femininos presentes em uma sequência ininterrupta de episódios, iniciados em 1939, não só são provas de corpos que experimentaram tal esporte, mas também vivenciaram, mesmo que brevemente, o status social operado por aqueles que se destacavam dentro de campo. Elas viajaram, competiram, tiveram seus nomes e rostos impressos nos jornais esportivos e até ganharam dinheiro com o futebol. As jogadoras mulheres, populares e suburbanas, sonharam o futebol até que o mesmo, poucos meses depois, fosse interrompido através da formalização do artigo 54 do Decreto-lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941.

O decreto de 1941, ao proibir e interromper o desenvolvimento das iniciativas de futebol feminino no Brasil, permitiu ao Conselho Nacional de Desportos (CND) aderir aos discursos hegemônicos propagados pela medicina e da educação física - internacional e nacional - quanto às teorias da fragilidade do corpo feminino, e a pretensa e prioritária vocação das mulheres à maternidade.¹³² O CND, órgão superior do sistema esportivo brasileiro, subordinado ao Ministério da Educação e da Saúde, ao reorganizar o sistema desportivo nacional, estruturando-o

132 • RIBEIRO, Raphael Rajão. “Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957)”. *Tempo*. Niterói, v. 29, n. 2, p. 86-106, 2023.

às feições de um governo centralizado e autoritário do Estado Novo, em apenas um dos seus parágrafos, colheu os frutos da sua decisão e prejudicou imediatamente o futebol das mulheres suburbanas. As equipes femininas, dirigentes e jogadoras passaram a ser difamadas ou invisibilizadas nos jornais, os campos dos bairros deixaram de promover e acolher partidas femininas e, daquele momento em diante, passou-se a construir e naturalizar um afastamento simbólico e eficiente das brasileiras com o futebol. As fontes históricas sobre esses eventos também sofreu rarefação, fato este que ainda hoje nos desafia para na reconstituição dessa historiografia esportiva mais plural, feminina e popular.

São Paulo: várzea, proibição e resistência

Por ser uma cidade que se desenvolveu no entorno de rios, em São Paulo, o futebol amador é chamado “de várzea”. Isso porque essa prática ocorria majoritariamente nesses espaços. Com a consolidação do processo de profissionalização da modalidade, a expressão “várzea” passou a denotar bagunça, desorganização, como uma forma de atribuir um significado pejorativo ao futebol amador, outrora efusivamente defendido pela elite paulista. Com a aceleração do processo de urbanização, esses espaços foram sendo transformados pelas forças econômicas que regem a cidade em nome de um suposto progresso. Desse modo, os campos de futebol foram cedendo seu lugar para largas avenidas, dentre outros elementos presentes na nova

dinâmica da jovem metrópole.¹³³ Assim, o jogo “de várzea” foi sobrevivendo em regiões menos urbanizadas, por vezes longe dos rios, para onde foi sendo empurrado, tornando-o cada vez mais periférico geográfica e socialmente na dinâmica urbana.

Em que pese esse processo, convém retificar que o futebol amador não é único. Por definição, todo aquele jogo não profissional se constitui em amador, incluindo festivais e jogos universitários. Trata-se aqui, no entanto, não de todos estes casos, mas sim de clubes esportivos amadores que sobrevivem apesar da ação do “progresso” sobre a cidade e que são mantidos pelos seus próprios frequentadores. Possuem, quando muito, um pequeno auxílio de algum comércio do bairro onde estão inseridos. Apesar da limitação financeira, possuem uma grande importância junto às comunidades onde estão inseridos, não só pelo aspecto esportivo, como também pelas dinâmicas de sociabilidade e de pertencimento que são capazes de gerar, sendo reconhecido já nos anos 1950 como parte integrante da cultura popular da cidade de São Paulo.¹³⁴

Dentro dessas estruturas de cultura esportivo-sociais há grande integração comunitária, porém os modos de ocupação dos lugares dentro dos clubes são bastante genericados: o papel de protagonista, no caso, aquele que está dentro de campo, cabe aos homens, ao passo que às mulheres é permitida a sociabilidade fora das quatro linhas, em geral, em seu papel histórico de torcedoras. Assim como em diversas searas da sociedade, no entanto, as mulheres foram ocupando as frestas que foram sendo abertas e dali ampliando seu espaço de atuação. E

133 • SCIFONI, Simone. “Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, Dec. 2013 .

134 • *Idem*.

na várzea não foi diferente, mesmo durante o período em que a prática do futebol era proibida para elas.

Em que pese a dificuldade em encontrar fontes sobre o futebol amador, considerando a imprensa de grande circulação como principal referência de pesquisa, é fundamental destacar a importância ímpar do jornal *A Gazeta Esportiva* que se propôs a cobrir obstinadamente o futebol de várzea em São Paulo. Para além da visibilidade gerada pelo periódico, sua contribuição torna-se ainda mais destacada pelo fato de dar vazão para as narrativas que as próprias agremiações criavam sobre si, levando seus textos e informações para que fossem publicadas no periódico.¹³⁵

Nesse sentido, o primeiro clube amador a publicar a organização de partidas de futebol entre mulheres foi o CA Indiano, localizado às margens da Represa de Guarapiranga. Apesar do espaço geográfico que ocupava, a realidade dessa agremiação estava distante do futebol varzeano, constituindo-se mais como um clube de lazer, de veraneio, cercado de marinas. Sua estrutura era tamanha que eventualmente alugava alguns de seus campos para o treinamento de times de futebol profissional, como foi o caso do São Paulo FC no ano de 1970. A formação das equipes de mulheres deu-se com convites a associadas, sem a abertura de seletivas para pessoas de fora. As partidas noticiadas ocorreram de modo endógeno, sem nunca enfrentar outros clubes, configurando-se apenas como uma nova forma de lazer para as sócias, sem nenhum caráter competitivo.¹³⁶

135 • SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 135-137.

136 • SILVA, Giovana Capucim e. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017.

Considerando-se o contexto de proibição do futebol para mulheres em estádios, campos ou inseridas num contexto esportivo,¹³⁷ há de se compreender que um clube, que gozava de prestígio junto a grandes agremiações esportivas do país, não tinha interesse em abrir um enfrentamento ao Conselho Nacional de Desportos para bancar uma equipe feminina competitiva. Ademais, há nessa experiência um evidente recorte de classe. Outros clubes que organizaram equipes de mulheres nos anos seguintes caracterizaram-se efetivamente como times “de várzea”, ou seja, localizados em regiões suburbanas da cidade com pouca infraestrutura, frequentado pelos moradores do entorno, sem qualquer atributo “de veraneio”, como era o caso do Indiano, e dispunham, em geral, de um campo com pouca ou nenhuma grama, sem possível comparação com um clube que alugava campos para equipes profissionais.

Deste modo, o caso do CA Indiano possui, ao mesmo tempo, um forte traço de vanguarda, ao organizar entre suas associadas equipes de futebol antes de qualquer outra que se tenha registro no “Mundo do Futebol Amador”,¹³⁸ como também representa um ponto fora da curva, ao caracterizar-se como um clube de campo dentro dos limites municipais da capital paulista. Apesar de afastado do centro, não pode ser considerado um espaço periférico do ponto de vista social ou mesmo popular. Assim, as mulheres futebolistas ali presentes eram

137 • Durante os anos da proibição do futebol para mulheres, houve diversas experiências bem-sucedidas até mesmo em estádios de futebol, desde que caracterizados com fins não esportivos, como em jogos de vedetes com fins beneficentes. Ver: SILVA, Giovana Capucim e. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017.

138 • Nome da seção de *A Gazeta Esportiva* que trazia notícias deste universo.

protegidas de qualquer contato com atributos do futebol que contribuíram para que ele fosse proibido para elas na década de 1940: como uma atividade essencialmente de lazer, esvazia-se o sentido competitivo que poderia levar a jogadas mais ríspidas ou contatos violentos que foram vistos como inadequados para os corpos das mulheres. Mais que isso: havia a garantia que apenas moças oriundas de certo nível social participariam dos jogos, afinal, pertenciam a famílias pagantes de um clube de veraneio com estrutura de excelência e, portanto, eram conhecedoras dos códigos e técnicas corporais esperadas pela sociedade para o seu sexo. Desta forma, apesar de haver mulheres jogando futebol, o nível de subversão da ordem do gênero que isso significava se tornava bastante contido.

Assim como se deu nos anos 1930 nos subúrbios do Rio de Janeiro, as primeiras experiências registradas na imprensa de festividades que promoveram jogos de futebol entre mulheres ocorreram em experiências bastante pontuais no início da década de 1970, retornando de modo estruturado e regular na segunda metade do decênio: a partir de 1976, diversas equipes como o CAFUM (Com Amor Faremos a União Mundial) e a inusitada equipe da AD Polícia Militar. Outras equipes também fizeram parte de festivais e torneios de exibição, mas essas três tiveram mais regularidade na cobertura de *A Gazeta Esportiva*, indicando o interesse das equipes e de seus organizadores em dar-lhes notoriedade no universo do futebol amador, coberto pelo jornal.¹³⁹ Este fato possibilitou que viéssemos a saber da existência de diversas outras equipes de mulheres que atuavam na várzea paulista no período, já que sempre havia o nome do adversário informado nas notas levadas ao periódico. Não havia,

139 • SILVA, Giovana Capucim e. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017.

contudo, grande interesse dos organizadores dos outros times em dar esta publicidade para suas jogadoras. Nesse sentido, é como afirmou Perrot:

*Para escrever a História são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.*¹⁴⁰

Diante desta limitação de fontes para desvendar a relevante história das mulheres no futebol popular, é louvável a atuação do historiador Raphael Rajão Ribeiro que, diante de notícias de jogos entre mulheres ocorridos na cidade de Vespasiano, em Minas Gerais, entre equipes locais, foi até lá para conversar com atores do evento, permitindo novas camadas de compreensão daquelas partidas e da própria dinâmica que envolvia as frestas e a repressão na vigência da proibição do futebol praticado por mulheres.¹⁴¹ Suas descobertas reforçam a ideia que uma marca dos jogos do chamado futebol feminino eram o caráter benéfico, ou seja, o objetivo principal da partida se encontrava

140 • PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto, 2007, p. 21.

141 • RIBEIRO, Raphael Rajão. “Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968)”. *Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 48-69, 2018.

fora do campo de jogo,¹⁴² sendo esta uma das maneiras mais comuns de ludibriar a legislação vigente.

O historiador teve, assim, a rara oportunidade de ouvir dessas mulheres suas histórias. Nas coberturas jornalísticas, muitas vezes sequer apareciam seus nomes. As imagens são ainda mais raras. Quase não há entrevistas interpelando-as sobre os significados que elas atribuíam ao jogo, geralmente há homens que falam por elas, como treinadores e dirigentes. Um dos raros momentos em que foram perguntadas sobre seus jogos por um veículo de imprensa deu-se justamente em 1979 numa provável matéria vendida por algum terceiro, já que o texto é o mesmo na *Folha de S. Paulo* e na *Gazeta Esportiva*. Publicados na mesma data, ainda que com título, imagens e legendas diferentes,¹⁴³ cobriam justamente um jogo da ADPM e o texto destacava:

“Feministas”? Elas dizem que sim. Querem levar a luta pela igualdade de direitos entre o homem e a mulher até para dentro dos campos de futebol, provando que bola, calção e chuteiras não devem mais ser um privilégio dos marmanjos.

[...] Lúcia, uma meia-esquerda dona de um chute muito forte, disse que essa história de que o futebol

142 • SILVA, Giovana Capucim e. “Jogar é resistir: práticas do futebol por mulheres durante sua proibição”. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda; PISANI, Mariane da Silva. *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

143 • “Essas feministas de calção e chuteiras”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 15 jan. 1979. Esporte, p. 02; “Elas calçam chuteiras”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 15 jan. 1979, p. 02.

é um esporte violento demais para ser praticado por mulheres não passa de conversa fiada do inimigo.

- Pratico o futebol porque gosto. Existem muitas outras atividades mais violentas em que a mulher participa sem qualquer preconceito. Por exemplo, já joguei handebol na seleção paulista e acabei trocando esse esporte pelo futebol, depois de sofrer uma contusão violenta. [...]

A equipe da A.D.P.M. pratica futebol há três anos e seu principal objetivo é obter o reconhecimento do futebol feminino junto aos cartolas da C.B.D.

A afirmação política da luta por direitos, alinhados com o movimento feminista e associando-o à luta pela regulamentação do futebol para as mulheres, não era uma unanimidade. Se na década de 1930 houve clubes conhecidos que apoiaram a prática num momento em que não havia a proibição, no contexto de vigência das legislações impeditivas essas ações eram reprimidas. Uma das poucas iniciativas nesse sentido que se tem notícia deu-se no Sport Clube Corinthians Paulista, numa ação liderada pelo então presidente da agremiação que fundou ali uma equipe de futebol feminino. Diante da notificação do CND inviabilizando tal ação, as jogadoras passaram a treinar num parque próximo ao clube e o time passou a chamar-se “Corinthians do Parque”. Sobre essa equipe também há uma reportagem que entrevista uma de suas integrantes, no entanto, não se trata de uma jogadora: quem fala é Neneca, que se intitula “Tudo...sou a técnica, a presidente, e logo serei derrubada como treinadora”.¹⁴⁴ Em outro trecho ela

144 • “Mulher: o amor em campo”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 25 jul. 1981, p. 44.

se opõe à ideia de associar o futebol de mulheres ao feminismo trazida por Lúcia, da ADPM:

É um movimento feminista?

“Não. Sou contrária a movimentos feministas. Adoro sair com o meu namorado, faço questão que ele abra a porta do carro, fico feliz quando ele acende meu cigarro. Sou romântica, aprecio ver a lua. Mas adoro o futebol” [...].

Essas duas falas de mulheres que buscavam o reconhecimento do futebol praticado por mulheres pelas autoridades esportivas brasileiras, mostram que o significado do jogo era evidentemente de resistência, mas sua associação com o movimento feminista não era clara para as envolvidas, até mesmo pelo entendimento do que se tratava essa mobilização.

De qualquer maneira, em entrevistas como essas é possível notar alguns pontos que dialogam com aquele futebol suburbano do Rio de Janeiro. Primeiro, a existência de poucas equipes perenes, algumas aparecem em apenas um festival. Isso gera uma questão de nível de jogo: equipes como o CAFUM e a ADPM dificilmente perdiam um jogo e frequentemente venciam suas adversárias por mais de dez gols de diferença. Assim, a intenção de apenas se divertir, envolvendo-se com algo que parecia curioso, inusitado, quase pitoresco, por parte de algumas das moças, conflitava com equipes, como as mencionadas anteriormente e o próprio Corinthians do Parque, que possuíam uma regularidade de treinamentos e tinham a real intenção de competir e legalizar o futebol. Finalmente, uma questão que abarcou todos os períodos analisados neste texto foi a diferença de idades entre as praticantes: é comum que se destaquem nas notícias meninas de 12 anos jogando com adultas de quase

trinta. Esse fato aponta como a falta de uma organização esportiva para organizar a modalidade impacta diretamente em sua qualidade e competitividade.

Já às vésperas da regulamentação do futebol de mulheres e num ano de várias ações decisivas para este fim, foi criada a Lifufesp (Liga de Futebol Feminino de São Paulo), que reunia dirigentes de 16 times da capital e do Grande ABC.¹⁴⁵ O presidente Vanderlei P. S. Coelho – formado em direito e treinador da equipe da ADPM – justificava a existência da Liga pela ausência de “um órgão oficial para dar apoio”, acenando para a possibilidade de sua extinção.¹⁴⁶ Ele dizia também que, além da promoção de jogos e campeonatos, já havia sido elaborado um estatuto que tentaria registrar em cartório, depois na FPF e no Conselho Regional de Desportos. Para Coelho, demonstrar às autoridades a existência de uma organização regional para a modalidade seria um incentivo para a regulamentação do esporte. A organização desejava afastar a ideia de que o futebol de mulheres só despertaria interesse pelos corpos das jogadoras, valorizando-o por sua qualidade esportiva.¹⁴⁷

Assim, quando se fala nas experiências do futebol praticado por mulheres no Brasil, seja antes ou durante a proibição, o que se pode identificar é uma diversidade de corpos, origens sociais, cores de pele, intenções, convicções políticas e objetivos ao engajar-se no jogo. Desta maneira, ainda que haja – e com certa intencionalidade – um limitado número de fontes a serem consultadas sobre essas histórias, é certo que buscar criar uma

145 • “Mulheres só esperam o sinal verde da FIFA”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 22 ago. 1982. “Local/Educação/Interior”, p. 13.

146 • “Boas de bola, com muita arte”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 04 jul. 1982. Mulher, p. 11.

147 • “Mulheres só esperam o sinal verde da FIFA”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 22 ago. 1982. “Local/Educação/Interior”, p. 13.

narrativa única que abarque todas as experiências de ser mulher no futebol só poderia levar a uma recriação de generalizações que jamais darão conta de suas dimensões e significações.

Considerações Finais

A trajetória do futebol popular é marcada pela sua marginalização dentro do sistema esportivo após a profissionalização masculina do esporte na década de 1930. Seu valor para a sociedade, entretanto, era reconhecido eventualmente quando dali saía um grande jogador, dando a esses espaços a alcunha de “celeiro de craques”. A ausência de um projeto de profissionalização do futebol de mulheres e, mais ainda, sua proibição, impediram que as mulheres tivessem experiências semelhantes. Isso não quer dizer, no entanto, que elas não tivessem nenhum tipo de ganho – por vezes até financeiro – com sua participação nos jogos.

O período trabalhado neste texto destaca jogos de mulheres que conquistam uma espécie de simpatia pitoresca do público pelo seu particularismo e ineditismo. As ideias de incompatibilidade dos corpos das mulheres com os requisitos necessários para a prática do futebol foram sendo construídas ao longo da primeira metade do século XX e ganharam força de tal maneira que o Brasil viveu uma realidade de mais de 40 anos de proibição legal. Isso, no entanto, nunca extinguiu a prática que foi ganhando contornos diferentes e encontrou espaço privilegiado de expressão no futebol amador em espaços periféricos das grandes cidades.

Em que pese a existência de diversas maneiras que as mulheres encontraram de seguir jogando antes e durante a proibição do futebol para elas, há de se ponderar que esse processo se deu por meio da construção social dos significados do

jogo de futebol, assim como do lugar e da função (muitas vezes mesmo singular) das mulheres na sociedade. Nesse sentido, as mulheres suburbanas, oriundas das classes médias ou populares, possuem uma diferença fundamental daquelas das elites: elas estudam, trabalham e demonstram certa autonomia ao se deslocarem por diferentes regiões das grandes cidades.

Os episódios históricos expostos evidenciam como as mulheres brasileiras, ao jogarem futebol em diferentes épocas, acabaram por ocupar e negociar espaços públicos e simbólicos, sendo dois exemplos deles: o lugar de prestígio ascendido pela modalidade, bem como o tensionamento dos limites de um esporte considerado “violento” e masculino – mesmo que popular. Nesse sentido, a disponibilidade feminina para o inusitado, ou seja, de pertencer a um jogo que nunca foi oficialmente oferecido para elas, faz do futebol uma ferramenta ímpar para compreender questões de gênero e de classe no Brasil, ao revelar, por exemplo, conflitos e tensões motivadas pelo protagonismo de mulheres na cena esportiva.

Desta maneira, enquanto se pensava na idealização da mulher na sociedade brasileira como mãe e cuidadora da casa e da família, as mulheres não brancas e oriundas de camadas menos abastadas saíam para trabalhar, muitas vezes cuidando da casa e dos filhos de outras famílias, e por vezes reivindicando o seu lugar social de diversão. Destarte, elas já possuíam experiências de vida dissonantes da feminilidade construída e idealizada como tradicional, ao passo que suas experiências no campo do futebol eram legitimadas por essa trajetória de vida, e nem por isso menos vigiadas e controladas, como sugere Maluf e Mott:

Foram, porém, as camadas mais baixas da população – operários, imigrantes, mulheres pobres, mulheres

*sós, negros e mulatos – que tiveram o comportamento mais fiscalizado e submetido a medidas prescritivas.*¹⁴⁸

A regularidade de manifestações da existência (ou resistência) de um futebol jogado por mulheres no Brasil, proposto neste texto pelo recorte que abrange mais de sessenta anos (1915-1983), além de evidenciar historicamente uma série de aproximações femininas com o futebol, nos ajuda a refletir sobre um jogo, um esporte, que mesmo praticado amadoramente – longe dos processos de mercantilização e de competições de alto rendimento – marcou tentativas de ampliação dos papéis das mulheres na sociedade brasileira.

Ser mulher, suburbana, artista, jogadora varzeana foram categorias subalternizadas pelo processo histórico e limitadas por muros institucionais (elitistas e oligárquicos) que vetaram a elas, formas de pertencimento, sociabilidade e cidadania na sociedade que se esportivizava. São essas moças, igualmente jogadoras e dirigentes de futebol, contagiadas pela mesma eferescência causada pela novidade esportiva inglesa que marca a adesão em massa da prática de homens ao jogo, que nos permitem revelar que esse grupo – popular e feminino – redefiniu suas estratégias de sobrevivência no campo esportivo.

Por fim, há certamente muito mais de desconhecido do que há de conhecido na história das mulheres, especialmente sobre sua história no futebol e, ainda mais, sobre suas experiências no futebol popular. Os discursos sobre esse futebol, popular e feminino, criados desde a década de 1930, assim como toda desqualificação no contexto de um esporte proibido (e por isso, inadequado e evitado), vão incidir diretamente sobre o que

148 • MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. v.3. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 387.

sabemos, conhecemos ou deixamos de pesquisar sobre o futebol feminino no Brasil.

Fica, deste modo, a provocação e o convite à busca de novas fontes e pesquisas que auxiliem na construção e na conquista de narrativas legitimadoras do espaço do futebol popular como um lugar das mulheres.

Bibliografia

- BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019, Dissertação - Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.
- _____. “‘O Foot-ball de Moças está dando o que falar’: Festivais esportivos e o futebol das mulheres suburbanas do Rio de Janeiro (1929 a 1932)”. *Revista Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v.18 p. 25-49, 2020. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaag-crj/wp-content/uploads/2020/08/AGCRJ_revista18_200825-v2-19-43.pdf>.
- CUNHA, Teresa Cristina de Paiva Montes. “O início do futebol feminino no Brasil: divergências históricas e o pioneirismo na prática”. In: KESSLER, Cláudia S. (org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 212-232.
- ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera: a history of women and sports in Latin America*. Austin: University of Texas, 2019.

- FRANZINI, Fabio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História-FFLCH-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. v.3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto, 2007.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. “Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968)”. *Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 48-69, 2018.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. “Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957)”. *Tempo*. Niterói, v. 29, n. 2, p. 86-106, 2023.
- SANTOS, João Manuel Malaia Casquinha. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SANTOS JUNIOR, Nei Jorge; MELO, Victor Andrade. “‘Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos’: posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920)”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 191-211, jan.-mar. 2014.

- SCIFONI, Simone. “Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, Dec. 2013 .
- SILVA, Diana Mendes Machado da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SILVA, Giovana Capucim e. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017.
- _____. “Jogar é resistir: práticas do futebol por mulheres durante sua proibição”. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda; PISANI, Mariane da Silva. *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.
- SIMAS, Luiz Antonio; PARETO, Lindener. *Provocação Histórica*. 2021. (1h15m46s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZrhPnjNKUKs>>.

CAPÍTULO 5

O CIRCUITO VARZEANO EM PORTO ALEGRE

Mauro Myskiw

Introdução

Este texto aborda situações de uma pesquisa etnográfica realizada no “futebol de várzea”, trazendo elementos da trajetória na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, entre os anos de 2009 e 2011.¹⁴⁹ O início dela se deu no Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), cujos trabalhos realizados – boa parte deles – se dedicavam, naquele

149 • A pesquisa foi realizada como parte do processo de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A tese foi defendida no ano de 2012. Ver: MYSKIW, Mauro. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

momento, a compreender a produção de significados em contextos (grupos, clubes, competições, parques, praças, bairros, vilas, projetos, etc.) de práticas corporais esportivas no lazer e cotidiano das pessoas comuns.¹⁵⁰

Desde 2001 eu desenvolvia pesquisas sobre o futebol profissional, principalmente quando esse se manifesta como setor produtivo.¹⁵¹ Contudo, no âmbito do GESEF e das expectativas de estudos que ali faziam sentido, fui instigado a estudar um outro futebol no Campeonato Municipal de Futebol Amador de Porto Alegre, reconhecido como campeonato “da várzea”. Em fevereiro de 2009 eu estava na sala da Gerência de Futebol, órgão da então Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e

150 • Mais detalhes e reflexões sobre as trajetórias de pesquisas no GESEF/ESEFID/UFRGS podem ser acessados em STIGGER, Marco Paulo. “Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF): uma trajetória meio-biográfica em diálogo com estudos do lazer”. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 35-48, set./dez., 2015.; e MYSKIW, Mauro; SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. “Estudos Socioculturais do Esporte no Lazer: Itinerários de Questões e Modos de Investigação”. In: REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo (org.). *Pesquisa em Educação Física e Esporte no Brasil e na República Tcheca*. Porto Alegre: MarcaVisual, 2020.

151 • Tinha realizado duas dissertações de mestrado interessado em questões sobre o marketing esportivo no futebol. Ver: MYSKIW, Mauro. *Princípios estratégicos e táticos de marketing no gerenciamento do futebol: o caso do Esporte Clube Internacional de Santa Maria*. 2003. Dissertação (mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003; e MYSKIW, Mauro. *Marketing esportivo no futebol: um olhar à luz do paradigma do marketing de relacionamento*. 2006. Dissertação (mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

Lazer (SME), anunciado como responsável pela organização da competição. Após alguns minutos de explicações dos servidores sobre “como funcionava a organização”, fui convidado a participar de outra reunião, essa com representantes das Ligas de Futebol Amador (Ligas). Depois disso se passaram 33 meses ininterruptos de pesquisa em reuniões, jogos, festas, excursões em campos, praças, parques, residências, bares, gabinetes, anfiteatros, cartórios, comércios, em distintas regiões da cidade de Porto Alegre e em outras da região metropolitana.

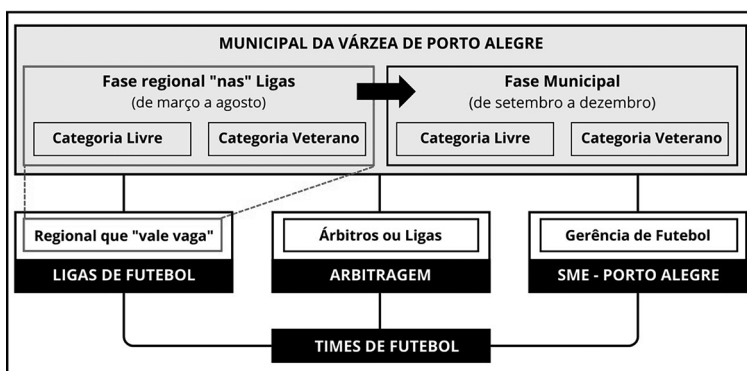
A respeito dessa imersão, seguindo pessoas, grupos, histórias, dramas e artefatos, o presente capítulo tem como objetivo descrever a construção de um processo de investigação “na várzea” porto-alegrense, sublinhando a noção de circuito como uma possibilidade de compreensão da produção de significados de práticas de futebol. Para tanto, nas próximas duas seções, trato do circuito “varzeano” em movimentos e controvérsias que são representações conceituais emergentes das situações etnográficas.

O circuito em movimentos

O primeiro movimento da pesquisa foi o de estranhar manifestações como “aqui é a várzea”, “essa é a várzea”, “ele é respeitado na várzea”, “ele saiu da várzea”, “a várzea não elege ninguém”, “isso só acontece na várzea”, “esse só joga na várzea”, “ele não apita na várzea” ou “chegou o pessoal da várzea”. Passei a orientar a investigação na perspectiva de saber o que diziam meus interlocutores quando utilizavam essas expressões, denotando a existência de uma unidade, uma história particular, com lógicas imanentes, circunscritas, incorporadas e reconhecidas por aqueles forjados “na várzea”. Fazia sentido afirmar que se tratava de um circuito futebolístico singular, diferente

“do profissional”, do “amador da serra”,¹⁵² do “praiano”,¹⁵³ que podia ser representado na forma de uma ilustração com suas unidades (figura 1) e de grande relevância para muitas pessoas, como expressam os dados da tabela 1.

Figura 1 – Representação “da várzea” como um circuito envolvendo unidades interconectadas pelo campeonato municipal.



Fonte: elaborado pelo autor

152 • Circuito de futebol organizado e vivenciado na região da Serra Gaúcha, reconhecido pela contratação de jogadores, entre eles os profissionais e ex-profissionais, mas denominado de amador.

153 • Circuito de futebol organizado e vivenciado em praias do litoral Gaúcho, sobretudo nos períodos de férias de verão.

Tabela 1 – Número de Ligas e de Times participantes do campeonato varzeano de Porto Alegre, edições de 2009, 2010 e 2011.

	2009	2010	2011
Número de Ligas de Futebol Amador envolvidas	25	26	22
Total de equipes inscritas nas fases regionais	278	315	264
Total de equipes que participaram da fase municipal	87	90	81

Fonte: Elaborado pelo autor

Tal circuito era materializado em campos públicos de futebol que estavam aos cuidados da Gerência de Futebol da SME na época da pesquisa,¹⁵⁴ grande parte interligados pelas competições nas fases das Ligas no primeiro semestre, e na fase Municipal, no segundo semestre. No segundo semestre as Ligas não deixavam de realizar outras competições independentes das rodadas do campeonato municipal, sendo importante destacar uma enorme quantidade de jogos amistosos agendados entre os “times”. Isso significa que, embora pouco presente nos jornais impressos de maior circulação, nas programações de televisão e de rádio de maior audiência e com poucos pixels nos principais websites esportivos, não se podia negar que se tratava de um importante fenômeno da vida urbana porto-alegrense.

Essa noção de circuito de lazer urbano já não era uma novidade na literatura, tendo como referência os trabalhos de

154 • Eram 42 os campos públicos sob a responsabilidade da SME.

Magnani¹⁵⁵ no campo da antropologia urbana.¹⁵⁶ O autor, ao mobilizar suas pesquisas e de seus orientandos, sustenta que os circuitos urbanos de lazer envolvem uma forma de viver a cidade, na qual um conjunto de pessoas, orientadas por determinadas práticas, ao circularem em espaços e tempos específicos e ao produzirem seus trajetos singulares, se reconhecem como pertencentes (de diferentes formas) a uma unidade, mesmo que elas não se conheçam e mesmo que suas experiências sejam vivenciadas em lugares não contíguos. Entre os circuitos de lazer, o autor trouxe do futebol “de várzea” para salientar a potência dessa noção de categoria de compreensão da vida urbana.¹⁵⁷

155 • MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (org.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996; MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1999; MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Introdução: circuitos de jovens”. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

156 • Posteriormente à realização da tese, Magnani publica uma reflexão sobre o circuito, pontuando uma proposta sistematizada como categoria de compreensão. Ver: MAGNANI, José Guilherme Cantor. “O Circuito: proposta de delimitação da categoria”. *Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, v. 15, 2014.

157 • Em 2014, Rodrigo Valentim Chiquetto, sob orientação de José Guilherme Cantor Magnani, defende sua dissertação sobre o futebol na metrópole Manauara, tendo a categoria circuito como uma das referências. Ver: CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Outros estudos etnográficos, embora não mencionassem a noção de circuito, interessados mais centralmente no fenômeno esportivo, chegavam na compreensão de que o futebol “varzeano” fosse um universo singular ou uma configuração futebolística dotada de particularidades e reconhecível, como os trabalhos de Damo,¹⁵⁸ que trata das distintas matrizes dos futebolis, tendo em vista o espaço, o tempo, a composição do público, as redes específicas de relações e interesses, as características da divisão social do trabalho dentro e fora do espaço-tempo de jogo. Entre as matrizes, segundo o autor, está a comunitária, onde se localiza o futebol de várzea como prática em espaços mais padronizados do que a bricolagem e menos ortodoxos do que o futebol espetacularizado. Nessa linha, eu identificava outros trabalhos, como o de Silva¹⁵⁹ e de Pimenta,¹⁶⁰ que produziam

158 • DAMO, Arlei Sander. “Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”. *Movimento*, Porto Alegre. v. 9, n. 2, p. 129-156, mai./ago., 2003; DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

159 • SILVA, Joanna Lessa Fontes. *Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

160 • PIMENTA, Rosângela Duarte. *Desvendando o Jogo: o futebol amador e a pelada na cidade e no Sertão*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

movimentos de circunscrever para compreender,¹⁶¹ o que não significa deixar de tratar das relações de poder, pelo contrário.

Ao mencionar esses estudos e esse movimento quero enfatizar que fazia sentido e era possível compreender “a várzea” na relação com as noções circuito de lazer urbano ou como futebol comunitário, pois pude apreender, na experiência da circulação, categorias que tornavam possível saber o que diziam os interlocutores quando afirmavam que “isso aqui é a várzea”, não era “o amador” e nem “o profissional”. Conquanto isso gozasse de verossimilhança, ao mesmo tempo, fui incorporando a relevância de outro movimento não menos importante, que envolvia retratar, etnograficamente, trajetórias multilocais de pessoas e grupos (dirigentes, jogadores, treinadores, árbitros, torcedores, familiares), de competições e amistosos (municipais, das Ligas, torneios, excursões), de Ligas (acompanhei 4 delas durante vários meses, durante diferentes competições), de “times” (acompanhei 5 deles em mais de um ano, em distintas competições) e de artefatos (bolas, cadeados, apitos, cartões, alambrados, fichas, súmulas, regulamentos, tabelas).

Convivendo nessas trajetórias, notei que estava diante de um circuito de lazer que era inextricável de circuitos de trabalho e renda, lícitos e ilícitos, assim como de circuitos de cuidados, auxílios e proteção de/entre pessoas em face dos dramas e das tramas cotidianas (moradores da mesma vila, de crianças e adolescentes, de vizinhanças e coleguismos). Isso significava que, apesar de ser notável e reconhecível entre aqueles que faziam parte “da várzea”, olhar para as trajetórias possibilitou perceber que havia um emaranhado impressionante de interesses,

161 • Não por acaso esses estudos dialogavam de maneira importante com as sociologias esportivas que se referenciavam nas noções de campo/espço simbólico (de Pierre Bourdieu) e de configuração/figuração (de Norbert Elias).

de significados e de disputas de poder. Além de identificar que havia diferentes “várzeas” (ou “a várzea” no plural), principalmente quando considerava as histórias e trajetórias das Ligas,¹⁶² não era apenas isso que chamava a atenção. Isso porque eram frequentes as situações nas quais uma mesma pessoa, numa determinada fase da competição, num determinado campo ou num determinado time, produzia suas práticas e as fundamentava a partir de uma referência e, noutra fase, campo ou time, atuava de maneira distinta/contrária, sem que isso fosse tomado como uma heresia, um problema moral ou uma ambiguidade. Todos sabiam que isso “fazia parte”.

Mas, então, como era possível um circuito ser reconhecível por pessoas (uma grande parte desconhecida entre elas) que se sentiam parte dele por meio de práticas futebolísticas produzidas em distintos espaços/equipamentos urbanos não contíguos, mas que ao mesmo tempo tornava tão difícil, ou melhor, incompleto – talvez impróprio –, o exercício de circunscrevê-lo na perspectiva de um sistema simbólico particular ou de elementos de regularidade? Eram quase sempre incompletas as tentativas de descrever e de explicar o circuito “da várzea” a partir de lógicas imanentes particulares (embora isso também

162 • Desenvolvi uma reflexão específica sobre essas diferenças num artigo que explora as categorias “mais próximo do profissional” e “aqui é a várzea” em que pese a organização de competições. Ver: MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. “O futebol ‘de várzea’ é ‘uma várzea’?! Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre”. *Movimento*, Porto Alegre, v.20, n.2, abr./jun., p. 445-469, 2014.

fizesse parte, afinal se reconhecia uma história),¹⁶³ ficando a compreensão de que se tratava, frequentemente, de uma criação. Entre competições, entre suas fases de disputas, entre as rodadas, entre campos, parques, praças, bairros, vilas, “acertos” eram produzidos, regras eram ignoradas, outras eram inventadas e tudo “fazia parte da várzea”.

Diante disso, sem ser possível ignorar essa produção (pelo contrário) e na mesma linha da problematização apontada por Zelizer¹⁶⁴ acerca dos circuitos econômicos,¹⁶⁵ fui desenvolvendo uma migração analítica, digamos assim, isto é, um movimento em que eu deixava (ou procurava deixar) a tentação da circunscrição e passava a descrever o circuito como múltiplas associações e combinações constituídas pelas pessoas no desenvolvimento de laços que incorporavam conjuntos de significados, símbolos, práticas e códigos morais. Por que isso foi necessário? Porque, para estudar “na várzea”, sendo afetado pelo circuito, tive que sair das regiões mais centrais e circular em bairros e

163 • Essa trajetória do Campeonato Municipal de Futebol de Porto Alegre, do ponto de vista da história cultural, foi pesquisada por Mariane Goetttert Martins. Ver: MARTINS, Mariane Goetttert. *Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre: uma abordagem sócio-histórica (1993-2014)*. 2016. 164f. Dissertação (mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

164 • ZELIZER, Viviana. “Dualidades Perigosas”. *Mana*, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, abr. 2009.

165 • Zelizer desenvolve uma crítica severa à compreensão da economia a partir de esferas separadas e mutuamente contaminantes, sustentando que esse tipo de dicotomia desvaloriza atividades como a produção doméstica, o trabalho de cuidar, o micro-crédito e os trabalhos das mulheres. É nesse sentido que a autora aponta como modo importante de investigação a noção de circuitos econômicos.

vilas da periferia das cidades; tive que abandonar as posições estáticas (como ficar apenas num campo ou praça) e investir na circulação com as pessoas em diversos espaços.

Iniciei a investigação com situações etnográficas localizadas, isto é, permanecendo em salas de reuniões da Gerência de Futebol e em determinados campos de futebol da região centro de Porto Alegre. Mas não demorou muito para que eu percebesse a centralidade da circulação. Meus interlocutores, dirigentes, jogadores e torcedores não vivenciavam o futebol permanecendo num determinado local, sendo a experiência “na várzea” marcada por trajetórias e circuitos sistematizados por competições das Ligas e da Gerência de Futebol da SME. Portanto, logo entendi que somente seria possível compreender e escrever sobre “a várzea” pela circulação. E, quanto mais eu circulava, mais eu me distanciava das regiões centrais e me inseria no cotidiano dos bairros e das vilas nas periferias das cidades da região metropolitana; quanto mais eu convivía com as pessoas nas ruas, nos bares, nas festas, nos seus locais de trabalho, nas suas residências – não apenas nos campos e nas reuniões –, mais eu entendia – no sentido de verossimilhança – sobre o futebol “da várzea”.¹⁶⁶ Noutros termos, quando mais meus diários de campo misturavam anotações que, inicialmente, eu não considerava “do futebol”, mais ricos eles eram.

166 • Tomando como referência central esta pesquisa sobre o circuito varzeano, junto com Marco Paulo Stigger e Flávio Py Mariante Neto, desenvolvi uma reflexão sobre as “necessidades de pesquisa” emergentes da experiência etnográfica e suas implicações na escrita sobre as culturas esportivas. Ver: MYSKIW, Mauro; MARIANTE NETO, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. “Estranhando as necessidades da pesquisa: reflexões sobre os posicionamentos de quem escreve sobre a cultura”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis*, v. 36, n. 2, supl., p. S297-S309, abr./jun., 2014.

Esse outro movimento de pesquisa foi tributário de interlocuções, entre elas com Arlei Damo¹⁶⁷ e, inicialmente por meio dele, do trabalho de Viviana Zelizer mencionado acima. O próprio autor, em texto posterior,¹⁶⁸ propõe uma reflexão sobre como a noção de matrizes futebolísticas deu mais a ideia de sistema (o que diz sobre o primeiro movimento analítico que procurei caracterizar) do que de fluxo, e que seria pertinente substituir pela noção de circuitos futebolísticos que, além de sublinhar a ideia de fluxo, permite apreender a diversidade e evitar a generalidade (o que se refere ao segundo movimento analítico que apreendi), forjando conexões aos/entre os distintos futebóis. Em que pese essa relevante discussão, considerando que estava investigando um circuito específico optei por não descartar nenhum dos dois movimentos, percebendo “a várzea” como espécie de deslizamento entre eles.

O circuito em controvérsias

Foi na leitura posterior dos diários de campo, após a saída de campo, que pude notar espécies de pontos de passagens quase que obrigatórios que colocavam em jogo os dois movimentos descritos acima, como espécies de cursores que apontavam direções na constituição do circuito: a “organização” de competições; a constituição “dos times”; os significados dos “campos de futebol”; e a “disciplina” esportiva. Cada jogo, cada rodada,

167 • Arlei Damo foi membro das sessões de qualificação e de defesa final da tese de doutorado.

168 • DAMO, Arlei. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez. 2018.

cada fase de competição exigia outros/novos esforços de produção de significados acerca desses pontos de passagem, que passei a denominar de fontes de controvérsias, não para caracterizá-las como inadequadas. Olhar para essas controvérsias¹⁶⁹ foi a estratégia utilizada para descrever os dois movimentos (circunscrição e combinações) como modo de compreensão.

Uma das primeiras práticas que chamou minha atenção foi a de “organização” das competições e de como ela estava constantemente em produção, sobretudo quando se pensava o alinhamento das Ligas e dos “times” num circuito particular. Por um lado, havia aqueles que trabalhavam por uma organização “mais próxima do profissional” e, de outro, aqueles que reclamavam, dizendo que “isso mataria a várzea”. Foi olhando para essa controvérsia que descrevi um amplo conjunto de pessoas, de práticas e de artefatos dedicados a “fazer conhecer”, “fazer reconhecer” e “fazer cumprir” as regras e regulamentos institucionalizados (tornando-os pouco negociáveis), o que ocorria num movimento originário das regiões centrais da cidade e das “Ligas exemplares”, isto é, aquelas que se orientavam pela lógica do “mais próximas do profissional”.¹⁷⁰

Esse movimento, como expressão de relações de poder, sempre esteve presente, mas ao procurar entender como ele

169 • Esse olhar para as controvérsias e para os pontos de passagens não foi gratuito, tendo relação com as leituras desenvolvidas sobre pragmatismo presente em obras de Bruno Latour. Ver: LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora*. São Paulo: UNESP, 2000; _____. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001; _____. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. São Paulo: Edusc, 2012.

170 • Ao longo da pesquisa convivi em duas dessas “Ligas exemplares” que realizavam suas competições em campos de Parques da região central da cidade de Porto Alegre.

chegava nas “Ligas de periferias”, estudando em duas dessas Ligas, ficava muito clara, na “organização” das competições, a relevância de um conjunto de combinações que frequentemente submetia a lógica do “mais próximo do profissional” a do “saber levar”. Não eram apenas referências propriamente esportivas que serviam para “organizar”, pois também estava na agenda das Ligas e dos “times” questões como “fazer renda”, obter crédito de compra no mercado, arrumar ou manter emprego, alinhar com festas de aniversário, casamentos, cerimônias de funerais, desviar de rixas entre grupos rivais e seus territórios, almoçar em casa, gasto de combustível, brigas conjugais, etc. Agregando esse emaranhado de agências, num outro movimento de organização, a existência e a importância dos “acertos” – dinâmicos e fluídos, verbais, deixando poucos rastros para além do momento – confirmavam que, se não fossem eles, “o profissional mataria a várzea”.

Além das competições, outro ponto de passagem que colocava “a várzea” em movimento no que se refere à produção de significados, era a constituição dos “times”. Iniciei as problematizações sobre isso ao escutar a reclamação de um servidor da SME, afirmando que “na várzea” “hoje não tinha mais clube, a maioria dos times era um jogo de camisas”. Essa reclamação nostálgica condizia com o desmonte do meu plano de pesquisa inicial que previa identificar e escolher alguns “times” para seguir durante algum tempo nas competições. Tal estratégia não resistiu sequer à passagem de uma competição para outra, pois os agrupamentos eram mais cambiantes do que eu havia imaginado, o que me levou a estranhar a própria noção de “times” que, inicialmente, me levava a pensar na representação de instituições (clubes, escolas, prefeituras, etc.), o que não era o caso da maioria dos que pude conhecer e acompanhar por algum tempo. Isso me fez perguntar o que era um “time” e o que ele representava “na várzea”? Comecei fazendo isso fora

dos alambrados, olhando de longe; depois dentro dos alambrados, na beira dos campos, conversando com seus membros; na sequência seguindo junto com grupos de jogadores para as partidas, festas, bares e residências; e, por fim, fazendo parte de alguns deles, ajudando na organização, não como jogador.

Com base nessa imersão compreendi que os “times” eram constituídos e representavam os “conhecidos do futebol”. Ser um “conhecido” significava – a partir das mobilizações de vizinhança, parentesco, coleguismos, procedência, clientelismos e contingências específicas – ter entrado em campo e ter “mostrado sua bola”, o que colocava o jogador dentro de uma rede mais ou menos extensa. Essa amplitude e capilaridade se relacionava com as possibilidades de participação nos “times”, não por acaso a necessidade dos jogadores em comunicar o quão “conhecido” era “na várzea”.¹⁷¹ Entre esses “conhecidos” se formavam grupos, muitos deles autodenominados de “famílias”, identificados com um determinado “time”, mas sobretudo com o bairro, a vila, a rua, ponto de ônibus, ponto de comércio, praça, parque, etc. Na maioria das vezes ser considerado de uma “família” não era impeditivo de envolvimento noutros “times” em distintas competições, pois era comum a circulação de jogadores ou mesmo de um mesmo grupo de jogadores (sempre juntos) em diferentes “times”, até mesmo em outras regiões da cidade ou em outras cidades. Os “times”, portanto, representavam essas redes de “conhecidos” e essas “famílias”,

171 • O Cebola foi o jogador que acompanhei por 22 meses e que era amplamente ‘conhecido’ na várzea, o que lhe possibilitou participar, nesse período, de 7 times, 11 competições e em 3 categorias distintas.

sendo o papel das suas “diretorias” a mobilização delas na composição de equipes para as competições e amistosos.¹⁷²

Da mesma forma que “os times”, a compreensão do que vinha a ser um “campo de futebol” denotava uma controvérsia. Enquanto eu circulava nos campos da região central da cidade e nas Ligas consideradas “exemplares”, principalmente nas situações etnográficas caracterizadas pela minha permanência fora dos alambrados ou dentro deles, mas sem relações mais próximas com as próprias Ligas e os “times”, pude descrever práticas de instituição de um universo particular, ou seja, ações no sentido de constituir a circunscrição do que seria “do futebol” e o que não seria admitido porque seria “de fora” do universo instituído (suas regras, regulamentos e instituições). Isso estava mais presente naqueles campos descritos como ‘neutros’, pela condição de refratar as “pressões” externas que incidiam sobre aquilo que era ou deveria ser somente “do futebol”. Nesse sentido, não foi por acaso perceber que as competições iniciavam nos mais diversos pontos da cidade, mas com o avanço das suas fases e, principalmente, na etapa municipal, grande parte das rodadas eram realizadas em “campos neutros”, a maioria deles na região central.

A circunscrição do circuito (como elemento analítico) não deveria ser descartada, pois ela era uma necessidade como um movimento urbano-esportivo. Porém, conquanto esse movimento tenha sido relevante na compreensão, quando passei a circular “nos times”, especialmente com grupos denominados de “família”, não mais apenas na região central, essa

172 • Uma análise sobre isso foi publicada num periódico específico do campo do lazer. Ver: MYSKIW, Mauro. “As ‘tradições varzeanas’ nos ‘times de camisa’: notas etnográficas sobre a circulação de jogadores num circuito de futebol de lazer na cidade de Porto Alegre”. *Licere*, Belo Horizonte, v.18, n.3, set 2015.

representação de “campo neutro” encontrava outra correspondente e não menos importante: “campo da comunidade” ou “campo da vila”. Essa noção embora fosse marcada pela localização campo de jogo propriamente dito, dizia mais sobre o significado dele na realização das rodadas de jogos. Os “campos da comunidade/vila” significavam territórios liminares, no sentido de contemplarem, ao mesmo tempo (na grande maioria das vezes sem que isso fosse entendido como um problema), os dramas e as tramas do jogo e da vida cotidiana e urbana das pessoas envolvidas. Se, por exemplo, na instituição dos “campos neutros” eu aprendia a olhar e sentir o espaço do jogo permeado de jogadores com suas camisetas, numerações, ocupando posições e funções do futebol, na instituição dos “campos das comunidades” eu aprendia a olhar e sentir as trajetórias de vida das pessoas que ali jogavam; não se tratava apenas de números, mas de nomes, de relações de amizades, de inimizades e de coleguismos.

Por fim, o quarto ponto de passagem que imprimia movimentos na produção de significados “da várzea” era a “disciplina” esportiva. Muitas vezes os discursos sobre a “falta dela” (indisciplina) eram utilizados como argumento para o fim de jogos, de rodadas, de competições e do próprio circuito. Mas, da mesma forma que a “organização”, os “times” e os “campos”, a “disciplina” exigia mais esforço de compreensão do que análises a respeito das ações em face das regras, regulamentos e códigos. As partidas e as situações de jogo, evidentemente, envolviam destrezas tático-técnicas de conquista e proteção da bola, dos espaços e das metas. Nessas situações, em que pese a

“disciplina” com que isso era desenvolvido, uma série de nuances foi percebida.¹⁷³

Por exemplo, o “jogar na bola” era uma forma condescendente, respeitando as regras e, sobretudo, os envolvidos nas disputas, não significando a ausência de contatos corporais, mas limites e cuidados. Nessa configuração, qualquer contato mais brusco era avaliado como indisciplina, diferente do “jogo pegado”, onde a condescendência às regras envolvia maior firmeza, força, virilidade, disposição, empenho, doação coletiva e solidária, com menor temerosidade no que diz respeito aos riscos para os envolvidos e maior centralidade nos contatos corporais nas disputas, mas não deslealdade. Nesse “jogo pegado” havia maior elasticidade na interpretação e uso das regras, fazendo com que ações tipificadas como faltosas e temerárias fossem “deixadas passar”, reposicionando aquilo que seria um ato de indisciplina diante da disciplina recíproca dos jogadores. Por último, nos “jogos perigados” a elasticidade da interpretação das regras pelos envolvidos na disputa era considerada limítrofe quanto às ações temerárias, violentas e de risco, denotando o tênue limiar de destituição do caráter mimético da partida, também com outro entendimento de disciplina.

A produção dessas configurações não estava apenas nas mãos dos árbitros, e a compreensão delas, bem como de suas manifestações dentro de uma mesma partida ou em distintas regiões do próprio campo do jogo, exigia o desenvolvimento de sensibilidades de fruição emocional, isto é, de leituras de

173 • Uma análise mais detalhada sobre essas nuances foi apresentada na forma de artigo que tratou das configurações e das formas produzi-las. Ver: MYSKIW, Mauro; MARIANTE NETO, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. “Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o ‘guri’ e o ‘nego véio’ da várzea”. *Movimento*, Porto Alegre, v.21, n.4, out./dez., p. 889-902, 2015.

jogo que conectavam as lógicas de reciprocidade e de solidariedade em campo com a presença do sistema da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) – *International Federation Association Board* (IFBA), de instituições de apoio e segurança, maior/menor presença de recursos financeiros e de infraestrutura adequada às regras oficiais do jogo, dispositivos e instituições de controle e punição, fiscais exigentes do conhecimento e do cumprimento das regras, com interesses e expectativas de familiares, vizinhos, colegas, comunidades, comerciantes, etc. Tais leituras e conexões eram indissociáveis da constituição da “organização”, dos “times” e dos “campos”.

Considerações finais

Este capítulo teve como propósito descrever minhas aprendizagens num processo de construção investigativa para estudar a produção de significados de práticas de futebol “na várzea” da cidade de Porto Alegre, dialogando com a noção de circuito como categoria de compreensão.

Primeiro passei a sustentar que a categoria circuito, em que pese a experiência etnográfica “na várzea”, envolve dois movimentos emergentes do campo de pesquisa: um primeiro sobre a necessidade e relevância de constituição e de compreensão “da várzea” como unidade reconhecível, mediante esforços de circunscrição das suas singularidades em relação a outros circuitos (o profissional, o serrano e o praiano, por exemplo), o que era particularmente observável nos campos da região centro da cidade, nas Ligas reconhecidas como “exemplares”, nas fases finais das competições e na etapa municipal; um segundo apontava para diferentes “várzeas” num mesmo circuito, mas, além disso, para a necessidade e relevância de combinações de

um emaranhado de interesses e agências que, quase sempre, tornavam incompletas as tentativas de circunscrever “a várzea” e até mesmo de afirmar uma pluralidade, tamanha a bricolagem presente nas rodadas, especialmente nas fases iniciais das competições, nas fases das Ligas e nos seus campeonatos independentes da etapa municipal.

Esses dois movimentos não foram tomados como contraditórios ou ambíguos, mas como formas de viver “a várzea”, os quais estavam em jogo (no sentido de produzir uma forma considerada adequada) em quatro controvérsias que entendi como pontos de passagem do circuito: a “organização” de competições; a constituição “dos times”; os significados dos “campos de futebol”; e a “disciplina” esportiva. Ao descrever sucintamente esses pontos de passagem, procurei evidenciar que neles, em cada jogo, rodada, fase de competição ou competição do circuito, era preciso encontrar os lugares nos dois movimentos, ficando a impressão de que “a várzea” estava constantemente em invenção. E aqueles que eram forjados na várzea sabiam que isso “fazia parte”.

Bibliografia

- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

- _____. “Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”. *Movimento*, Porto Alegre. v. 9, n. 2, p. 129-156, mai./ago., 2003.
- _____. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez. 2018.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.
- _____. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. São Paulo: Edusc, 2012.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Introdução: circuitos de jovens”. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- _____. *Mística urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- _____. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: _____.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.
- _____. “O Circuito: proposta de delimitação da categoria”. *Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, v. 15, 2014.
- MARTINS, Mariane Goettert. *Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre: uma abordagem sócio-histórica (1993-2014)*. 2016. 164f. Dissertação (mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

- MYSKIW, Mauro. *Princípios estratégicos e táticos de marketing no gerenciamento do futebol: o caso do Esporte Clube Internacional de Santa Maria*. 2003. Dissertação (mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.
- _____. *Marketing esportivo no futebol: um olhar à luz do paradigma do marketing de relacionamento*. 2006. Dissertação (mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.
- _____. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- _____.; MARIANTE NETO, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. “Estranhando as necessidades da pesquisa: reflexões sobre os posicionamentos de quem escreve sobre a cultura”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis*, v. 36, n. 2, supl., p. S297-S309, abr./jun., 2014.
- _____.; STIGGER, Marco Paulo. “O futebol ‘de várzea’ é ‘uma várzea’?! Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre”. *Movimento*, Porto Alegre, v.20, n.2, abr./jun., p. 445-469, 2014.
- _____.; MARIANTE NETO, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. “Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o ‘guri’ e o ‘nego véio’ da várzea”. *Movimento*, Porto Alegre, v.21, n.4, out./dez., p. 889-902, 2015.

- _____. “As ‘tradições varzeanas’ nos ‘times de camisa’: notas etnográficas sobre a circulação de jogadores num circuito de futebol de lazer na cidade de Porto Alegre”. *Licere*, Belo Horizonte, v.18, n.3, set 2015.
- _____.; SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. “Estudos Socioculturais do Esporte no Lazer: Itinerários de Questões e Modos de Investigação”. In: REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo (org.). *Pesquisa em Educação Física e Esporte no Brasil e na República Tcheca*. Porto Alegre: MarcaVisual, 2020.
- PIMENTA, Rosângela Duarte. *Desvendando o Jogo: o futebol amador e a pelada na cidade e no Sertão*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- SILVA, Joanna Lessa Fontes. *Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- STIGGER, Marco Paulo. “Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF): uma trajetória meio-biográfica em diálogo com estudos do lazer”. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 35-48, set./dez., 2015.
- ZELIZER, Viviana. “Dualidades Perigosas”. *Mana*, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, abr. 2009.

CAPÍTULO 6

O FUTEBOL COMO RESISTÊNCIA EM MANAUS (AM)

Rodrigo Valentim Chiquetto

Há um debate presente no campo dos estudos sobre as práticas culturais/esportivas que está sempre ocorrendo e que parece nunca encontrar sua conclusão: seriam tais práticas formas de resistência ou seriam, na verdade, produtos e produtoras de alienação social? No Brasil, e mais especificamente no caso do futebol, tal discussão toma maior importância na medida em que são visíveis, em diversas manifestações do jogo, dadas em tempos e espaços distintos, exemplos tanto de um lado quanto de outro.

Quem não se lembra, por exemplo, do uso da seleção brasileira, na Copa de 1970, para a promoção da ditadura militar que, à época, determinava os destinos do país? Tomemos como exemplo as controvérsias envolvendo Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, acusado por muitos de aceitar um papel submisso e obediente nesse contexto político, ao invés de se posicionar claramente em favor da democracia. Por outro lado, qual não foi o impacto social do movimento chamado “Democracia Corinthiana”, protagonizado por jogadores que marcaram o nome na história do futebol – como Sócrates e Casagrande – por adotarem não somente um discurso em favor da liberdade de expressão e de voto, como também uma prática

de trabalho questionadora do velho modelo laboral presente no universo futebolístico?¹⁷⁴

Extrapolando o território e a história do Brasil, observamos mais e mais exemplos. Nos Jogos Olímpicos, por exemplo, houve tanto a promoção do regime nazista em 1936, quanto o emblemático gesto de saudação dos Panteras Negras realizado por Tommie Smith e John Carlos na edição de 1968. Retornando ainda mais no tempo histórico (alguns milênios, por que não?), podemos até nos remeter à figura de Espártaco, o gladiador que subverteu as lógicas do pão e circo romanos para liderar uma gigantesca revolta de escravos. O próprio surgimento do esporte, na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, tal como descrito por Norbert Elias e Eric Dunning,¹⁷⁵ como um conjunto de práticas corporais agonísticas ao mesmo tempo violentas e civilizatórias, traz consigo essa mesma ambiguidade.

Em todos esses casos, e também em muitos outros, nos quais se critica o caráter mercadológico e espetacularizado – e, portanto, profundamente capitalista – dos esportes modernos, o debate se sustenta. Seriam tais práticas culturais as mantenedoras do *status quo* ou elas trariam, consigo, sempre um grande poder de questionamento e transformação? Avançando ainda sobre tópicos que hoje são de grande importância, relacionados às pautas identitárias e sua relação com questões

174 • Maiores aprofundamentos sobre essas duas questões foram realizados por José Paulo Florenzano em texto publicado no site Ludopédio (em 2021) e em sua obra “A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro”. Ver: FLORENZANO, José Paulo. “O drible de Pelé na ditadura chilena”. *Ludopédio*, São Paulo, v. 141, n. 7, 2021.; e FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Educ, FAPESP, 2009.

175 • ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

socioeconômicas: qual seria o potencial do esporte para questionar antigos costumes e práticas discriminatórias – de raça, de gênero, de etnia – hoje tão questionadas? Dentre muitos exemplos de como essa tensão é ainda muito mal resolvida, pode-se citar uma situação ocorrida ainda em 2020, quando da promoção do antirracismo pelos jogadores negros da NBA americana. É possível (e até desejável) a pergunta: qual o poder real de questionamento e transformação da mobilização desses atores ao se levantarem contra o racismo, mesmo que não haja, aí, um questionamento incisivo sobre o já citado caráter mercadológico, capitalista e, portanto, sob diversos sentidos, exploratório, da liga da qual participam?

Pretendo apresentar, neste texto, algumas reflexões acerca dessas questões. Para isso, adotarei outro ponto de vista. Não se tratará, aqui, de observar grandes movimentos políticos e sociais, ou de tentar diagnosticar se certos atores são pró-sistema ou contra sistema. Penso que uma reflexão mais qualificada pode ocorrer quando se dá um passo para trás e se busca compreender de que forma diversas ações de resistência social se desenrolam no cotidiano do mundo das práticas lúdicas e esportivas. Seguindo a própria temática deste livro, essas reflexões se desdobrarão a partir da análise de uma dessas práticas, daquela que talvez seja a mais popular no Brasil: o futebol amador.

Os argumentos aqui apresentados terão como base uma extensa pesquisa etnográfica realizada por cerca de quatro anos naquele que é considerado o maior campeonato de futebol do Brasil, o Peladão. Esse torneio ocorre anualmente em Manaus, no interior do Amazonas, e conta, em geral, com a inscrição de mais de mil equipes. Realizei a pesquisa no Peladão entre 2009 e 2013, tendo defendido minha dissertação de mestrado

em 2014, com o título “A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara”.¹⁷⁶

Fugindo desse eterno e polarizado debate, entre o esporte “do bem” ou o esporte “do mal”, pretendo demonstrar que as ações de resistência nas práticas esportivas podem se dar em outra escala. Tentarei argumentar que o futebol amador é resistência na medida em que, por meio dele, são elaboradas diversas táticas (como diria de Certeau),¹⁷⁷ ou arranjos (como diria Magnani),¹⁷⁸ que reorganizam a experiência de se viver em uma cidade que apresenta um conjunto imenso de desafios. São ações práticas e cotidianas que transformam um espaço urbano, muitas vezes bastante confuso e opressor, em um local

176 • CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

177 • DE CERTEAU, Michel: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

178 • MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, vol. 17, No 49, 2002.

para se habitar, para ser transformado em lar, no sentido que Tim Ingold¹⁷⁹ confere ao termo.¹⁸⁰

Não se trata de ações ideologicamente direcionadas ou necessariamente articuladas com a grande política, mas sim de atitudes cotidianas que, de certa forma, consertam o mundo em que se vive, provendo-o de significado e dotando-o de alguma ordem. Assim, está-se falando de uma resistência concreta, tangível, pragmática, a um mundo concreto e difícil com o qual as pessoas comuns têm de lidar – e imagino que isso possa se generalizar em muitas outras experiências urbanas, principalmente nos países periféricos do capitalismo mundial que também apresentem aos seus habitantes contextos citadinos extremamente desafiadores e complexos.

Defendo, enfim, que por meio do futebol se resiste. Mas não se trata de um processo de resistência no sentido mais usual, partindo-se das ações e argumentos que normalmente são considerados questionadores ou transformadores. Trata-se

179 • INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London & New York: Routledge, 2000.

180 • Como descrito em minha dissertação mestrado: “*Habitar* [Dwell], de acordo com Ingold (ver: INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London & New York: Routledge, 2000.), seria estar em relação contínua com o ambiente em que se vive, modificando-o continuamente por meio de *habilidades* específicas, desenvolvidas por cada um em sua *linha* de vida. Tanto para humanos quanto para outros seres vivos, as intervenções realizadas sobre este ambiente seriam um produto dessa relação ecológica, assim como a própria existência das diferentes formas de vida em seus diferentes modos de construir.”. Ver: CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 100.

de uma resistência de outra ordem. Portanto, pretendo apresentar, aqui, alguns exemplos de como se resiste e ao que se resiste ao se chutar uma bola em um campo de terra.

Futebol e gestão social

O Campeonato de Peladas do Amazonas, mais conhecido como Peladão, surgiu em 1973 numa cidade que passava por intensas mudanças. Alguns anos antes, em 1967, fora instaurado um polo de isenção fiscal para a produção industrial em Manaus – Também conhecido como “Zona Franca” – o que resultou em um rápido processo de industrialização e numa grande explosão demográfica da cidade (a população da capital amazonense praticamente quadruplicou em vinte anos).¹⁸¹ Fosse por meio de ocupações ilegais ou pela construção de grandes conjuntos habitacionais, cada vez mais gente estabelecia sua residência na região, transformando aquele local em uma grande metrópole.

Percebendo a oportunidade comercial que se abria, Humberto Calderaro Filho, o fundador do principal jornal da cidade, “A Crítica”, tomou a atitude de fundar um campeonato de futebol com um objetivo claro: vender notícias. Afinal, qual melhor modo para se conseguir grandes acontecimentos populares do que os produzindo por meio de uma prática competitiva da qual todos participariam? “Não dá isso aí... Vai ter morte”, teria ponderado Calderaro. “E se tiver morte é que é bom mesmo! Vira notícia! Vira manchete: morte brigando pela bola”,

181 • Em 1960 Manaus contava com 173.703 habitantes. Vinte anos depois, em 1980, a cidade registrou 633.383 moradores. Já em 2010, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia ali 1.800.014 habitantes.

teria argumentado Oseas Carvalho, o jornalista que havia idealizado o torneio. O Peladão, dessa forma, seria um “chamariz popular, pra acostumar o povo a comprar jornal de domingo”.¹⁸²

Além desse objetivo principal, havia outras duas motivações para a criação do campeonato, as duas profundamente interligadas. A primeira era a urgência em oferecer alguma ocupação para a “horda de amazônidas” que se estabelecia na cidade. Esse grande conjunto de migrantes (não só do interior do Estado, mas, principalmente, da região nordeste), era considerado um grupo que representava “um perigo social para a cidade”, pois era composto por uma população “desocupada” que passava o tempo “perambulando” pelas novas ruas de Manaus. A segunda motivação era a intenção do poder instituído – pelo governo militar – de se aproximar da sociedade civil, não somente avalizando a criação do torneio, como também participando deste, tanto mostrando presença nas grandes cerimônias de abertura e encerramento, quanto cedendo os quarteis para a realização de jogos.

A primeira edição do Peladão ocorreu em 1973 e contou com a participação de 178 equipes. A partir daí o campeonato só cresceu: houve, ainda nos anos 1970, a criação do Torneio Paralelo das Rainhas, que é um concurso de beleza disputado

182 • Esse diálogo, bem como as outras informações que dão conta do surgimento do Peladão e das transformações ocorrida no campeonato foram para mim revelados por Messias Sampaio, primeiro coordenador do torneio, e por Arnaldo Santos, diretor do campeonato na época de realização da pesquisa. As duas entrevistas foram realizadas em 2012. Ver: CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

por representantes femininas das equipes, e houve também o surgimento da “comissão disciplinar” do campeonato – duas criações do coordenador geral à época, Messias Sampaio. Já a partir dos anos 1990, com o torneio agora comandado por um importante jornalista esportivo local, Arnaldo Santos, ocorreu a criação das categorias: Peladinho (voltada ao público infantil), Máster (reservada aos mais velhos), Feminino (disputada por mulheres) e Indígena (masculino e feminino, da qual participaram pessoas que se autoidentificaram como indígenas).

A chegada do novo coordenador geral nos anos 1990 se deu, principalmente, e mais uma vez, por uma questão financeira. Arnaldo Santos apresentou um projeto de marketing para o Peladão em que prometia um grande fortalecimento da marca, bem como a atração de novos patrocinadores. Pode-se dizer que ele obteve sucesso: surgiram, nas décadas que se seguiram, grande número de reportagens, séries, filmes e pesquisas – como a que inspirou este texto – sobre o torneio. As finais, disputadas no antigo estádio Vivaldão e atual Arena Amazônica, passaram a ser um evento importante no calendário da cidade; o caderno “Peladão”, do jornal “A Crítica” continuou com seu público cativo aos domingos, uma vez que publicava, além de reportagens especiais (sobre personagens, equipes, eventos), também a tabela do torneio. O concurso de beleza das rainhas ganhou ainda mais protagonismo ao se tornar um Reality Show chamado “Peladão – O Reality”, disputado por suas finalistas em um barco que navega pelo Rio Negro; a própria existência do torneio foi o principal argumento apresentado à Federação Internacional de Futebol (FIFA) para que Manaus, e não Belém, sediasse a Copa do Mundo de 2014 na região norte do Brasil. A edição do Peladão de 2012 (nomeada à época como “Peladão Verde 2012”, para ressaltar seu caráter “ambientalmente sustentável”), que foi meu objeto de pesquisa, contou com 24.904 inscritos(as) em 1.172 equipes do interior e da capital.

Esse novo campeonato, que se modernizou juntamente com sua cidade sede, também passou a se apresentar como formador de novos cidadãos. Além de patrocinar ações de promoção da solidariedade e da cidadania, como o “Peladão Verde nas Escolas” e o “Sopão do Peladão”, o torneio também passou a se apresentar como uma importante forma de levar muitos manauaras a formalizarem suas próprias cidadanias, já que, na busca de não permitir qualquer tipo de violação às regras, tonou-se imprescindível a regularização dos documentos pessoais de seus participantes para as realizações de suas inscrições. Além disso, o Peladão, com Arnaldo Santos, formalizou um discurso pró-diversidade, com o lançamento de suas edições Feminino e Indígena nos anos 2000.

Fato é que, de qualquer forma, apresentando-se ora como um torneio que visa reduzir um “perigo social” representado pelos novos habitantes desocupados de uma cidade em crescimento, ora como um promotor da regulamentação da cidadania de seus participantes, e sempre como um grande evento popular mobilizador das massas, o Peladão carregou e carrega, consigo, um papel de grande importância: o de atuar como interlocutor entre as demandas do povo e as aspirações dos poderosos.

Entre índios e boleiros

A pesquisa aqui apresentada sobre o Peladão teve início em 2009 quando, em visita a uma comunidade indígena de Manaus, fui levado, junto de outros pesquisadores, a um barracão que resguardava todos os troféus recebidos por aquele coletivo no Peladão Indígena. O assunto logo se desenvolveu e percebi rapidamente que o futebol aparecia como uma prática cultural de primeira importância, que revelava um conjunto de narrativas

e atitudes intensamente relacionadas às vidas dos meus interlocutores naquela metrópole.

Aquela comunidade se chamava Y' apyrehyt e se localizava no bairro da Redenção, na capital manauara. Era parte de um conjunto de aldeias indígenas da etnia Sateré-Mawé que se estabeleceu em Manaus e nos arredores da cidade. A maioria daquelas pessoas – e também de seus parentes das outras comunidades – se apresentava como oriunda de uma única senhora: a Dona Teresa. Esta teria se deslocado com as filhas, ainda nos anos 1970, de uma aldeia localizada na terra indígena Sateré-Mawé do Andirá-Marau (próxima da cidade de Parintins) para Manaus. A história da família de Dona Teresa era, portanto, a história dos deslocamentos, encontros e desencontros dos Sateré naquela cidade.

Após desenvolvermos com Moisés, o Tuxaua da comunidade Y' apyrehyt, uma relação de parceria (que começou com a já citada conversa sobre futebol), fomos convidados a visitar outra comunidade, localizada às margens do igarapé Tarumã-açu (onde vivia Dona Teresa), distante a cerca de 20 minutos de barco, de Manaus. Lá ocorreria um retiro de carnaval. Este teria, como finalidade, afastar aquelas pessoas dos “perigos” da bebida e da violência, presentes na metrópole por conta daquele feriado. Como forma de se manterem distantes desses “perigos”, os indígenas também foram instruídos a não jogarem futebol – algo que, ao final das contas, não foi cumprido. Já em Manaus, assistindo a uma partida realizada no campo de barro da comunidade Y' apyrehyt, realizada entre os indígenas e seus vizinhos, conheci Jecinaldo, uma liderança indígena local. Segue o relato do encontro:

(Jecinaldo) comentou que, na aldeia, eles fazem muito exercício, pois acordam cedo para caçar (descreveu todo o processo de caça: saem com os cães, depois

*perseguem o latido, acham a presa... se for um veado, empurram para o lago, e enquanto ele está nadando, um prende ele pelos chifres enquanto o outro corta sua garganta), depois almoçam uma comida muito substancial, depois, à tarde, jogam bola. Na cidade, o único momento que tem para se exercitar, segundo ele, é jogando bola.*¹⁸³

A partir da pesquisa de campo, fortaleceu-se a hipótese de que a prática do futebol era central na vida de meus interlocutores. Mais do que isso: ao invés de surgir como traço cultural da experiência urbana, esta era apresentada como uma remanescente da vida na aldeia. Algo há muito tempo dominado e praticado por aquelas pessoas. Mais importante ainda: por meio da prática futebolística, os indígenas do bairro da Redenção se articulavam intensamente com os não-indígenas, fosse nas partidas frequentes da vida cotidiana, ali mesmo no bairro, fosse no campeonato a eles destinados: o Peladão Indígena.

Foi surpreendente a descoberta, feita logo nas primeiras visitas aos campos de futebol da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), de que uma importante disputa extracampo ocorria entre os times representantes das diversas comunidades indígenas localizadas na capital manauara. Tratava-se de um jogo de denúncias que envolviam a inscrição, irregular, de jogadores não indígenas (também chamados de “brancos”, ou “boleiros”) nos times indígenas. Este “campeonato paralelo” funcionava da seguinte forma: sempre que uma equipe perdia a partida, ela entrava, na administração do Peladão, com uma denúncia contra o time vencedor, acusando-o de contar com jogadores irregulares. O mais curioso era que, após algum

183 • Trecho de caderno de campo, julho de 2009, *In*: Cadernos de Campo: compilação I.

tempo de conversa, as lideranças indígenas participantes do Peladão assumiam, em tom de segredo, que haviam inscrito jogadores “brancos” em suas equipes. O argumento para lançarem mão dessa estratégia misturava um lado técnico, pois consideravam que os “boleiros” jogavam futebol melhor do que os indígenas, e outro de ordem familiar, uma vez que estes não indígenas eram, na verdade, amigos do bairro ou, mais do que isso, novos parentes casados com pessoas daquelas comunidades. Ora, se aquela pessoa era casada com um índio ou com uma índia, por que seria possível afirmar que ele não era indígena?

É bom lembrar que a necessidade de definir “quem é índio e quem não é”, como mostra Manuela Carneiro da Cunha,¹⁸⁴ tem relação direta com uma demanda dos não indígenas em estabelecerem aqueles que podem, ou não, ser alvos das políticas públicas voltadas a essas populações. Os povos indígenas, por sua vez, se apropriam dessa divisão e jogam com ela de acordo com seus interesses. Para meus interlocutores, o ato de inserir um não indígena em uma comunidade indígena e passar a considerá-lo, então, parte da família, parecia ter um papel muito mais importante: o de pacificar e domesticar o outro. O futebol, em sua prática cotidiana e em sua disputa no campeonato, era uma ferramenta para que aquelas pessoas inserissem os não indígenas em seu círculo familiar e de amizade e debatessem, intensamente, o que era ou não ser índio em Manaus – mesmo que isso deixasse a organização do campeonato completamente perdida sobre o modo de proceder nesses casos.

184 • CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo. Cosac Naify, 2009.

Resistências femininas

Se no Peladão Indígena as resistências se dão por um processo de domesticação do outro por meio da sua inserção nos coletivos futebolísticos indígenas, no Peladão Feminino o mecanismo aparenta ser o inverso. Para estabelecermos essa reflexão, no entanto, é importante realizar, antes, um breve relato de como a figura da mulher foi significada durante o Peladão, desde sua fundação até o surgimento da sua categoria feminina.

Foi em 1974 que o diretor geral do campeonato à época, Messias Sampaio, criou o Torneio Paralelo da Rainha. Este, que existe até hoje, fez a função, segundo Dissica Calderaro (herdeiro de Humberto Calderaro e diretor da TV A Crítica no ano da realização da pesquisa que inspirou este artigo), de fechar o “triângulo” do que representa o futebol brasileiro: “futebol, bebida e mulher”.

O Torneio Paralelo da Rainha consistia em um concurso de beleza entre moças representantes dos times inscritos no Peladão que elegia, anualmente, a Rainha do Peladão. Segundo o próprio Messias Sampaio, esse era um dos eventos mais importantes do ano no calendário da cidade e, muitas vezes, acabava sendo o alvo de maior investimento das equipes, já que os times vencedores participavam de um campeonato paralelo que poderia encaminhá-los às fases finais do torneio masculino. As rainhas desfilavam na Avenida Eduardo Ribeiro vestidas somente de seus biquínis, com suas maquiagens e cabelos feitos. Não é de se surpreender que, no contexto extremamente machista do futebol da segunda metade do século XX, elas logo tenham ganhado a alcunha de prostitutas.

Com a chegada de Arnaldo Santos à organização do campeonato, foi realizado um esforço grande para que essa imagem se transformasse. Algumas medidas administrativas

tornaram a inscrição da rainha a mais regulamentada de todas, e a competição ganhou ares de concurso de beleza profissional. No entanto, até a data de realização desta pesquisa, parecia que pouca coisa havia se transformado na representação do que significava ser uma concorrente à rainha do Peladão. No caderno “Peladão”, do jornal “A Crítica”, saíam sempre aos domingos, junto das tabelas e de reportagens sobre os boleiros, matérias sobre as rainhas, recheadas de fotos picantes e reflexões sobre a importância de se preservar e manter a feminilidade. No concurso, as moças eram sempre instruídas a expressarem, para alcançarem seus “sonhos” de serem eleitas a Rainha do Peladão, características como beleza, doçura, extroversão, disciplina e profissionalismo. Além disso, no ano de 2012 teve início o já citado Reality Show, que explorava as relações entre as finalistas confinadas em um barco de luxo que navegava pelo Rio Negro.

Foi nesse cenário que surgiu o Peladão Feminino, em 2005. Essa foi mais uma iniciativa de Arnaldo Santos para tentar alterar os significados que envolviam a participação de mulheres no campeonato. Segundo afirmação dele mesmo, Arnaldo queria mostrar que a mulher era “feminina, não prostituta”.

Ora, não demorou para que os homens participantes do torneio logo categorizassem as jogadoras de uma nova forma. Essas mulheres que participavam do futebol jogando bola não poderiam ser outra coisa que não sapatão (termo pejorativo para indicar a homossexualidade feminina). Para as boleiras, no entanto, jogar futebol se tornou uma ação de resistência e imposição de suas próprias vontades, em um mundo encarado como opressor:

“Eu, assim, eu falo por mim mesma, porque há, assim, um certo preconceito quando se fala em mulher e futebol. Ainda mais no meu caso, que tenho um filho, né? “Ah, tú vai deixar teus filhos pra estar lá, perdendo tempo?”. Eu ouço muito isso, assim. Mas a gente vai levando. A gente não liga, porque eu, pelo menos, eu gosto mesmo. Assim, não tenho apoio, assim, de família. Dizer que mãe e pai estão presentes... não estão. Porque ela discorda dessa ideia de eu estar jogando bola. É questão mesmo de querer, de estar, de ser mulher e estar ali jogando bola. Hoje em dia a mulher está em todas as áreas, mesmo, né? Avançando cada vez mais. E não vai ser pelo o que os outros falam que a gente vai desistir. Vamos ser mulher lá dentro também.”¹⁸⁵

Em contraposição à feminilidade ideal das rainhas, as boleiras representam um modo alternativo de ser mulher. Suas narrativas mostram uma atuação dedicada a expressar outro tipo de feminilidade, mais interessada pela participação ativa na vida social e pela ocupação de um território que antes lhes era proibido. Essa nova feminilidade também experimenta outros tipos de posicionamento de gênero, uma vez que muitas delas se apresentam, de fato, como homossexuais e compreendem que naquele meio, do futebol feminino, podem ser as mulheres que desejam ser, sem que precisem dar maiores satisfações sobre qual modelo de feminino deveriam adotar.

185 • Entrevista cedida por Suzi, jogadora do Salcomp, outubro de 2013.

Homens

Os jogadores das categorias masculino e máster do Peladão também vivem às voltas com a problemática de gênero e de sexualidade. No caso deles, no entanto, parece que há um movimento duplo, primeiro de tensionamento e, depois, de relaxamento de sua posição de gênero.

No transcorrer do jogo de futebol, os boleiros devem exercer uma masculinidade forte, dominante e agressiva para se imporem dentro das quatro linhas, pois estão a todo momento sujeitos às pressões mais variadas por um bom desempenho, seja por parte de seus colegas, que exigem “raça” e “determinação”, seja por parte de seus rivais, que se aproveitam de qualquer situação de desentendimento para pôr a prova sua coragem com insultos, encaradas e jogadas “agressivas” que podem inclusive levar duas equipes às vias de fato. No entanto há, após as partidas, o momento que, em Manaus, é chamado de “barca”. Ali os homens se reúnem para tomar cerveja e comentarem sobre o jogo, mas também conversarem sobre outros temas de suas vidas, realizando brincadeiras que, em sua grande maioria, abordam os temas de gênero e sexualidade. Nesse verdadeiro ritual de relaxamento das tensões, são impostas duas categorias: o corno e o viado.

O corno é aquela figura que todos aceitam ser. Se uma pessoa é chamada por outra de “corno”, ela, em um misto de alegria e contrariedade, confirma a situação. Todos são cornos por responsabilidade própria, uma vez que abandonam a família frequentemente para irem jogar futebol com os amigos. A resultante lógica desse abandono não poderia ser outra que a traição por parte da esposa que ficou em casa sozinha – ou não. Por outro lado, o viado aparece antes de tudo como um termo de acusação. Viado é o outro. Aquele que não somente deixou a

mulher em casa como parece estar gostando mais do que deveria do convívio masculino. Acusar alguém de viado é recorrente. Aponta para uma espécie de controle social do comportamento que desencadeia tentativas de se negar que se tenha agido desta ou daquela forma – sexualizada – com o parceiro de time.

A expressão e o manejo da masculinidade estão, portanto, presentes de forma intensa no futebol jogado entre homens, uma vez que eles vivem um contexto em que são intensamente cobrados por representarem um papel de gênero que esteja de acordo com sua situação social.

Mas outra figura emerge, no futebol, como a epítome da masculinidade. Aquele agente que agrega em si todos os poderes e tensionamentos típicos dos homens realmente poderosos. Trata-se do traficante. Este é o dono de um time que se utiliza do mercado informal de drogas para poder atuar na comunidade por meio do investimento no futebol. O traficante é perigoso, mas ao mesmo tempo necessário, já que é aquele que conta com verba para montar bons times, contratando os melhores jogadores do universo do futebol amador e montando verdadeiras seleções, representantes de bairros ou regiões da cidade, que disputam efetivamente a taça do Peladão.

O traficante também pode lançar mão de estratégias pouco ortodoxas, como subornos ou ameaças, para que possa ter seus objetivos realizados. Para ele o futebol é de suma importância, pois ao mesmo tempo em que exercita seu poder na região que tenta controlar mostrando-se como alguém que não deve ser desafiado, também se apresenta como uma espécie de benfeitor local, já que investe no principal time do bairro, possibilitando que este seja reconhecido cidade afora pelas vitórias que acumula nos torneios amadores. Por meio do investimento nas equipes regionais, também, os traficantes atualizam e fortalecem laços de amizade e familiaridade com aqueles que vivem no local em que atuam – e no qual, em geral, moram ou moraram por

muitos anos. O futebol, assim, é fundamental para que esses atores coloquem em prática seu poder paralelo que, se por um lado amedronta e oprime, por outro, realiza desejos e liberta.

O traficante é um dos agentes que dinamiza a circulação de jogadores pela cidade, contratando e dispensando boleiros. Estes, por sua vez, por meio dessa circulação ininterrupta, seja por times grandes (montados com investimentos financeiros pelos traficantes, empresários locais ou mesmo por grandes indústrias) ou times pequenos (montados a partir das relações locais de amizade e familiaridade), ocupam ativamente a cidade, exploram suas ruas, seus campos de futebol, seus bares. Apropriam-se do meio urbano, interagem com o outro, compreendem a metrópole. Fazem daquela cidade que deles tanto exige na vida cotidiana – do transporte público, do trabalho, das lojas, do trânsito, da poluição, dos grandes prédios e conjuntos habitacionais, da falta de infraestrutura, da violência, entre tantas outras carências e dificuldades – um lugar familiar, uma casa, um lar.

Resistindo

Os três exemplos apresentados neste capítulo – e há muitos outros, uma vez que a quantidade de modos de se vivenciar o futebol amador é gigantesca, incontável – demonstram que há uma pluralidade de formas de se utilizar este jogo para se resistir aos desafios da vida cotidiana. Não são resistências que estejam necessariamente ligadas a discursos ideais do que seria “resistir”. Ao contrário, muitas vezes os atores do mundo futebolístico lançam mão de atitudes que seriam eticamente repreensíveis por qualquer pessoa politizada interessada em transformar o *status quo* utilizando-se de argumentos

progressistas ou revolucionários ligados às grandes narrativas socioeconômicas. São resistências em outra escala e a partir de outros princípios, ligados diretamente aos desafios da vida cotidiana – e nem por isso, é bom dizer, são menos importantes ou transformadoras.

Isso ocorre porque a vida social, como se apresenta na prática, é multifacetada, ambígua, imprevisível e de difícil interpretação. As pessoas que vivem na capital amazonense têm de lidar com desafios muito práticos para enfrentarem suas rotinas. Seja como um indígena que deseja se aproximar do outro; seja como uma mulher que almeja viver do modo que considera correto, apesar de todas as pressões que sofre para agir de acordo com um padrão instituído de feminilidade; seja, finalmente, como aqueles homens que atuam no mundo a partir de um conjunto de expectativas do que significa a expressão de sua masculinidade e manifestação de seu poder (que muitas vezes ocorre de forma ilegal pela própria ausência do Estado em determinado território), o que se vê é um conjunto de arranjos para se dar conta da multiplicidade de desafios impostos àqueles que vivem em um país como o Brasil, resistindo, então, às dificuldades inerentes de se habitar uma metrópole como Manaus.

Bibliografia

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo. Cosac Naify, 2009.
- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

- DE CERTEAU, Michel: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Educ, FAPESP, 2009.
- FLORENZANO, José Paulo. “O drible de Pelé na ditadura chilena”. *Ludopédio*, São Paulo, v. 141, n. 7, 2021.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London & New York: Routledge, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, vol. 17, No 49, 2002.

CAPÍTULO 7

DO FUTEBOL CLANDESTINO À RESISTÊNCIA: A LUTA DE MULHERES PARA A PRÁTICA DO FUTEBOL NO RECIFE

Caroline Soares de Almeida

Mariane da Silva Pisani

Maria Cicilia de Souza Gomes

Introdução

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Iniciamos este capítulo com o artigo 54 do Decreto-Lei de 14 de abril de 1941, já bastante conhecido por nós, pesquisadoras dessa modalidade denominada “futebol feminino”, e que no Brasil possui um processo de desenvolvimento que perpassa por situações de restrições e proibições. Trata-se do dispositivo inicial do

estado que empurrou para o amadorismo e para a clandestinidade a prática desse esporte por mulheres. Situação que favoreceu para que o futebol brasileiro tenha se constituído a partir do gênero Masculino, o “gênero da bola”¹⁸⁶, e para que a prática desse esporte por mulheres se tornasse “agramatical”¹⁸⁷.

Após esse decreto que criou o Conselho Nacional de Desportos e, por conseguinte, as bases para a organização dos desportos no país, outras medidas restritivas, aplicadas em âmbito local, foram implementadas com o propósito de impedir a participação das brasileiras em determinadas modalidades esportivas. Durante esse período, movimentos isolados de mulheres em prol da prática do futebol emergiram em diferentes estados, resultando na intervenção subsequente do CND por meio da Deliberação n.7, de 1965. Desta vez, essa deliberação trouxe no texto a lista de esportes proibidos, entre eles,

186 • PISANI, Mariane da Silva. *“Sou feita de chuva, sol e barro”*: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese. Universidade de São Paulo (PPGAS). São Paulo, 2018.

187 • GUEDES, Simoni Lahud. “Apresentação”. In: KESSLER, Cláudia; COSTA, Leda; PISANI, Mariane. *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2020.

o futebol feminino¹⁸⁸. Situação que só foi revogada em 1979, com a Deliberação n. 10. No entanto, limitações permanecem, já que faltava a regulamentação do futebol feminino no país – o que só aconteceu em abril de 1979.

Este ensaio aborda diferentes momentos dentro do processo de desenvolvimento do futebol feminino na cidade do Recife. Assim, procuramos entender de que forma a vigilância e a displicência do CND – somados à construção de um pensamento social em que se considera o universo futebolístico predominantemente um espaço legitimado aos homens – influenciam a prática do futebol amador de mulheres na atualidade. Os dados provêm de pesquisas em acervo, disponíveis na

188 • Conforme salienta o historiador Raphael Rajão, meses após o lançamento do Decreto-Lei 3.199/41, o General Newton de Andrade Cavalcanti, então parte do colegiado indicado para o CND, ficou responsável por regulamentar o artigo n. 54. Assim, um parecer foi emitido e aprovado em setembro do mesmo ano proibindo a prática do futebol por mulheres: “neste gênero deve ser terminantemente proibida a prática do futebol, rugby, polo e water polo, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao organismo feminino. Por proposta do conselheiro general Newton Cavalcanti, resolveu o Conselho que seus atos, publicados no Diário Oficial, entrem em vigor, nas diversas circunscrições do território nacional, nos prazos estabelecidos na lei e também só tomar conhecimento dos processos sujeitos ao seu estudo quando encaminhados e devidamente informados pelas Confederações interessadas”. RIBEIRO, Raphael Rajão. “Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957)”. *Tempo*. Niterói, v. 29, n. 2, p. 86-106, 2023.

Hemeroteca da Biblioteca Nacional, etnográfica¹⁸⁹ – realizada com o Aurora Futebol Clube, um time de mulheres que treina na Rua da Aurora, no Recife (PE). Destaca-se o papel do *Diário de Pernambuco* que em diferentes momentos abriu suas páginas para a defesa da prática desse esporte por mulheres recifenses.

O começo: os espaços para o futebol de mulheres no Recife

Não se sabe ao certo quando as mulheres iniciaram a prática de futebol. De acordo com a história dita oficial desse esporte, a regulamentação criada na Universidade de Cambridge, em 1860, teria dado origem ao formato que conhecemos até hoje. Nessa mesma época, não se permitia a matrícula de mulheres na instituição. No Brasil, existem relatos da prática do futebol

189 • Realizada por Maria Cicília de Souza Gomes para sua monografia intitulada “A invisibilidade de mulheres no futebol da rua da Aurora: uma etnografia de um espaço público da cidade de Recife-PE”, para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação de Hugo Menezes Neto, professor do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM/UFPE).

em internatos já durante a década de 1880¹⁹⁰. Não se tem informação sobre jogos envolvendo meninas nesse período.

A primeira menção encontrada data de setembro de 1913, reportada em uma fotografia na revista *Careta*¹⁹¹, em que um grupo de jovens organizou uma partida de futebol durante um chá da tarde no Velódromo de São Paulo¹⁹². Poucos dias depois, foi noticiada a formação de uma agremiação de mulheres para a prática de esportes na cidade de Santos (SP), batizada de Club Santos Atlético Feminino. A menção publicada na revista *A Fita*¹⁹³ destaca: “Desejamos que, em breve, as *distinctas* senhoritas se tornem ‘sportswomen’ destemidas. Away!”. Durante essa década, partidas beneficentes organizadas e jogadas por

190 • Em dezembro de 1885 José Veríssimo, diretor do Collegio Americano, respondeu, por meio da seção do jornal chamada “Pedidos” ao que chamou de “calúnias” advindas do texto “Ao sr. José Veríssimo educador reformado” escrito pelo diretor do Collegio Franco-Brazileiro, João Saraiva: “Para completar a educação *physica*, tenho *encommendado* – pergunte aos srs. Paiva e C^a que *fizerão a encommenda* desde o mez passado – *excellentes* jogos como o cricket (de *collegio*) o foot ball o [palavra indecifrável] tennis e outros”. Eu e o Sr. Saraiva, director do Collegio Franco-Brazileiro. *Diário de Belém*, 11 de dez. 1885, p. 3.

191 • *Careta* (RJ), 06 set. 1913, p. 39.

192 • BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2019. ALMEIDA, Caroline Soares; ALMEIDA, Thaís Rodrigues. “‘Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?’: histórias do futebol de mulheres no Brasil”. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 31, 2020. p. 168-191.

193 • *A Fita*, Santos (SP), 25 de set. 1913, p. 15.

mulheres da elite eram relativamente comuns, conforme encontrado em diferentes notas de jornais da época.¹⁹⁴

Por outro lado, o destaque à presença de “senhoritas” nas arquibancadas fez parte da crônica futebolística ainda no início do século XX. Esse espaço foi legitimado às brasileiras por meio do termo “torcedora”, palavra encontrada nos jornais, pelo menos, a partir de 1911.¹⁹⁵ As torcedoras eram mulheres que assistiam aos jogos de futebol e, aflitas, torciam seus lenços ou luvas – o que com o tempo passou a designar todas as pessoas entusiastas de algum clube de futebol.

De volta aos campos, foi a partir de 1920 que os jornais brasileiros passaram a mencionar outros jogos, no que se percebe outros três movimentos urbanos em torno do que já era conhecido por futebol, ou *foot-ball*, feminino. Para além dessas festas voltadas à caridade e restritas às camadas mais altas da população, destaca-se o movimento ocorrido em Natal (RN), foi capa¹⁹⁶ da revista *Vida Sportiva*, sendo meses mais tarde republicado em uma de suas seções.¹⁹⁷ Considerado o primeiro torneio de

194 • ALMEIDA, Caroline Soares; ALMEIDA, Thaís Rodrigues. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: histórias do futebol de mulheres no Brasil”. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 31, 2020. p. 168-191. RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline S. “Football, lesbianism and feminism in Brazil: subversive acts”. *Soccer and society*, v. 2023, p. 1-13, 2023.

195 • Assim estava escrito: “via-se perfeitamente que Mlle. Z não era mais a mesma torcedora que por ocasião do jogo com o Americano tiritava de frio e aquele jogo horrível num lago deixava-a indignada”. “O Pirralho Sportsman. Foot-ball. Paulistano”. *O Pirralho* (SP), 7 out. 1911, p. 10.

196 • *Vida Sportiva* (RJ), 20 mar. 1920, capa. A revista ainda destaca a final ocorrida entre os times do A.B.C. Football Club e Assis Bandeira do Centro Sportivo Natalense.

197 • *Vida Sportiva* (RJ), 18 mai. 1920, p. 18.

Futebol Feminino ocorrido no país,¹⁹⁸ a capital potiguar, assim como Santos, parece ser vanguarda¹⁹⁹ em agremiações esportivas para mulheres, conforme mencionado na mesma revista:

*[...] a formosa cidade do extremo nordeste brasileiro pode gabar-se de ter sido a primeira do Brasil a crear agremiações sportivas de elementos exclusivamente femininos como o Club Náutico Jundiahy e o Centro Náutico Feminino, que muito têm concorrido para o extraordinário brilhantismo notado nas regatas realizadas no largo e tranquillo estuário do Potengy.*²⁰⁰

198 • BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2019.

199 • Desde 1918, a *Vida Sportiva* anuncia pódios de regatas de mulheres em Natal (RN). No Rio Grande do Norte. *Vida Sportiva*, 18 mai. 1918, p. 31.

200 • “Poty. Os sports em Natal”. *Vida Sportiva* (RJ), 13 dez. 1919, p. 11.

Outro movimento envolvia apresentações circenses,²⁰¹ em que grupos reduzidos encenavam jogos de futebol feminino. No Recife, em dezembro de 1932, o Grande Circo Nerino – armado na Praça 13, a poucos metros da Rua da Aurora – anunciava entre suas atrações: “Brevemente – o *foot-ball* feminino jogado por 10 senhoritas – novidade”²⁰² e “Pela primeira vez nesta cidade o *foot-ball* feminino. Disputantes: Sport Club X Náutico”.²⁰³ Cinco anos mais tarde, foi no Teatro Santa Isabel durante uma apresentação da Companhia de Revistas Eva Stachino, “Zé dos Pitacos”²⁰⁴: “O *foot-ball* feminino é um numero de *atração* e

201 • Durante as décadas de 1920 e 1930, diversos circos apresentavam entre as atrações, partidas reduzidas de futebol de mulheres. O Circo dos Irmão Queirolo, por exemplo, percorreu diferentes regiões do país nesse período. Ver: BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2019; RIGO, Luiz *et al.* “Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29, 2008, p. 173-188.

202 • “Grande Círculo Nerino”. *Jornal do Recife* (PE), 18 dez. 1932. p. 6.

203 • “Grande Círculo Nerino”. *Jornal do Recife* (PE), 29 dez. 1932. p. 4.

204 • “L. & S. Chronica Theatral”. *Diário de Pernambuco*, 21 fev. 1937. p. 3.

hilaridade. Santanella²⁰⁵ distribue beijos aos *campões* da plateia. Os centros medios da primeira fila atuaram com rara *efficiencia*. Houve até quem fizesse dois gols...”.

Por fim, temos uma movimentação de jovens brasileiras fora das regiões centrais, em áreas suburbanas/periféricas. O

205 • Santanella era atriz e cantora da companhia portuguesa Eva Stachino: “Santanella foi dona da premiére. Cantou com ‘charme’ e emoção o número de ‘chale e lenço’. Sua voz, um pouquinho rouca, talvez de gelados nessa mudança de temperatura, parece até que melhorou o numero, fazendo-a um pouquinho mais *pathetica*. Bisava com calor. Santanella volta sempre à ribalta sorridente com aquele seu sorriso, largo, gentio e *espontaneo*.” “L. & S. Chronica Theatral”. *Diário de Pernambuco*, 21 fev. 1937. p. 3. Aira Bonfim também aborda essa crítica teatral em BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2019. Provavelmente, “Santanella” pode ter sido a atriz italiana Luísa Satanella, nome escolhido por Paola Luísa Maria Oliva, atriz, cantora, bailarina e empresária que atua por essa companhia, tendo passagens pelo Brasil na mesma época da apresentação no Recife. Ver: BAPTISTA, Paulo Ribeiro. “Um diabo de calças em Lisboa: Satanela, a fotografia e o teatro modernos 1920-1930”. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, n. 37, p. 105-124, jun. 2017; ALMEIDA, Flávia F. “O mercado de trabalho dos espetáculos: atrizes das companhias portuguesas nos palcos do teatro musicado carioca”. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 09, abr. 2017.

Rio de Janeiro é tido como grande expoente nesse sentido,²⁰⁶ tendo surgido times em diversos clubes da Zona Norte, como o C.R. Vasco da Gama, em São Cristóvão, e o River F. C., em Piedade. Em 1940, havia em torno de dez equipes, tendo essa modalidade cobertura em diversos jornais cariocas, nas seções destinadas ao “futebol menor”²⁰⁷ ou ainda “futebol nos subúrbios”. É nesse momento que se inicia uma campanha contra o futebol feminino na capital, impulsionado pelos jornais e por representantes da polícia e do judiciário, com a simpatia do governo Vargas.²⁰⁸ Após criar um grupo de análise no Ministério da Educação e Saúde. O resultado, como já mencionado, foi a proibição da prática do futebol - entre outros esportes - por mulheres em 1941.

A pesquisa sobre a prática de futebol por mulheres e/ou criação de times no Recife durante a primeira metade do século

206 • ALMEIDA, Caroline S. “Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro”. *Lusotopie Journal*, v. 18, n. 1, 2019, p. 95-118; ALMEIDA, Caroline Soares; ALMEIDA, Thaís Rodrigues. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?": histórias do futebol de mulheres no Brasil”. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 31, 2020, p. 168-191.

207 • ALMEIDA, Caroline Soares; JAHNECKA, Luciano. “As noções de carreira e de profissionalização no futebol ‘menor’: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação”. *Novos Olhares Sociais*, vol. 3, n. 1, 2020, p. 178-198.

208 • ALMEIDA, Caroline S. “Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro”. *Lusotopie Journal*, v. 18, n. 1, 2019, p. 95-118; BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2019.

XX ainda é bem incipiente.²⁰⁹ Nos jornais pesquisados, encontramos menção a jogos ocorridos no colégio Agnes Erskines²¹⁰, em 1942, localizado no bairro das Graças, contra o América F. C., com sede na Tamarineira – ambos na Zona Norte da cidade.

Na década seguinte, encontram-se referências a jogos organizados por pessoas da elite recifense no Country Club. O colunista social identificado como “Alex” descreveu algumas impressões sobre a partida, algo considerado sem precedentes pelo jornalista: “A TARDE ESPORTIVA do Country Club, no domingo, foi notável pela frequência e alegria. Aconteceu algo inédito: um futebol feminino. Detalhes para depois.”²¹¹ Cabe destacar que a coluna era publicada no *Diário de Pernambuco*, considerado o periódico mais antigo do país, ainda em atividade com mais de 198 anos de existência. A edição seguinte trouxe os detalhes:

Ansiosos pelo jogo de futebol feminino (algo realmente inédito e sensacional) encontramos o sr. e sra. Ernesto Engel, sr. e sra. João Montenegro, sr. e sra. Joaquim Medeiros, sr. e sra. Thorpe, sr. e sra. Arnaldo Lemos, sr. e sra. Arnaldo Fonseca, sr. e sra. Jorge Brito (realmente encantadora e sra. Laura Brito), sr. e sra. Fernando Alonso, sr. e sra. Manoel Amorim. No jogo de futebol a equipe vencedora foi liderada pela srta. Carminha Monteiro, sagrando-se pela contagem de 6X0. Para os

209 • Até esse momento, restrito ao material disponibilizado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

210 • “No jogo de futebol feminino, o Agnes Erckine venceu o sexto do America por 2 a 0”. Nas festas promovidas pelo Colégio Agnes Erckins. *Diário da Manhã*, 3 mai. 1942, p. 2.

211 • “ALEX. Branco e preto & desfile”. *Diário de Pernambuco*, 3 Dez. 1957, p. 6.

*entendidos de futebol a vitória foi completa, apesar da ligeira confusão em campo quando o juiz foi gentilmente convidado (pelas jogadoras) para se retirar de campo. Continuando, mesmo sem juiz, o jogo foi uma sensação e não poderia deixar de ser, não é mesmo?*²¹²

Alguns dias depois, o jornal publicou um outro encontro, agora de caráter beneficente, entre equipes do Country Club e Clube Náutico Capibaribe e destacou: “futebol feminino a atração máxima”.²¹³ Não se sabe muito sobre a continuidade dessas partidas ou sobre outro grupos que tenham praticado esse esporte. Abordar de forma entusiástica uma partida de futebol nas seções sociais, considerando-a como um projeto inovador das mulheres da elite recifense para angariar recursos pós-proibição, contrasta com um incidente ocorrido dois anos posteriormente. Em 1959, um repórter²¹⁴ relatou, nesse diário, uma situação de proibição, por parte da Federação Pernambucana de Futebol (FPF) de um jogo também voltado à filantropia. A notícia narrou um jogo entre os times A e B do Treze Futebol Club, de Campina Grande (PB), e ressaltou as “mais de 5 mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças”, presentes no estádio. A arrecadação foi destinada à Casa da Criança Pobre, instituição existente na cidade, conforme afirmou em entrevista Edval Carvalho, dirigente do clube, o porquê para a organização das equipes de mulheres:

212 • “ALEX. No Country”. *Diário de Pernambuco*, 6 Dez. 1957, p. 6.

213 • “O Náutico irá homenagear suas campeãs de tiro e arco”.

Diário de Pernambuco, 8 Dez. 1957, p. 17.

214 • Não encontramos a identificação do jornalista.

Quando pensamos em formar os grupos femininos, só tivemos em mente auxiliar os necessitados. Campina Grande é uma cidade que cresce assustadoramente, uma cidade que tem sua população elevada dia a dia, uma cidade, enfim, onde, como em outros grandes centros, há miséria, fome e abandono. Pensamos num modo de ajudar a criança pobre e desabrigada da cidade; a solução foi encontrada com a concretização do embate feminino [...].²¹⁵

A ideia, de acordo com os planos do jornalista e do fotógrafo do *Diário de Pernambuco*, era realizar um evento semelhante no Recife, questão que foi levantada e discutida previamente com dirigentes e jogadoras. No entanto, a FPF não teria permitido a realização – “Ontem, com alarde, foi noticiado que a FPF, através de seu presidente, desportista Rubem Moreira, havia proibido o espetáculo, marcado para o dia 30, no Recife. A notícia nos deixou surpresos, por uma simples razão: o que tem a FPF com os jogos entre moças?”. A reportagem esclarece que a decisão só poderia ter sido tomada pelo Conselho Nacional de Desportos (CND):

Não sabem os orientadores da entidade da rua Dom Bôsko que só por intermédio de um ofício, em papel timbrado, poderá o CND, depois de se dirigir aos responsáveis pelo espetáculo, proibí-lo? Cremos que há muita confusão nisso tudo; todavia, confiamos em que sejam contornadas as dificuldades, para o

215 • “Deturpados na cidade maurícia, os noticiários referentes ao encontro feminino de futebol”. *Diário de Pernambuco*, 9 Mai. 1959, p. 9.

*desportista recifense presenciar o mais notável espetáculo futebolístico já apresentado no norte.*²¹⁶

Sobre a proibição expedida pelo CND em seu decreto de criação e regulamentação do esporte no país, escrevem: “a lei, propriamente dita, não especifica os esportes não permitidos à mulher”²¹⁷. O arquivamento utilizado pela redação complementa:

*Portanto, quando se alega que a lei proíbe à mulher praticar especificamente o futebol, é inverdade. O que há a respeito é uma instrução do gal. Nilton Cavalcanti onde se estabelece os desportos permitidos ou não para a mulher. Não queremos entrar no mérito daqueles que aprovaram tal projeto, mas onde se permite a prática de hóquei (sobre patins, com um bastão, uma pequena bola para ser endereçada por esse bastão a um pequeno gôl) e se proíbe o futebol, não entendemos como puderam tais pessoas chegar a essa conclusão. Já obtive, no entanto, a direção deste jornal uma promessa do atual presidente do C.N.D., doutor Paula Ramos, de que essa instrução seria revista e estudada, inclusive com a inclusão do futebol feminino, com a adaptação, como seja: 30 minutos cada tempo, bola mais leve e menor, substituições, etc.*²¹⁸

Toda essa questão foi levantada após a série de disputas entre times de futebol feminino em Minas Gerais e os jogos beneficentes de vedetes no Rio de Janeiro e em São Paulo, no final da

216 • *Idem.*

217 • “Reexaminará o CND portaria sobre o futebol feminino”.
Diário de Pernambuco, 4 Jun. 1959, p. 10.

218 • *Idem.*

década de 1950. Giovana Capucim e Silva salienta a resistência dos clubes, mas sobretudo das jogadoras ao ludibriar as autoridades e a desaprovação de familiares ao entrar em campo.²¹⁹

Dias depois, a notícia destaca a falta de consenso entre profissionais do esporte/saúde sobre os reflexos da prática do futebol por mulheres: “É prejudicial, ou não, a prática do futebol feminino? A ciência dividida no exame da questão - aprovado pelo ginecologista é condenado pelo psiquiatra - qual será a última palavra?”²²⁰ Apesar do médico ginecologista afirmar que, ao contrário do que foi discutido em 1941, tal esporte não causaria danos à capacidade reprodutora de suas praticantes, há os argumentos sexistas apontados pelo psiquiatra:

Não estamos preparados - esclarece o psiquiatra - para aceitar, nas condições atuais de nossa educação, o futebol feminino e a mulher que o praticasse entraria em choque consigo mesma e com o ambiente que a circunda. No momento a mulher funciona como moderadora da impulsividade masculina, amparo psicológico, esteio da família e amparo emocional, qualidades que, ao assumir uma função reservada ao sexo oposto, por imposição educacional viria a perder. [...] Outro aspecto contrário prende-se à reação do público. Uma vez que seria impossível a incursão de uma mulher em equipe masculina dada a disparidade física existente, o que é óbvio a formação de

219 • SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2015.

220 • “É prejudicial, ou não, a prática do futebol feminino?”. *Diário de Pernambuco*, 7 Jun. 1959, p. 16.

*exclusivamente feminina ocasionaria a perda, em grande parte do atrativo em um esporte das massas.*²²¹

Em entrevista²²² na época, o presidente do CND, Manoel Maria de Paula Ramos, declarou ser favorável ao futebol feminino desde que praticado por atletas e colegiais, regulamentado e dentro de um programa de assistência médica e conhecimentos técnicos. Para ele, o órgão seria contrário à prática por “vedetes” – o que não condiz com as discussões anteriores que levaram à proibição. Contudo, não foi em 1959 que o futebol feminino foi liberado e regulamentado – levaria mais vinte anos para que esse processo fosse iniciado institucionalmente. Nesse mesmo ano, o estádio do Arruda recebeu treinos de equipes de mulheres do Santa Cruz como preliminar do “clássico das emoções”²²³.

Em 1965, o texto da Deliberação n. 7 do CND baixou “instruções às entidades esportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres” e determinou: “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball.”

221 • “É prejudicial, ou não, a prática do futebol feminino?”. *Diário de Pernambuco*, 7 Jun. 1959, p. 15.

222 • “Deprimente, grosseiro e, até, imoral o espetáculo”. *Diário de Pernambuco*, 4 Set. 1959, p. 11.

223 • “Futebol feminino e peleja com o Náutico”. *Diário de Pernambuco*, 17 Set. 1959, p. 11.

1970-1983: O futebol feminino do Recife se organiza

Julho de 1970 marca os esforços para a criação de um mundial de futebol feminino, com a realização de um primeiro campeonato mundial na Itália²²⁴ e que recebeu o nome do patrocinador – *Martini Rosso Cup*. A segunda edição²²⁵ ocorreu no ano seguinte, no México, alcançou público com mais de cem mil pessoas no Estádio Azteca para assistir à final entre as seleções do México e da Dinamarca²²⁶, com o país europeu como bicampeão. A historiadora Jean Williams²²⁷ pontua que os campeonatos mundiais de 1970 e 1971 evidenciaram o potencial comercial desse esporte e, por conseguinte, a exploração desse potencial por empresários independentes. Diante disso, e do levantamento de que em 22 países europeus o futebol feminino já estava em atuação, a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) determinou que as federações nacionais assumissem essa

224 • Com a presença das seleções da casa, Dinamarca, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Tchecoslováquia, Suíça e México. O torneio recebeu o respaldo da Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino (FIEFF), sendo a seleção da Dinamarca campeã.

225 • Participaram do segundo campeonato mundial: México, Argentina, Dinamarca, Itália, Alemanha, França e Inglaterra.

226 • COSTA, Leda Maria. “O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. n.13, 2017, p. 493-507. ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera: a history of women and sports in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2019.

227 • WILLIAMS, Jean. “Women’s Football, Europe and Professionalization 1971-2011”. *Relatório final (UEFA Research Grant Programme)*. Disponível em: <https://uefaacademy.com/wp-content/uploads/sites/2/2019/05/20110622_Williams-Jean_Final-Report.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

modalidade. As associações da França e Alemanha Ocidental suspenderam as proibições em 1971, seguidas pela *Football Association*. Apesar do marco na UEFA concordando com o controle nacional do futebol feminino, a incorporação não representou uma posição progressista da entidade e resultou em uma década de reconhecimento oficial sem apoio significativo, sufocando o desenvolvimento contínuo do esporte.

Enquanto em muitas confederações e federações nacionais se discutia a profissionalização do futebol feminino, no Brasil a prática ainda permanecia na “clandestinidade”. No Recife, poucos dias após a conquista do tricampeonato pela seleção brasileira de futebol masculino, o *Diário de Pernambuco* deu destaque a um possível jogo entre equipes da Itália e da Alemanha, organizado por Wilhelm Butz, empresário alemão atuante no ramo²²⁸. Já sobre o campeonato mundial de futebol feminino em 1970, o jornal publicou poucas notas e algumas citações ao evento, como na apresentação do perfil da socialite Carmem Thorp, conhecida torcedora do Santa Cruz, em comemoração ao bicampeonato do clube:

*Entre as muitas críticas que os não-tricolores lhe fazem, a principal é de que mulher não deve se meter em futebol. Nada mais errado. Vocês leram as notícias sobre um campeonato mundial feminino, recentemente, no Rio, existem várias cronistas esportivas, aqui já tivemos uma locutora, os estádios estão cheios de figuras do belo sexo. Mulher no futebol é muito natural, o que falta é que surjam outras com a personalidade de D. Carmem Thorp para ocupar cargos de direção*²²⁹.

228 • “Alemão quer trazer equipe de mulheres para jogar no Recife”. *Diário de Pernambuco*, 24 Jun. 1970, p. 10.

229 • “Carmem Thorp”. *Diário de Pernambuco*, 9 Set. 1970, p. 26.

A publicação ressaltava que Carmem havia contestado a previsão de Pai Edu²³⁰ e insistido na vitória do Santa Cruz sobre o Náutico. Além disso, dizer que “mulher no futebol é muito natural” atingia diretamente o texto base do Decreto-Lei n. 3.199/41 do CND: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

Nos anos seguintes, os jornais passaram a divulgar jogos e equipes existentes na capital pernambucana. Muitos desses embates eram promovidos pela prefeitura e por clubes locais. Em 1971, durante as comemorações da Independência do Brasil, um jogo entre as equipes de mulheres dos centros comunitários Arnaldo Assunção (Santo Amaro) e Coronel Othon (Ibura) inaugurou a quadra esportiva do Centro Comunitário da Várzea, Zona Oeste da cidade²³¹. Também há menções de partidas e intenção de times na Associação Atlética Banco do Brasil²³² e Clube Náutico Capibaribe²³³.

Após a revogação da Deliberação n. 7/65 e com a liberação da prática do futebol por mulheres, o grande desafio passou a ser procurar estratégias possíveis para descaracterizar o jogo de futebol. Afinal, a prática havia sido liberada, porém sem a regulamentação, partidas em estádios e campeonatos ainda estavam banidas, atrasando ainda mais o processo de profissionalização de futebolistas. A historiadora Giovana Capucim e

230 • Babalorixá, frequentemente consultado por clubes de futebol, havia declarado que o Náutico seria campeão do Estadual de 1970.

231 • “Semana da Pátria comemorada em Areias com distribuição de ferros de engomar”. *Diário da Manhã*, 9 Set. 1971, p. 3.

232 • “Futebol Feminino na A.A.B.B”. *Diário de Pernambuco*, 19 Dez. 1971, p. 21.

233 • COUTINHO, Valdi. “Flagrantes - Diretor do Náutico”. In: *Diário de Pernambuco*, 19 Mai. 1972, p. 18.

Silva²³⁴ chama o período entre a revogação da proibição à prática dos esportes - já listados anteriormente - e a regulamentação do futebol feminino, em 1983, de clandestinidade, o que coincide com a ideia de anistia²³⁵ ao futebol feminino, defendida por Rose do Rio, ex-futebolista do período. A mesma autora, ao escrever sobre o período²³⁶, salienta que a prática do futebol por mulheres no Recife obteve um grande crescimento no final da década de 1970, a ponto de o *Jornal do Commercio* ter criado uma coluna semanal sobre o assunto. O caso no Recife merece destaque, os times exploravam brechas para permitir a participação das mulheres em campo, buscando manter experiências que se assemelhavam a um processo de profissionalização.

Os exemplos mais claros são os das moças do Água Viva, que recebiam um valor para custear o transporte para os treinos que mascaravam o recebimento de salários. No Sport, uma situação ainda mais curiosa: a principal jogadora da equipe foi contratada como auxiliar de escritório para poder jogar pelo Coração de Leão, sua equipe feminina, que não carregava o nome do clube

234 • SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2015.

235 • ALMEIDA, Caroline Soares. *Boas de Bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol durante a década de 1980 no Esporte Clube Radar*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

236 • SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2015.

*justamente para ludibriar as autoridades do futebol e manter-se sob a aparência de uma equipe recreativa.*²³⁷

No início de 1980, cerca de 16 equipes de mulheres já compunham o cenário futebolístico recifense.²³⁸ As quadras da área de lazer da praia do Pina serviam de local de treinamento para dois times fundados em Boa Viagem: “Coisinha do Pai” e “As Panteras”. Em uma entrevista para o repórter Valdi Coutinho, Maria do Carmo Nóbrega, chamada de idealizadora do futebol feminino na Zona Sul da cidade, explica a interdição de uma partida preliminar marcada para acontecer na Ilha do Retiro e que foi barrada pela Federação Pernambucana de Futebol:

*O incentivo com o futebol feminino vem sendo muito grande, os moradores do Pina, parentes e amigos, namorados, ajudam nos treinamentos, ensinando passes e dribles, os passes, etc., mas para surpresa nossa, a dificuldade é com a Federação. Não sei por que isso aconteceu. Soubemos através dos jornais, no dia seguinte, que a FPF não queria que o jogo fosse realizado. Queremos deixar bem claro que não estamos jogando para angariar prêmios e sim para motivar e participar do esporte das multidões, um incentivo a mais para o futebol brasileiro.*²³⁹

237 • *Idem.*

238 • COUTINHO, Valdi. “Futebol feminino no Recife pretende durar e ter sucesso”. In: *Diário de Pernambuco*, 12 Fev. 1980, p. 20.

239 • *Idem.* Apesar da proibição desse jogo, cabe salientar que o Coisinha do Pai já havia estreado na Ilha do Retiro anteriormente.

Quando perguntada sobre a proibição de jogos de mulheres nos estádios e se “haveria algum resquício de ‘feminismo’ nisso tudo”, Maria do Carmo disse desconhecer o impedimento e procura reforçar estereótipos de gênero para legitimar a prática:

Se é por causa do clima mais quente dos trópicos, vale a pena lembrar que o tempo de jogo no futebol feminino é bem menor, dá completamente para a nossa resistência, não vamos forçar, sabemos que a nossa constituição como mulheres é mais delicada e não vamos nos exceder. E, além disso, nosso estilo de jogo é mais ameno pela própria condição da mulher. [...] Não há nenhum propósito feminista, mas a ideia não pode deixar de lado tal hipótese que, se existe, é subconsciente por enquanto. Não queremos jogar como homens, muito pelo contrário, demonstrar a graciosidade da mulher em campo, como ela realmente sabe jogar. As regras do jogo são as mesmas apesar de não haver a necessidade de usá-las todas, porque não somos violentas.

Em outra reportagem, dias depois, Maria do Carmo afirmou já ter se informado sobre as normas para a prática desse esporte por mulheres: “Já nos informamos sobre a legalidade do futebol feminino e estamos cientes de que na condição de amadores podemos atuar devidamente legalizadas e nosso pensamento é nos escrever na FPF”.²⁴⁰ Ainda em março de 1980, o *Diário de Pernambuco* publicou diversas notas e reportagens sobre a atuação do “Coisinha do Pai” em cidades de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, além

240 • “Coisinha do Pai está uma beleza”. *Diário de Pernambuco*, 30 Mar. 1980, p. 35.

de convites vindos de outros estados do país.²⁴¹ Embora o time tenha sido proibido de jogar a preliminar no estádio do Sport Club do Recife, durante as comemorações dos 75 anos do clube pelo menos duas preliminares de futebol feminino foram anunciadas para ocorrerem na Ilha do Retiro. A primeira, no dia 13 de maio, antes de Sport e Ceará Sporting Club, com as equipes formadas na agremiação aniversariante – “Fofoletes” e “Coração de Leão”. No dia 16 de maio, aconteceu o embate preliminar do “clássico dos clássicos” pelo Campeonato Pernambucano, entre as “Coração de Leão” (Sport) e as “Panteras”, representando o Náutico²⁴².

Aliás, as preliminares de futebol feminino se transformaram em atrações nas partidas de futebol masculino. Os três principais clubes do Recife – Sport, Náutico e Santa Cruz – possuíam equipes de mulheres que se apresentavam em tempo diminuído. O caráter efêmero de algumas equipes também é apontado nos comentários sobre o movimento de mulheres para a prática do futebol: “muitos, da mesma forma que surgiram, acabaram”²⁴³. Outros times, como o Coisinha do Pai e o Coração de Leão, por exemplo, em pouco mais de seis meses de existência já contavam com assessoria, geralmente de homens, e até empresários.²⁴⁴

241 • “Coisinha do Pai homenageia D. P.”. *Diário de Pernambuco*, 23 Mar. 1980, p. 36; “Coisinha do Pai está uma beleza”. In: *Diário de Pernambuco*, 30 Mar. 1980, p. 35.

242 • “Anteriormente, as equipes estavam batizadas como Fofoletes e Timbuzinas, mas em assembleia junto com a diretoria do Bafo do Leão, resolveram mudar os nomes sob a alegação de que Coração de Leão estava mais ligado ao rubro-negro, servindo também como homenagem aos 75 anos do Sport.”. Ver: “Coração de Leão estreia na preliminar”. *Diário de Pernambuco*, 16 Mai. 1980, p. 21.

243 • D’OLIVEIRA, Fernanda. “Atenção galera, o ‘Coisinha do Pai’ está em campo”. *Diário de Pernambuco*, 13 Jul. 1980, p. 35.

244 • *Idem*.

Algumas particularidades marcaram os esforços dedicados ao avanço do futebol feminino no Recife e, nesse sentido, destaca-se o papel de Maria do Carmo da Nóbrega. A idealizadora do Coisinha do Pai organizou o I Congresso de Futebol Feminino de Pernambuco²⁴⁵, cujas metas consistiram avanços nas discussões para a derrubada da portaria que limitava a prática do futebol por mulheres, para a regulamentação da modalidade e para a criação de campeonatos em Pernambuco.

*Já existem mais de 25 equipes femininas praticando o futebol em nosso Estado, isso sem falar naquelas do Interior que não conhecemos. Mas, por incrível que pareça, a prática do futebol feminino ainda é uma coisa clandestina, ilegal, tendo em vista uma portaria que proíbe essa atividade às mulheres. As futebolistas querem, no I Congresso de Futebol Feminino, atingir, dentre outras metas: discussão da portaria que proíbe a prática de tal desporto para mulheres; análise das viabilidades de anulação dessa portaria, pelos canais competentes; estabelecimento de critérios para a prática do futebol feminino; organização de uma estrutura administrativa e esportiva para os clubes de futebol feminino; criação de uma entidade que congregue, legalmente, todas as equipes. O I Congresso de Futebol Feminino será o primeiro passo no país para a execução dessas metas.*²⁴⁶

245 • SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2015.; “Futebol feminino terá congresso em dezembro”. *Diário de Pernambuco*, 5 Set. 1980, p. 21.

246 • “Futebol feminino terá congresso em dezembro”. *Diário de Pernambuco*, 5 Set. 1980, p. 21.

A direção da equipe procurou manter relação próxima com a imprensa local desde o início, organizando um coquetel em homenagem aos jornalistas²⁴⁷ do *Diário de Pernambuco*, o que possibilitou diversas reportagens e entrevistas sobre o time, além de uma matéria na *Placar Magazine*²⁴⁸. A prefeitura também desempenhou uma função crucial ao promover jogos e coordenar, por meio da Secretaria de Ação Social, o I Torneio de Futebol Feminino. O torneio recebeu apoio do mesmo jornal, que disponibilizou o Departamento Esportivo para a inscrição das equipes e enalteceu a “longa batalha empreendida para oficializar o futebol feminino como uma competição reconhecida”²⁴⁹, considerando os dispositivos legais do CND ainda vigentes na época.

O Sport Recife, embora mantivesse jogos de futebol feminino preliminares ou nos intervalos, vinculava a direção do Coração de Leão à torcida organizada *Bafo de Leão*. Situação que provocou um pedido de explicação dessas atividades vindo do CND, por um comunicado da CBF que exigia a extinção desses jogos:

O documento enviado pelo CND alega que esta equipe está realizando amistosos com entrada paga e que isso não é permitido. Realmente o time feminino não é dirigido pelo nosso clube e sim pela torcida. Não joga os 90 minutos regulamentares e sim os intervalos de jogos oficiais e amistosos. Nunca se apresentou pedindo dinheiro. Não se apresenta apenas como

247 • “Coisinha do Pai homenageia D. P.”. *Diário de Pernambuco*, 23 Mar. 1980, p. 36.

248 • “Coisinha do Pai está uma beleza”. *Diário de Pernambuco*, 30 Mar. 1980, p. 35.

249 • “Futebol feminino é ajudado e terá seu 1º torneio”. *Diário de Pernambuco*, 3 Out. 1980, p. 23.

*espetáculo, e sim diversão. A CBF está querendo que seja extinto o futebol feminino e vamos consultar nosso Departamento Jurídico para saber que providências tomar [...].*²⁵⁰

Após a notificação do clube rubro-negro, o 1º Campeonato de Futebol Feminino já programado, e com regulamento elaborado pela Prefeitura do Recife, foi suspenso,²⁵¹ e os esforços para a continuidade do futebol feminino foram direcionados para a promoção do congresso organizado pela presidente do Coisinha do Pai. A ideia era que o espaço servisse de debates sobre os possíveis efeitos às mulheres causados pela prática do futebol – e, a partir das conclusões, gerar um documento que fosse encaminhado à FPF e ao CND com indicações para a regulamentação da modalidade. O programa do congresso²⁵² previa discussões sobre três eixos temáticos principais:

1. *Medicina Desportiva: futebol e incidência de câncer nas glândulas mamárias; futebol e menstruação; prática do futebol na adolescência; futebol e sintomas de “nervosismo”; futebol e cardiopatias; futebol e fraturas; incidência de anemia; futebol e diabetes; futebol e epilepsia; indicação de tempo de jogo (20, 25 ou 30 minutos por tempo).*

250 • “CND pode acabar com o futebol feminino”. *Diário de Pernambuco*, 21 Out. 1980, p. 28.

251 • *Diário de Pernambuco*, 21 Out. 1980, p. 28.

252 • “Futebol feminino e suas ousadas teses”. *Diário de Pernambuco*, 29 Nov. 1980, p. 23.

2. *Treinamento esportivo: indicações para mulheres; como adquirir resistência sem deformar; tempo necessário para treino coletivo; treino para perda e ganho de peso; teste de Cooper; distância ideal de corrida; efeitos da corrida no corpo, treinamento e vitalidade; horários ideais para o treinamento; sol e câncer de pele; nutrição de atletas.*
3. *Massagista: como aplicar uma massagem na altura da coxa?; pancada no tornozelo deve ser tratada?; procedimentos para tratar distensão muscular; meios naturais para tratar uma contusão; produtos para massagem; formação de profissionais massagistas; tensão nas costas decorrentes dos treinos; técnicas de massagens.*

Percebe-se que grande parte dos itens de discussões refletem aspectos morais voltados às mulheres. Sobre a continuidade das partidas nos estádios, ainda proibido pelo CND, Carminha fez um apelo para que os clubes mantivessem apenas as apresentações de futebol feminino nos intervalos, suspendendo temporariamente os jogos preliminares.²⁵³

Em dezembro de 1980, o I Congresso Estadual de Futebol Feminino aconteceu entre os dias 15 e 16 de dezembro, no Centro de Convenções, com o apoio do Banco do Estado de Pernambuco (BANDEPE), Prefeitura Municipal e *Diário de Pernambuco*. Contudo, dos vinte conferencistas convidadas(os), apenas dois estiveram presentes e a adesão do público foi baixíssima, muito pela segurança local que não permitiu a entrada

253 • “Futebol feminino e o CRD procuram acertar”. *Diário de Pernambuco*, 28 Out. 1980, p. 23.

de veículos no estacionamento.²⁵⁴ Apesar dessa situação, um documento final foi redigido e assinado pelas(os) participantes – o jornal *Diário de Pernambuco* salienta que um memorial seria enviado ao CND, “pois a luta pela oficialização continuará”²⁵⁵.

O futebol amador de mulheres permaneceu tímido até a regulamentação em abril de 1983. Alguns jogos preliminares ocorreram, além de duas edições da Taça Recife de Futebol Feminino, a primeira com quase um ano de adiamento.²⁵⁶ O Coisinha do Pai não conseguiu manter a periodicidade da equipe, passando a ser o Coração de Leão o principal expoente do futebol feminino pernambucano na pré-regulamentação.

254 • “Congresso de futebol feminino nem foi aberto: faltou gente”. *Diário de Pernambuco*, 16 Dez. 1980, p. 24.

255 • “Futebol feminino não teve apoio em seu 1º congresso”. *Diário de Pernambuco*, 17 Dez. 1980, p. 32.

256 • “Mulheres têm vez na Taça Recife do ‘Bido Krause’”. *Diário de Pernambuco*, 17 Out. 1981, p. 23.

A resistência do Aurora Futebol Clube em uma quadra da rua símbolo do *Manguebeat*

*Hoje é mais tranquilo, mas a gente precisou bater pé, em muitos momentos, principalmente no começo.*²⁵⁷

O Aurora Futebol Clube foi criado em 2016 como um projeto representativo de resistência e empoderamento de mulheres no futebol, autodenominado por suas fundadoras como recreativo, gratuito e inclusivo²⁵⁸ – aberto à pluralidade de gêneros: “a gente sabe que o futebol é um ambiente ainda, e infelizmente, machista e preconceituoso e que afasta alguns gêneros. Por isso mulheres cis e trans e homens trans encontram aqui espaço para jogar e acolhimento”²⁵⁹. Congrega pessoas²⁶⁰, entre camadas

257 • Depoimento extraído da monografia de Maria Cíclia de Souza Gomes, em sua pesquisa etnográfica com um grupo de mulheres que jogam futebol no Aurora F. C. em uma quadra pública na Rua da Aurora. Ver: SOUZA GOMES, Maria Cíclia. *A invisibilidade das mulheres no futebol da Rua da Aurora: uma etnografia de um espaço público da cidade de Recife-PE*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pernambuco, 2023. 49 p.

258 • “As mulheres que estão transformando o futebol em Recife”. *Revista Cláudia*, 29 Nov. 2017. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/as-mulheres-que-estao-transformando-o-futebol-em-recife>>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

259 • Postagem no perfil do *Instagram* do Aurora em 18 de setembro de 2021.

260 • A faixa etária varia conforme o período. Durante o trabalho de campo, realizado entre maio de 2022 e abril de 2023, as idades das interlocutoras variam entre 24 e 31.

médias e baixas, de várias localidades da região metropolitana do Recife. O grupo atualmente treina em uma quadra no cais da Aurora, situado na Rua da Aurora, região central da capital pernambucana, sempre às segundas-feiras, à noite. O local é um dos símbolos do *Manguebeat*, movimento de vanguarda criado a partir da publicação do manifesto “Caranguejo com Cérebro”²⁶¹, em 1992, sendo Chico Science seu maior expoente. Em sua constituição, o *Mangue* ressignificou manifestações culturais periféricas misturadas à cultura pop introduzida por meio de veículos de comunicação de massa.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um “circuito energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

*Hoje, Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.*²⁶²

261 • Escrito pelo jornalista e músico Fred 04, fundador da banda *Mundo Livre S/A*.

262 • *Manifesto Caranguejo com Cérebro*.

A cena criada no início dos anos 1990 reverbera até hoje na cidade, uma estética que se vale da utilização de mídias não somente para dar voz às periferias, mas para deslocar a discussão política, escancarando a desigualdade social da cidade.²⁶³ O Aurora F.C., de certa forma, procura trazer esse signo de luta, de “resistência feminina no espaço público”²⁶⁴, conforme descrição no perfil do *Instagram*. A mídia social é utilizada para denunciar a carência de infraestrutura e abandono do local, destacar a exclusão das mulheres no ambiente esportivo e o preconceito que enfrentam ao jogar futebol. Também é empregada para divulgar informações sobre jogos de futebol feminino que serão transmitidos em canais de televisão aberta, tanto envolvendo a seleção quanto os clubes brasileiros. Além do perfil nessa plataforma, onde são compartilhadas imagens dos treinos e ações de divulgação, a equipe mantém um grupo de *WhatsApp*, principal canal de comunicação entre as integrantes.

A trajetória do clube reflete a ideia de uma comunidade resiliente de mulheres que enfrentam desafios e preconceitos para reivindicar seu espaço no cenário futebolístico - questão que foi apontada pelas interlocutoras como uma problemática recorrente na cidade e que o time vem frequentando desde o início:

Eu comecei um pouco depois do primeiro grande empecilho que houve, que foi a tentativa do início da Aurora, foi numa quadra de prédio, que tinham dois caras que jogavam vôlei e aí juntou uma galera no

263 • GUIMARÃES, Rodrigo G.; CARVALHO, Cristina. “O Movimento Manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco”. *Políticas Culturais em Revista*, v. 9, n. 1, p. 110-133, jan./jun. 2016. RAMOS, Lucas B. *Manguebeat: identidade e narrativa*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas). Universidade de São Paulo, 2019.

264 • Publicação / *Story* em destaque no *Instagram* do Aurora F. C..

prédio dessa mulher e aí até tentaram um acordo de dividir a quadra, mas eles disseram que eles tinham mais prioridade porque eram duas pessoas que moravam no prédio enquanto de todas as mulheres só uma era do prédio, e o restante todo de fora, e a gente perdeu o direito dessa quadra fechada e a gente foi pra quadra pública, a dificuldade inicial não foi nenhuma porque não tinha ninguém no horário, mas com o tempo, toda vez que a gente chegava, na segunda-feira, as 18:30, se tinha algum grupo antes que tinha chegado umas 17/17:30h, tinha uma certa dificuldade em sair pra gente jogar, só que a gente sempre explicava que a gente tava ali há um tempo já, na época eram meses, quase um ano, que iniciou em 2016, e aí os empecilhos foram as tentativas dos homens, a maioria homens na verdade, sempre tentando priorizar como deles esse espaço, quando na verdade era igualmente nosso.²⁶⁵

A declaração da jogadora destaca a facilidade com que os homens ocupam esses espaços, a eles legitimados socialmente no decorrer do século XX - e simbolicamente presente em diferentes situações ocorridas no cotidiano futebolístico. Essa condição fica ainda mais evidente pelo depoimento de outra participante do time:

265 • SOUZA GOMES, Maria Cicília. *A invisibilidade das mulheres no futebol da Rua da Aurora: uma etnografia de um espaço público da cidade de Recife-PE*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pernambuco, 2023. 49 p.

*Quando eu cheguei as meninas já estavam ocupando há um tempo, desde 2016, mas ainda sim na nossa época, nesses últimos anos de 2018 pra cá, o horário já estava estabelecido, mas tivemos um episódio no começo de 2022 em que homens quiseram ocupar dizendo que o espaço sempre foi deles naquele horário e metendo o bocão, dizendo coisas que a gente sabia que não era verdade porque a gente viveu e a gente trouxe provas e a gente preparou documentos e procurou junto a prefeitura formalizar esse horário, porque era uma coisa que a gente sabia que era verdade e o único argumento deles e prova era a boca deles, eles não tinham nenhuma prova, era só colocando o bocão e dizendo que o horário era deles. Foi um período bem difícil, de muito estresse, porque chegaram simplesmente dizendo que jogavam naquele horário, dizendo uma mentira na nossa cara, e enfim, conseguimos contornar a situação com a ajuda da prefeitura. Hoje é mais tranquilo, mas a gente precisou bater pé, em muitos momentos, principalmente no começo.*²⁶⁶

A situação acima aconteceu na retomada dos encontros presenciais, no pós-pandemia de COVID-19 e mobilizou apoios externos. Mesmo tendo já experimentado certa visibilidade anterior por meio de reportagens e veículos de comunicação de grande alcance como a *Revista Cláudia*, no jornal *Folha de Pernambuco* e no portal *Brasil de Fato*²⁶⁷, a intervenção da prefeitura foi fun-

266 • *Idem*.

267 • “Mulheres ocupam quadras e campos de futebol society no Recife”. *Brasil de Fato - Pernambuco*, 14 Jun. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefatope.com.br/2017/06/14/cada-vez-mais-donas-dos-campinhos>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

damental para que o Aurora mantivesse seus treinos na quadra pública – também o registro de um ofício de efeito jurídico, elaborado por suas fundadoras.²⁶⁸ A ocorrência é lembrada na descrição do perfil no *Instagram*: “Meninas peladeiras resistindo na quadra pública da Rua da Aurora (Recife-PE). Segundas, a partir das 18h30. GRATUITA. Bora jogar?”.

Há reclamações por parte das jogadoras de ofensas dirigidas por homens ao time durante os treinos: “O futebol feminino é repleto de grandes talentos potenciais, mas sofre por falta de investimento dos clubes. Se no profissional é assim, no amador, então, nem se fala. O machismo e o preconceito são muito vivos”²⁶⁹. Assim, segundo suas participantes, o time atua como um catalisador para o empoderamento, incentivando a autonomia e proporcionando um ambiente onde as integrantes se sentem representadas e apoiadas.

Considerações finais

A prática do futebol por mulheres na cidade do Recife parece ter ocorrido de forma lenta e gradual, tendo em vista a forte repressão à modalidade pelo órgão máximo de regulação esportiva no

268 • Em outubro de 2021, um ofício com efeito jurídico foi criado, reconhecendo a utilização da quadra todas as segundas-feiras, das 18h30 às 22h, por mulheres interessadas em jogar futebol. Este reconhecimento é importante para firmar a quadra como um espaço também para mulheres e ocupado pelo Aurora Futebol Clube Recife.

269 • “As mulheres que estão transformando o futebol em Recife”. *Revista Cláudia*, 29 Nov. 2017. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/as-mulheres-que-estao-transformando-o-futebol-em-recife>>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

país, o CND. Mesmo em caráter amador, em diferentes momentos, a proibição do futebol feminino foi acionada como mecanismo de manutenção de uma ordem social idealizada em todo o território nacional. Cabe salientar que de 1979 a 1983, muito se especulou sobre a criação de regras para o futebol feminino, tendo, por vezes, o CND repassado a condição para a liberação dos jogos à regulação e criação de campeonatos mundiais pela FIFA – uma vez que, como visto, autoridades ligadas ao órgão brasileiro também afirmavam não ser contra o futebol quando praticado por atletas.

Diante desse ludíbrio da CND pela liberação, destacam-se as lutas pela anistia ao futebol feminino travadas por brasileiras em diferentes frentes. No Recife, local explorado por este ensaio, sobretudo pelas jogadoras do Coisinha do Pai, que buscaram um diálogo direto com a Federação Pernambucana de Futebol (FPF), tiveram o apoio de jornalistas na divulgação das ações em prol a essa causa. O intuito do movimento consistia em construir um documento que mostrasse a viabilidade da prática desse esporte, na modalidade campo, por mulheres. Diante da organização e convites para a discussão e elaboração dessa proposta em formato de um congresso, o que se viu foi o desinteresse de clubes e da federação estadual que não compareceu e esvaziou o evento.

Com a regulamentação da modalidade, em abril de 1983, a FPF continuou não se pronunciando quanto à criação de campeonatos, tendo a Prefeitura do Recife organizado o primeiro campeonato estadual. As equipes continuavam amadoras e, assim como na maioria do país, não houve um plano de desenvolvimento do futebol feminino local. Situação que permaneceu por décadas.

Atualmente, a capital pernambucana possui um dos maiores campeonatos de futebol amador do país²⁷⁰ – o *Recife Bom de Bola*, que na edição de 2023 contou com 629 equipes inscritas. O torneio, organizado pela prefeitura, possui onze categorias “femininas” e “masculinas”, entre futebol e futsal - Sub-11, Sub-13, Sub-15, Sub-17, Aberto Masculino, Aberto Feminino, Veterano, Futsal Aberto Masculino e Futsal Aberto Feminino. Em um breve mapeamento, contamos cerca de 42 equipes de mulheres que se reúnem periodicamente²⁷¹ para a prática do futebol na cidade, entre campo, futsal, society e beach soccer – algumas são participantes do campeonato.

Apesar disso, a busca por visibilidade desses grupos ainda esbarra em situações que perpetuam ações que reincidem sobre continuidade de um “gênero da bola”²⁷², associado ao futebol como domínio exclusivo dos homens, como a dificuldade do Aurora F. C. em encontrar um local para o treino de futebol e o conflito gerado pelo direito de utilização dos espaços públicos urbanos.

270 • O jornal *Folha de Pernambuco* apresenta o Recife bom de bola como “o maior campeonato de várzea mundial”. Recife Bom de Bola 2023 coroa os novos campeões em finais empolgantes. *Folha de Pernambuco*, 27 Nov. 2023. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/esportes/recife-bom-de-bola-2023-coroa-os-novos-campeoes-em-finais-empolgantes/303710/>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

271 • Levantamento preliminar realizado a partir de perfis no *Instagram* em 2023.

272 • PISANI, Mariane. “*Sou feita de chuva, sol e barro*”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese. Universidade de São Paulo (PPGAS). São Paulo: 2018.

Bibliografia

- ALMEIDA, Caroline Soares. *Boas de Bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol durante a década de 1980 no Esporte Clube Radar*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- _____. “Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro”. *Lusotopie Journal*, v. 18, n. 1, 2019, p. 95-118.
- _____.; JAHNECKA, Luciano. “As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação”. *Novos Olhares Sociais*, vol. 3, n. 1, 2020. p. 178-198.
- _____.; ALMEIDA, Thaís Rodrigues. ““Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: histórias do futebol de mulheres no Brasil”. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 31, 2020, p. 168-191.
- ALMEIDA, Flávia F. “O mercado de trabalho dos espetáculos: atrizes das companhias portuguesas nos palcos do teatro musicado carioca”. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 09, abr. 2017, p. 222-246.
- BAPTISTA, Paulo Ribeiro. “Um diabo de calças em Lisboa: Satanela, a fotografia e o teatro modernos 1920-1930”. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, n. 37, p. 105-124, jun. 2017.
- BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2019.

- COSTA, Leda Maria. “O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. n.13, 2017, p. 493-507.
- ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera: a history of women and sports in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2019.
- GOELLNER, Silvana V. “Women and football in Brazil: discontinuities, resistance, and resilience”. *Movimento*, v. 27, 2021.
- GUEDES, Simoni Lahud. “Apresentação”. In: KESSLER, Cláudia; COSTA, Leda; PISANI, Mariane. *As mulheres no universo do futebol brasileiro*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2020.
- GUIMARÃES, Rodrigo G.; CARVALHO, Cristina. “O Movimento Manguebeat na mudança da realidade socio-política de Pernambuco”. *Políticas Culturais em Revista*, v. 9, n. 1, p. 110-133, jan./jun. 2016.
- HAAG, Fernanda Ribeiro. “O futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo: as mobilizações do futebol de mulheres durante a transição democrática brasileira (1977-1983)”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 9-37, 2023.
- PISANI, Mariane. “*Sou feita de chuva, sol e barro*”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese. Universidade de São Paulo (PPGAS). São Paulo, 2018.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. “Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957)”. *Tempo*. Niterói, v. 29, n. 2, p. 86-106, 2023.
- RAMOS, Lucas B. *Manguebeat: identidade e narrativa*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas). Universidade de São Paulo, 2019.

- RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline S. “Football, lesbianism and feminism in Brazil: subversive acts”. *Soccer and society*, v. 2023, p. 1-13, 2023.
- RIGO, Luiz *et al.* “Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29, 2008, p. 173-188.
- SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2015.
- SOUZA GOMES, Maria Cícilia. *A invisibilidade das mulheres no futebol da Rua da Aurora: uma etnografia de um espaço público da cidade de Recife-PE*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pernambuco, 2023. 49 p.
- WILLIAMS, Jean. “Women’s Football, Europe and Professionalization 1971-2011”. *Relatório final (UEFA Research Grant Programme)*. Disponível em: <https://uefaacademy.com/wp-content/uploads/sites/2/2019/05/20110622_Williams-Jean_Final-Report.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

CAPÍTULO 8

FUTEBOL AMADOR NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: AS PARTICULARIDADES DO PELADÃO EM CUIABÁ (MT)

Francisco Xavier Freire Rodrigues
Sizernandes Freire de Oliveira

O futebol, considerado o esporte mais popular do Brasil atualmente, chegou à Cuiabá nas primeiras décadas do século XX, sendo rapidamente inserido na formação cultural regional e no cotidiano das pessoas, o que contribuiu para nortear e integrar os espaços urbanos até então desconexos nessa capital. “A influência do futebol proporcionou a construção de estádios, o que por sua vez, influenciou no direcionamento habitacional da cidade”.²⁷³

273 • SIQUEIRA, Frankes Marcio Batista. Processo de ocupação de Cuiabá e sua relação com o futebol em Mato Grosso. [e-book]. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2021. 128 p. Disponível em: <<https://www.edufmt.com.br/product-page/o-processo-de-ocupa%C3%A7%C3%A3o-de-cuiab%C3%A1-e-sua-rela%C3%A7%C3%A3o-com-o-futebol-em-mato-grosso-1>>, p. 08.

Conforme mostra Siqueira,²⁷⁴ o esporte bretão era o principal atrativo cultural popular da cidade, com a proliferação de campos de futebol nos bairros, grandes terrões nos quais a prática do futebol era muito comum no final de tarde e nos finais de semana.

*Na década de 1980 como o número de automóveis ainda era relativamente pequeno, muitas “peladas” como são chamados os jogos informais entre os amigos, eram disputadas nas ruas com os chamados “golzinhos”, isto é, pequenas traves sem goleiros. Esses jogos informais tinham suas próprias regras e sempre atraíam um grande público. Esses espaços colaboravam para surgir vários jogadores. Podemos citar por exemplo o meio campista Vitor que jogou nos principais clubes de Cuiabá e chegou a jogar no Flamengo. Vitor surgiu para o futebol a partir dos campos de futebol no bairro Dom Aquino e mesmo após o encerramento da carreira ainda frequenta os campos de várzea da grande Cuiabá.*²⁷⁵

O Peladão de Cuiabá foi criado em 2005, com a participação do poder público, por meio da Prefeitura Municipal de Cuiabá. Inspirado pelo Peladão do Amazonas, realizado há mais de 40 anos e considerado o maior campeonato de futebol amador do Brasil, o então prefeito da época, Wilson Santos (2005-2010), delegou a responsabilidade de criar uma competição para a

274 • *Idem.*

275 • *Op. cit.*, p. 110.

capital de Mato Grosso ao Sr. Claudio Kiesqui,²⁷⁶ que naquela época (2005) já possuía mais de 30 anos de experiência com o futebol amador local.

Em uma entrevista concedida ao *Olhar Esportivo* de Cuiabá, portal eletrônico especializado em atividades esportivas profissionais e amadoras em Mato Grosso, o coidealizador do Peladão apresenta algumas especificidades que existiam nos campeonatos amadores em Cuiabá antes da criação do Peladão, fortalecendo a importância da competição, principalmente com relação ao deslocamento que se fazia para as disputas da partida entre os bairros.

*O futebol amador cresceu muito, quando podíamos andar em cima de caminhão, era aquela alegria, todo mundo de um bairro para o outro, de uma cidade para outra, aí veio a proibição de andar em cima de caminhão, a partir desse momento, nós... Cláudio Kiesque, criei a liga de departamentos. Aí surgiu em todos os bairros de Cuiabá, as ligas e os departamentos (Sr. Cláudio Kiesqui – fundador do peladão em Cuiabá).*²⁷⁷

A criação da competição de Cuiabá exigiu trocas de conhecimentos, visitas técnicas e transição de experiências com o homônimo amazonense, adequando as regras de acordo com a realidade da região. Por isso, o campeonato cuiabano apresenta algumas semelhanças com o Peladão do Amazonas, mas também

276 • Sr. Cláudio Kiesqui: radialista e desportista. Foi o criador das ligas e departamentos do esporte amador nos bairros de Cuiabá e Várzea Grande. Foi um dos idealizadores do campeonato peladão em Mato Grosso. Fonte: <<http://www.vgnews.com.br>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2018.

277 • Entrevista concedida ao site olhar esportivo <<http://olharesportivo.com.br/>>, em 19 de maio de 2016.

diferenças. Vejamos algumas delas. Em Cuiabá, o torneio é realizado em uma única categoria (adulto), apenas do sexo masculino, conforme previsto no artigo 3º de seu regulamento, com cerca de 400 equipes; enquanto que no Amazonas são seis categorias de disputa distintas, com mais de 600 equipes inscritas anualmente. No campeonato realizado em Mato Grosso é permitida a participação de jogadores profissionais e ex-profissionais, o que, de acordo com os dirigentes das equipes amadoras, é uma das formas de atrair os torcedores, bem como fortalecer a sua equipe e buscar o título na competição; diferente do campeonato do Amazonas, em que não são autorizados atletas profissionais participarem, apenas ex-profissionais. A arbitragem do campeonato do Peladão do Amazonas fica sob a responsabilidade das equipes que disputam a competição; em Mato Grosso, a obrigação da arbitragem é encargo da organização do certame. O tempo de duração do campeonato realizado no Amazonas, bem como em Mato Grosso, soma em torno de seis a sete meses ao longo do ano, o que varia de acordo com o número de equipes inscritas. A forma de patrocínio no Amazonas e em Mato Grosso é parecida: muitas equipes contam com ajuda de amigos, familiares, pequenos comerciantes, com a comunidade de uma forma geral, para manter a sua equipe na competição.

Tal como no homônimo amazonense, o campeonato realizado em Cuiabá tem como um de seus atrativos a presença de candidatas à Rainha e à Princesa do Peladão. Trata-se de uma competição à parte, não obrigatória, em que as candidatas representam mais que os seus clubes, elas representam a comunidade. As aspirantes à Rainha e à Princesa têm, entre outras responsabilidades, promover o seu clube e a sua comunidade/bairro/região/cidade, participar de eventos, acompanhar os jogos das suas equipes, proporcionar a visibilidade da comunidade que representam. Além disso, as candidatas ao posto de Rainha e de Princesa avistam na competição uma maneira de

tornarem-se conhecidas no meio esportivo amador e na sociedade como um todo, conquistar o prêmio de R\$ 10.000,00, destinado à Rainha, de acordo com a organização da competição, e alcançar novas oportunidades de trabalho. As disputas são acirradas com as candidatas provenientes de diversas localidades e comunidades. A apresentação das candidatas pretendentes ao título é um dos momentos mais aguardados da abertura oficial da competição, pois é a oportunidade que a torcida tem de conhecer todas as concorrentes e eleger a sua preferida. A vencedora do concurso tem uma função importante. Caso a equipe se desclassifique na competição, a Rainha do concurso tem o poder de resgatá-la ao torneio. Uma rainha bem classificada pode significar a chance de disputar as finais do campeonato, conforme já observara Chiquetto²⁷⁸ em relação ao Peladão amazonense. Caso a equipe da representante já esteja classificada para a fase decisiva da competição, a candidata sequente trará a sua equipe de volta ao campeonato. Esse resgate acontece nas oitavas de final, quando as equipes caminham para a etapa crucial da competição.²⁷⁹ A eleição de Rainhas e Princesas, embora não seja uma especificidade do campeonato mato-grossense, aponta para outras particularidades do Peladão em relação a outros campeonatos amadores e profissionais. Nesses casos, a beleza torna-se um capital relevante no esporte, sendo algo a ser disputado e acumulado.

278 • CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

279 • Essa previsão encontra-se no regulamento da competição em seu artigo 64. Essa vantagem foi utilizada por equipes nas edições de 2017 e 2018.

Regras, circulação de pessoas e de mercadorias

Em relação à inscrição dos jogadores no certame, é importante destacar que nas primeiras rodadas do torneio cuiabano, por exemplo, a inserção dos atletas é aberta, não necessitando de uma inscrição prévia, ou seja, o atleta que estiver disponível no horário da partida pode participar do jogo, sem nenhuma preocupação de penalização da equipe. De acordo com o artigo 13 do regulamento, as equipes estão liberadas da apresentação da relação de atletas inscritos até a formatação das 32 equipes classificadas no geral, bastando a apresentação de documento de identificação dos atletas, com foto, para a participação. Essa situação, aparentemente, causaria alguns transtornos para a organização do evento, que poderia ser qualificada como omissa, mas isso nunca ocorreu, pois as equipes se organizam de tal maneira que seus atletas são definidos antes das partidas, justamente para evitar situações desfavoráveis, no caso, a falta de atletas para a disputa das partidas, com a consequente eliminação da competição. Durante o Peladão de 2017, objeto da pesquisa de Oliveira,²⁸⁰ por exemplo, não houve situação de falta de jogadores que ocasionasse a penalização da equipe. Só existe a obrigatoriedade das inscrições na fase das oitavas de final, onde acontece a participação de 32 equipes restantes. Atletas de equipes desclassificadas podem participar do certame em outras equipes nas fases seguintes. Muitos jogadores são abordados por outras equipes para defender suas cores na competição. Essa abordagem geralmente é vitoriosa, porque envolve

280 • OLIVEIRA, Sizernandes Freire de. *Aspectos sociais e culturais sobre o futebol amador em Cuiabá: um estudo sobre o campeonato de futebol Peladão*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). PPGECO-Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2018.

valores financeiros, e os atletas amadores, mesmo pertencendo a uma comunidade, acabam aceitando, defendendo outra equipe. São criticados por essa decisão, mas alegam justificando que esses recursos são um complemento de renda. Essas decisões não são bem aceitas pela comunidade. Geralmente o atleta é taxado de traidor e mercenário.

Como os recursos financeiros são escassos para a realização do campeonato e muitas equipes não dispõem de condições econômicas/financeiras para cobrir seus custos, as partidas são disputadas por regiões, funcionando da seguinte forma: as equipes inscritas nas regiões norte, sul, leste e oeste disputam os jogos entre elas para que, dessa forma, possam economizar em seus deslocamentos, como afirma o organizador do torneio, Claudezio Kieski:

*As equipes que compõem as regiões de Cuiabá disputam as partidas entre eles, de forma que, quando todos jogarem entre si, restarão algumas equipes para a fase das oitavas de final do peladão. Foi a forma encontrada para que pudéssemos economizar no deslocamento das equipes. “São mais de 300 equipes inscritas, é muita gente”.*²⁸¹

As regras que conduzem uma partida de futebol amador se assemelham às do futebol profissional, porém com algumas singularidades. O tempo das partidas é reduzido, normalmente somando dois tempos de 40 minutos cada, com intervalo de 15 minutos para descanso. Há apenas um árbitro para intermediar a disputa entre as equipes no campeonato. Isso se explica por alguns fatores; um deles seria a redução de despesas com a arbitragem, pois seria inviável economicamente igualar a

281 • Pesquisa de campo, 2018.

quantidade de árbitros existente em um jogo profissional (no caso, três árbitros), visto que a soma de jogos aos fins de semana não permitiria a contratação dos profissionais, já que são em torno de 160 partidas. Outro fator para a presença de apenas um árbitro seria a dimensão dos locais das disputas, que não possuem as dimensões oficiais de um campo profissional, de 90 a 120 metros de comprimento e 45 a 90 metros de largura. Isso, para a organização do campeonato, não justificaria a contratação de outros juizes. O quadro de árbitros é completo apenas na fase final da competição amadora, com a presença do juiz principal e seus dois auxiliares. Isso é necessário, pois a final do campeonato é realizada na Arena Pantanal, que possui as dimensões oficiais de um campo profissional, além, é claro, do fato de ser o encerramento da competição.

Uma regra do campeonato, considerada “atraente” pelos espectadores, é a ausência do impedimento: além de dinamizar a partida, provoca fortes emoções aos presentes porque raramente uma disputa termina em empate sem gols. Essa norma faz com que as equipes se tornem ofensivas, buscando o gol, mas não esquecendo da sua defesa, pois o oponente possui a mesma estratégia de procurar o gol. A inexistência de impedimento no Peladão faz com que os times se organizem em campo de outra forma, desenvolvendo estratégias para chegar ao arco adversário, bem como se proteger de contra-ataque do time rival. Caso as disputas persistam em terminar com resultado de zero a zero, a decisão do vencedor da partida e a competição nas fases serão submetidas aos pênaltis, ressaltando-se que a quantidade das cobranças das penalidades na competição totaliza três pênaltis.

Um aspecto importante do torneio disputado em Cuiabá diz respeito ao perfil dos atletas participantes da competição. São jogadores que, em sua maioria, trabalham com carga horária semanal que varia de 40 a 44 horas e que aproveitam o campeonato amador para a realização de alguma atividade física, no

caso, jogar futebol em fim de semana. Há também a participação de jogadores que tiveram passagem pelas categorias de base de algum clube profissional e retornaram ao futebol amador, utilizando, no momento, a atividade esportiva amadora como um complemento de renda. O torneio reúne, ainda, ex-profissionais que não conseguiram dar continuidade às suas carreiras por diferentes motivos: oportunidades, lesões, falta de adaptação. Por terem atuado no profissional de clubes em Mato Grosso e fora do estado também acabam por despertar a curiosidade dos torcedores no sentido de ver a sua atuação no clube amador. É o caso do meio de campo Robinho,²⁸² que atuou por diversas equipes em Mato Grosso e em outros Estados e que, em 2017, atuou pela equipe amadora situada na região oeste de Cuiabá, o Unidos do Santa Amália. Outro caso é o do zagueiro Kall,²⁸³ que também atuou em diversas equipes em Mato Grosso e fora do estado e que no mesmo ano defendeu a equipe amadora situada na região leste da capital, a Liga da Justiça. A participação de ex-jogadores do futebol profissional de Cuiabá mostra, portanto, que o futebol amador é um importante destino para atletas em final de carreira, o que é revelador do imbricamento sociocultural entre essas esferas/dimensões do esporte.

Contudo, o campeonato conta com uma valiosa participação que vai muito além dos jogadores, técnicos e dirigentes. São diversos atores sociais envolvidos responsáveis por uma logística, que envolve alimentação, transporte, vestuário e vestiário,

282 • Robson Barbosa dos Santos atuou profissionalmente entre os anos de 2002 a 2016 em equipes de Mato Grosso (Dom Bosco, Sinop, Luverdense, Operário) e no Estado do Rio de Janeiro atuou pelo Volta Redonda.

283 • Fabricio Pedreira de Jesus Costa atuou profissionalmente entre os anos de 2005 a 2016 em equipes de Mato Grosso (Operário, Mixto, União de Rondonópolis) e no Estado de Goiás atuou pelo Grêmio Anápolis. Fonte: <<https://www.ogol.com.br/>>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

bem como demarcação do campo. Na maioria das vezes, são pessoas que moram ou estão diretamente relacionadas aos moradores da comunidade à qual a equipe pertence. O esporte atua como elemento de circulação de pessoas, símbolos e mercadorias pela cidade. Embora o futebol amador em Cuiabá não esteja presente exclusivamente nos bairros e comunidades, estabelece com essas localidades uma relação muito forte e que, de certa forma, ajuda a construir a identidade desses locais e regionais.

O time amador de futebol possui fortes ligações com a comunidade na qual está inserido, funcionando principalmente como um importante meio/veículo/mecanismo de sociabilidade dentro do bairro, com uma grande interação entre os moradores da região. O clube torna-se um ponto de encontro, de forma que a vivência vai além do esporte. As relações entre moradores, jogadores, torcedores e diretoria se tornaram cada vez mais próximas e intensas e sempre estão misturadas, propiciando assim uma relação de proximidade e identificação dentro da comunidade. Tais encontros, contudo, aproximam também pessoas de comunidades vizinhas que não participam da competição, que comparecem aos eventos festivos com a finalidade de, além da diversão, gerar arrecadação de recursos para a manutenção do clube que representa a comunidade. É possível dizer que tais ações permitem aos clubes se desenvolverem em alguns momentos muito mais como espaço de sociabilidade do que como uma equipe de futebol amador.

Por outro lado, muitas vezes as rivalidades futebolísticas ultrapassam o campo do futebol. Não são raros casos de equipes que pertencem a uma determinada comunidade e, ao se deslocarem para outras, para a disputa de suas partidas, fazem questão de apresentar toda a força que representam no futebol amador, seja pela conquista de títulos, seja pela quantidade de ex-profissionais que integram a sua equipe, seja pelo número de torcedores. Quanto mais prestígio apresentar e conhecida

for a equipe amadora, mais respeito entre os participantes conquistará, acumulando capital simbólico. Benitez²⁸⁴ pontua que o futebol de várzea ou amador, como é popularmente conhecido em Cuiabá, atua como uma forma de mediação social e cultural de conflitos e diferenças socioeconômicas.²⁸⁵

É por meio do futebol, um domínio privilegiado de mediação, que muitas pessoas e coisas circulam pela cidade em busca de jogos que possam participar (como praticante ou espectador), sempre procurando novos oponentes ou parceiros, continuamente em busca de emoções e de se colocar em jogo.²⁸⁶ Ao mesmo tempo em que reforça pertencimentos e rivalidades, o Peladão promove uma maior circulação de pessoas e interação social. O certame é uma ampliação do futebol amador na cidade de Cuiabá, pois abrange a região metropolitana e outros municípios de Mato Grosso, como Santo Antônio do Leverger, Acorizal, Rosário Oeste, Poconé, Barão de Melgaço, Chapada dos Guimarães, Nossa Senhora do Livramento, Nobres, Barra do Bugres e Jangada, que são representados por suas equipes

284 • BENITEZ, Allan Kardec Pinto Acosta. *O futebol de Várzea como mediador cultural na Comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). PPGECO-Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2014.

285 • Como exemplo, podemos citar as disputas entre a equipe amadora denominada “Liga da Justiça FC”, pertencente à região leste de Cuiabá, bem como a “SNFC”, da região sul da capital. SNFC é a sigla da equipe denominada Sebastião e Nilza Futebol Clube, nome dado em homenagem aos fundadores do time.

286 • CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 22.

na competição, proporcionando uma movimentação esportiva amadora na baixada cuiabana.

O futebol amador que movimenta a baixada cuiabana está mais importante que o futebol profissional. Eu sinto mais prazer em assistir uma partida do futebol amador do que uma partida do profissional. É muito mais emocionante. O futebol amador vai conquistando seu espaço. Olha aí nas arquibancadas, tem muito mais gente que nas partidas do futebol profissional. Para melhorar só falta mais união e apoio. R.F.S, 46 anos, ex-atleta e dirigente amador, atualmente educador físico e torcedor amador.²⁸⁷

Muitos moradores, principalmente dos bairros periféricos, se engajam nos jogos na condição de torcedor ou simpatizante da prática esportiva. A flutuação do torcedor, apesar de estar inserido no contexto do campeonato, possui diferenças com relação ao clube que torce. Muito dessa mobilidade diz respeito ao “status” que o time conquistou ao longo dos quase 10 anos de existência do Peladão. Quanto mais títulos conquistados, mais a “fama” do time vencedor se prolifera e se consolida e, conseqüentemente, aumenta a quantidade de torcedores.

Nesse sentido, além da sua imensa contribuição para a expansão dos jogos amadores em Cuiabá, sobretudo na baixada cuiabana, o torneio promove a participação de equipes de outras localidades próximas, constituindo uma forma de democratização e ampliação da modalidade. Entre 2005 e 2017, calcula-se que todas as edições da competição contaram com a participação de 20.000 atletas e envolvimento de aproximadamente 250 bairros.

287 • Pesquisa de campo, 2018.

O futebol amador revela lógicas e dinâmicas da configuração e da ocupação dos espaços urbanos na capital de Mato Grosso.

Quadro 1: Equipes participantes do campeonato peladão – 2005-2017

EDIÇÃO	ANO	QUANTIDADES DE EQUIPES PARTICIPANTES
1ª	2005	224 equipes
2ª	2006	324 equipes
3ª	2007	402 equipes
4ª	2008	502 equipes
5ª	2009	529 equipes
6ª	2010	461 equipes
7ª	2011	428 equipes
-	2012	Não houve o peladão
-	2013	Não houve o peladão
-	2014	Não houve o peladão
-	2015	Não houve o peladão
8ª	2016	200 equipes
9ª	2017	324 equipes

Fonte: Amadorismo no Ar

Além do grande fluxo de pessoas aos finais de semana, deslocando-se dentro do município para acompanhar sua equipe no Peladão, a competição apresenta algumas características importantes que são encontradas apenas na realização do evento, como a presença do comércio dos mais variados produtos: água, refrigerantes, salgados, cervejas, espetinhos. Trata-se de um fomento da economia informal para aqueles que estão sem renda, proporcionando um ganho extra, da mesma forma para

quem se encontra empregado. Além disso, encontramos com frequência nos carros estacionados ao redor dos miniestádios o volume do som no máximo, executando principalmente o ritmo preferido nas partidas de futebol amador na região metropolitana: o lambadão cuiabano. O lambadão é um símbolo da identidade cuiabana e importante manifestação da cultura popular local.

Parcerias, projeções e desafios

A partir de 2016, o torneio passou a ser realizado pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/MT. A administração da edição do campeonato de 2017 ficou sob a responsabilidade de uma Comissão nomeada por algumas instituições: Federação Mato-grossense de Futebol 7 Society (FMF7), que representa o futebol amador em Mato Grosso, Secretaria de Estado de Educação, SEDUC/MT, Secretaria Adjunta de Esporte e Lazer do Estado (SAEL) e a plataforma esportiva especializada em futebol amador, o site Amadorismo no AR, que tiveram o objetivo de conduzir as ações esportivas que caracterizam o evento no aspecto social, político, econômico e cultural da competição. Vale ressaltar a importância do poder público, principalmente do poder executivo, via secretarias de esportes, na elaboração do seu regulamento, bem como no aporte financeiro, visando principalmente à premiação da competição esportiva. É importante destacar que o “interesse pelo futebol regional sempre esteve ligado com os interesses

políticos, prova disso que os clubes tradicionais foram dirigidos por vários atores políticos e agentes públicos de Mato Grosso”.²⁸⁸

A edição de 2017, realizada entre abril e outubro, contou com a participação de 324 equipes, assim distribuídas: 160 equipes para Cuiabá, 64 equipes para Várzea Grande e 100 equipes para o vale do rio Cuiabá (baixada cuiabana). Foram 6.000 atletas inscritos, distribuídos entre Cuiabá, Várzea Grande e alguns municípios da baixada cuiabana. A abertura oficial ocorreu em abril de 2017, no ginásio Aecim Tocantins, da qual participaram alguns representantes de equipes amadoras, de torcedores, de candidatas a rainha e a princesa do Peladão, do organizador do evento, patrocinadores e de representantes do poder executivo e legislativo.

A final da competição, realizada em 07 de outubro de 2017, reuniu aproximadamente 10.000 torcedores na Arena Pantanal, palco esportivo construído especialmente para a Copa do Mundo de 2014, e que vem sendo utilizado para jogos do futebol profissional de Mato Grosso, alguns em nível nacional, e outros eventos esportivos, como o futebol americano. A final do Peladão é uma grande reunião entre todos os clubes e as comunidades que eles representam. Amplamente divulgada pelas redes sociais, pequenas rádios esportivas amadoras e pela comunidade esportiva amadora, não há cobrança de ingresso para assistir ao evento, sendo a entrada garantida pela doação de um quilo de alimento não perecível. A arrecadação total dos

288 • SIQUEIRA, Frankes Marcio Batista. Processo de ocupação de Cuiabá e sua relação com o futebol em Mato Grosso. [e-book]. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2021. 128 p. Disponível em: <<https://www.edufmt.com.br/product-page/o-processo-de-ocupa%C3%A7%C3%A3o-de-cuiab%C3%A1-e-sua-rela%C3%A7%C3%A3o-com-o-futebol-em-mato-grosso-1>>, p. 107.

alimentos é revertida para instituições de caridade, o que configura mais uma dimensão social do evento.

As equipes classificadas em 1º, 2º e 3º lugares receberam como premiações: equipe campeã, uma caminhonete no valor de R\$ 90.000; equipe classificada em 2º colocado, um carro no valor de R\$ 35.000; e ao terceiro colocado, uma moto no valor de 12.000. Boa parte da premiação é oriunda de recursos públicos, por meio do FUNDED/MT, inclusive para oferecer suporte financeiro às equipes amadoras. Sem a presença desse ator social importante, que é o poder público, fica cada vez mais difícil a realização do campeonato. Pelo seu alcance, por sua dimensão e grandiosidade, sempre precisará de apoio público para se manter em atividade.

Portanto, o grande desafio do campeonato é estabelecer parcerias para encaminhar e fortalecer a prática da atividade amadora na capital e na região metropolitana. A intenção do organizador do evento é futuramente ampliá-lo para todo o Estado de Mato Grosso e contar com a participação dos 141 municípios. A proposta ainda encontra obstáculos, principalmente o referente à questão financeira. Com isso, entendemos que há uma evidente carência de políticas públicas voltadas para o esporte amador em Cuiabá.

Para alcançar este objetivo, um fator de extrema relevância na estrutura do campeonato tem sido a participação da imprensa esportiva, responsável pela divulgação e contribuição na organização, realizando transmissões ao vivo das partidas, com narrações e entrevistas, etc. A colaboração da imprensa esportiva sempre foi fundamental para a sobrevivência do futebol amador em Cuiabá. Veículos de comunicação como o www.amadorismonoar.com.br/, plataforma esportiva especializada no futebol amador, e o www.olhonoesportemt.com.br/, segmento esportivo especializado em futebol profissional e semiprofissional (amador), estão presentes nos jogos amadores,

contribuindo para fortalecer a imagem do Peladão ao garantir prestígio e visibilidade midiática ao torneio. “Antigamente, em 1974, quando foi criado na rádio o Amadorismo no Ar, o esporte na capital do estado de Mato Grosso e na baixada cuiabana tomou uma dimensão louca”, relatou Cláudio Kiesqui, idealizador do campeonato em Cuiabá.

Contudo, a despeito da participação da imprensa esportiva, o torneio não tem conseguido atrair patrocinadores na quantidade que considera suficiente para oferecer suporte estrutural/financeiro às equipes participantes. Atualmente, os principais parceiros da iniciativa privada são: Tubarão Sports (empresa especializada em uniformes esportivos), Águas Lebrinha (empresa de água mineral), Sicoob (Sistema de Cooperativa de Crédito do Brasil), Unimed Cuiabá (Portal Nacional de Saúde), Gráfica Print (empresa especializada em materiais gráficos, outdoor e comunicação). Sem esses patrocínios, provavelmente, o sucesso de todas as edições do evento não teria sido o mesmo. Muitos desses investimentos privados estão em busca de retorno comercial, o que é perfeitamente compreensível, dentro de uma economia capitalista. Os investidores, por meio dos patrocínios em camisas, calções e faixas publicitárias instaladas ao redor dos miniestádios, têm a finalidade de fixar a marca que dá origem ao seu produto. Uma busca por retorno financeiro que, para alguns, é complementada pelo prestígio conferido ao vencedor e, por conseguinte, ao seu patrocinador:

As premiações do Peladão ao vencedor, muitas vezes, o dirigente, o patrocinador, nem quer nada. Ele dá a premiação aos jogadores. Ele quer só o status de campeão, futebol amador ainda é amor em Cuiabá. (S.S.B., 48 anos, ex-atleta amador, dirigente e técnico

*amador. Comandou o Madureira do Santa Isabel no peladão 2017).*²⁸⁹

Os patrocínios revelam a proximidade e semelhança com o futebol profissional, além de mostrar a relevância esportiva, social, cultural e econômica do futebol amador em Cuiabá.

Considerações finais

O Peladão de Cuiabá é mais que um campeonato, é um fenômeno social que conta com a participação de jogadores, técnicos, dirigentes, arbitragem, imprensa, patrocinadores e torcedores. São mais de seis meses de competição que exigem comprometimento, responsabilidade e identificação. O torneio conta com uma grande diversidade de jogadores, tendo aqueles que buscam praticar sua atividade física da semana (eles são exceções), os que ainda desejam ingressar no futebol profissional e utilizam o campeonato como “trampolim”, os que estão somente interessados no dinheiro pago por algumas agremiações (muito frequentes), aqueles que querem algum status na sua comunidade, os que estão lá na competição por lazer e diversão. É um conagraçamento entre famílias, amigos, colegas de trabalho e comunidades que se encontram em função dos jogos durante o torneio de futebol.

289 • Pesquisa de campo, 2018.

Para além do que acontece dentro dos campos, bem como em paralelo a outras contribuições,²⁹⁰ o Peladão tem desempenhado o importante papel de resgatar os clubes amadores que estavam, há tempos, sem participar de nenhuma competição esportiva, dentro e fora de seus bairros, por diferentes motivos: falta de patrocínio, alto custo dos equipamentos, premiação desinteressante, calendário mal organizado. De acordo com o organizador do campeonato em Cuiabá, Sr. Cláudio Kiesqui: “O Peladão trouxe muitos times novos que estavam parados; eles voltam para o Peladão e terminam ficando nas ligas e departamentos”.²⁹¹

Para se manter vivo, o futebol demanda uma continuidade, um esforço permanente dos seus atores no sentido de mobilização de recursos. A sua sobrevivência só acontece se existirem pessoas dispostas a prosseguir com o desafio de manter acesa a tradição da modalidade esportiva em uma comunidade,

290 • O Peladão atrai outras responsabilidades, além da esportiva amadora, tendo também uma preocupação social, principalmente na época da inscrição das equipes e no final da competição, quando são arrecadados alimentos não perecíveis destinados a instituições de caridade. No ato da inscrição, as equipes entregam à coordenação do evento 15 kg de alimentos não perecíveis, totalizando 3,5 toneladas. Na final da competição o ingresso de entrada foi um quilo de alimento não perecível, proporcionando, com a quantidade de alimentos arrecadados, “montar” 100 sacolões de alimentos de primeira necessidade. De acordo com o Sr. Claudézio Kieski (organizador e filho do responsável pela vinda do peladão para Cuiabá), “o alimento arrecadado foi destinado às instituições de caridade, o lar da criança, o lar dos idosos e outras instituições. O Peladão também existe para ajudar a população carente” (Sr. Claudézio Kieski, organizador do peladão 2017). Pesquisa de Campo, 2018.

291 • Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OoV5y00XTvk>>. Acessado em 13 de dezembro de 2017.

perpetuando o “gosto” pela prática e consumo do esporte. Esse prosseguimento do futebol amador acontece por algumas vias. Habitualmente, o processo obedece a uma tradição familiar, ou seja, a transição de comando passa de pai para filho. As relações de parentesco são mecanismos de aprendizagem e reprodução dos hábitos esportivos. Em outros casos, o seguimento obedece ao interesse de moradores da comunidade, que, para manter ali o costume do futebol amador, aceitam o desafio de administrar o time amador que representa o seu bairro. “Esses times disputam um campeonato aqui e outro ali, mas para o Peladão vem todo mundo. A prova disso é quando abrem as inscrições para o Peladão, isso aqui vira uma loucura”, afirmou o Sr. Cláudio Kiesqui.²⁹²

“Loucura” que movimentava pessoas e bairros: promovem encontros sociais e de lazer para toda a família, bem como para os jogadores, e gera renda e emprego no pequeno comércio das comunidades. Assim, o torneio amplia e fortalece as ações do futebol amador em suas respectivas regiões, criando um sentimento de identidade, afinidades e pertencimento social. Se o futebol, como aponta DaMatta,²⁹³ mobiliza e apaixona as massas, promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva, o futebol amador, com suas particularidades, atua como um agente organizador das relações sociais. Por isso que, tal como observou Chiquetto²⁹⁴ no campeonato ama-

292 • Pesquisa de campo, 2018.

293 • DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol”. *Revista USP*. São Paulo, n.22, p. 10-17, 1994.

294 • CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

zonense de mesmo nome, o Peladão é um universo privilegiado para, a partir de novos estudos sobre a prática do futebol amador, entender as lógicas sociais presentes nas sociedades cuiabana e mato-grossense.

Bibliografia

- BENITEZ, Allan Kardec Pinto Acosta. *O futebol de Várzea como mediador cultural na Comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). PPGECOO-Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2014.
- BEVERARI, Rafael Fermino. *Futebol de várzea: berço de insubordinações*. 2009. 85 p. Relatório Final de Projeto de Iniciação Científica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Faculdade de Ciências Sociais.
- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole Manauara*. 2014. 209f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol”. *Revista USP*. São Paulo, n.22, p. 10-17, 1994.
- ESPORTE E LAZER. Disponível em: <https://politicaspUBLICAS.almg.gov.br/temas/esporte_lazer/entenda/informacoes_gerais.html?tagNivel1=253&tagAtual=253>. Acessado em 08/01/18.
- FUTEBOL AMADOR. “Governo banca R\$ 200 mil do “peladão””. Disponível em: <<http://omelhordanoticia.com>>.

[br/futebol-amador-governo-banca-r-200-mil-do-peladiao/](http://www.futebol-amador-governo-banca-r-200-mil-do-peladiao/). Acessado em: 27 de outubro de 2017

FUTEBOL AMADOR. “Peladão da Baixada contará com participação de 324 equipes”. Disponível em: <<http://www.mt.gov.br/-/6273045-peladiao-da-baixada-contara-com-participacao-de-324-equipes>>. Acessado em: 02 de janeiro de 2018..

POR QUE UM JOGO DE FUTEBOL É UMA PELADA?.

Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/vocesabia/interna/0,,OI3585441-EI8403,00.html>>.

Acesso em: 02 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, Sizernandes Freire de. *Aspectos sociais e culturais sobre o futebol amador em Cuiabá: um estudo sobre o campeonato de futebol Peladão*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). PPGECO- Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2018.

SIQUEIRA, Frankes Marcio Batista. *Processo de ocupação de Cuiabá e sua relação com o futebol em Mato Grosso*. [e-book]. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2021. 128 p. Disponível em: <<https://www.edufmt.com.br/product-page/o-processo-de-ocupa%C3%A7%C3%A3o-de-cuiab%C3%A1-e-sua-rela%C3%A7%C3%A3o-com-o-futebol-em-mato-grosso-1>>.

CAPÍTULO 9

DO QUINTAL DA CASA VERDE AO RETÃO DO JARAGUÁ: OS CAMPOS DE FUTEBOL POPULAR NA REPRODUÇÃO DO ESPAÇO EM SÃO PAULO (SP)

Alberto Luiz dos Santos

Introdução

Primeiro, se dava o encontro: a molecada de várias vilas diferentes, reunindo-se nas manhãs de sábado e domingo. Depois, a caminhada, passando por ruas e vielas, sempre em declive, em direção à beira da mata. Nesse percurso, o grupo crescia e se adensava, entre amigos “da antiga” e agregados recém-conhecidos. Por fim, era a hora da escolha: identificar onde o brejo estava menos enlameado, dada a variabilidade das chuvas e dos cursos hídricos, para então superá-los e alcançar os campos de futebol. Se algum deles estivesse livre, sem os “jogos de festival”, sucesso! Terreno aberto para a pelada, os “onze contra onze”, ou menos, decididos ali na hora. Agora, se todos os campos estivessem ocupados pelos “pegas” varzeanos – aqueles jogos

com uniforme, torcida, treinadores, arbitragem e tudo mais –, sem problemas também. O grupo retornava ao brejo e ajeitava outro modo do jogar, naqueles campos mais prejudicados pelas cheias, com traves de madeira, feitas por eles próprios, e com as linhas de fundo e laterais de difícil identificação. Mas... “tava valendo”, a bola rolava.

As sentenças acima versam, em síntese, as memórias compartilhadas por um paulistano, entusiasta e praticante do futebol popular. Em diálogo com o autor do presente texto, Valmir rememorou sua juventude e expressou diversos elementos do que ficou conhecido como futebol de várzea, em seus primórdios, na cidade de São Paulo: as matas, brejos e córregos, as travessias e encontros, os campos lado a lado, os jogos mais organizados e competitivos, aqueles mais improvisados e lúdicos. Nuances de diferentes futebóis, articulando práticas de matriz comunitária e bricolada.²⁹⁵ Em suma, o intenso processo de apropriação do espaço pela prática futebolística, que consagrou os meandros dos rios Tietê, Pinheiros, Tamanduateí, entre outros, como lugares seminais do jogo na cidade.

Acontece que o fragmento apresentado não concerne aos primórdios e, sim, à década de 2000. Ele expressa a continuidade de um processo criativo, o futebol como obra coletiva,²⁹⁶ que faz pulular campos de futebol em São Paulo (SP) há,

295 • DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

296 • Este entendimento se baseia em Lefebvre (2001), ao tratar da cidade precedente à industrialização, em que a obra coletiva se voltava, mormente, ao uso e não à troca. Nessa chave, Seabra (1996), fala da possibilidade da obra e da insurgência do uso, mesmo no cotidiano urbano moderno, como contrapartida à propriedade do espaço.

praticamente, um século. Valmir tem 32 anos e é morador do Jaraguá, na Zona Noroeste da capital.²⁹⁷ A caminhada descrita pelo sujeito periférico²⁹⁸ começava na sua quebrada, o Jardim Rincão, e tinha como destino os campos à margem do córrego Pinheirinho, nas imediações do Retão.²⁹⁹ Ali estavam situados cerca de dez campos de medidas e estrutura mais bem definidas, além dos menos estruturados, à beira do brejo. Campos autoconstruídos nos anos 1990 e existentes até meados da década de 2000, quando foram sucumbindo aos loteamentos e condomínios, hoje vigentes, e inclusive à instalação do Parque Pinheirinho d'Água, pela Prefeitura Municipal.

Com intervalo temporal de cerca de meio século e distância de aproximadamente 26 quilômetros, não seria forçoso relacionar as andanças de Valmir às de Seu Nelson, morador do Parque Peruche, na Zona Norte, ao compartilhar com Favero³⁰⁰ a travessia do “quintal da Casa Verde”, na década de 1950. Nelsão

297 • Entrevista realizada com Valmir Sanches Junior em 28/02/2021, no âmbito da pesquisa de Doutorado.

298 • Relacionado ao envolvimento cultural e político de Valmir no bairro, no sentido proposto por D'Andrea. Ver: D'ANDREA, Tiaraju Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

299 • Nome popular para o lugar que reunia atividades lúdicas e de lazer na região, nas décadas de 1990 e 2000.

300 • FAVERO, Raphael Piva Favalli. *“A várzea é imortal”: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Saliento a contribuição do autor na elaboração deste texto, tanto pelo legado deixado por sua Dissertação, quanto pelas ideias e possibilidades de análise, compartilhadas em conversas prévias à redação.

era parte do bando que descia os morros desses bairros com a sacola de uniformes nas costas, perpassando terrenos inundados pelos corpos hídricos. Nesse trajeto cheio de possibilidades, como nadar e adentrar as matas remanescentes, alcançava os campos à beira do rio Tietê para jogar futebol. A menção aos uniformes, bem como a trajetória do varzeano junto aos times da região, sinaliza que tais disputas estavam imersas na “febre do futebol de várzea”, que Seabra³⁰¹ contextualiza ao primeiro quartel e meados do século passado. Contudo, as peladas mais descontraídas certamente também ocorriam naquele verdadeiro complexo esportivo com cerca de 20 campos onde, atualmente, localiza-se o Anhembi (sambódromo e complexo de eventos).

O modo como as memórias e vivências do Jaraguá e da Casa Verde se enredam será o mote deste texto. São intervalos espaço-temporais expressivos – representados pela Figura 1, em anexo –, sinalizando uma prática que permanece em meio às tão profundas transformações que a cidade passou. Trata-se da periferia no início do século XXI e de um bairro popular em formação no início século XX. Do futebol popular na quebrada³⁰² contemporânea e do futebol de bairro nas “várzeas iniciais”.

301 • SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre Docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

302 • A noção de quebrada faz referência à identidade de pessoas e grupos com o bairro de origem, conforme mencionado na página anterior, em relação ao Jardim Rincão. Importante demarcar que a noção também alude ao território periférico em sentido amplo, ou seja, aos afetos que mobilizam nas pessoas cujo cotidiano perpassa as periferias da metrópole. Nesse parágrafo, a noção envolve essas duas dimensões de pertencimento.

Que elementos permitem compreender essa trama em relação às sociabilidades varzeanas da metrópole, em sentido amplo?

O debate que segue intenciona contribuir à interpretação do processo, tendo como referência seus lugares de realização. Um conjunto de balizas temporais e dinâmicas socioespaciais, como a explosão da cidade, sua estruturação como metrópole e a reprodução do espaço, serão elencadas, então, para elucidar a ascensão, rarefação e espraiamento de campos de futebol em São Paulo (SP). Noutros termos, o texto irá focar nos lugares do futebol popular, ponto de chegada das andanças de Valmir e Nelsão; não como mero substrato físico da festa varzeana, mas de modo processual, como disputa incessante e como suporte de práticas culturais em sua dimensão material e simbólica.³⁰³ Isso será conduzido pela premissa de que o futebol popular emergiu e se fortaleceu a partir da obra coletiva, uma autoconstrução de varzeanas e varzeanos, por vezes abnegadas/os,³⁰⁴ articulada à autoconstrução dos bairros populares e, posteriormente, periféricos de São Paulo. Em síntese: “Essa maneira de conquistar e edificar os espaços dos campos, marcados pela ação de luta de pessoas e coletividades, culminam também em uma determinada maneira de ser e se relacionar com esses espaços”.³⁰⁵

303 • SCIFONI, Simone. “Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.21. n.2. p. 125-151, 2013.

304 • FAVERO, Raphael Piva Favalli. “A várzea é imortal”: *abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

305 • *Idem*, p. 52, grifo meu.

Desde que a bola rolou... Do primeiro quartel aos meados do século XX

Valmir denominou como “construção orgânica” o processo do fazer dos campos de futebol do Retão, no Jaraguá, supracitados. Os “quinze campos que existiam entre as pontes da Freguesia do Ó e do Limão”, lembrados por Zequinha da Vila União,³⁰⁶ e os “mais de cem campos”, entre a Penha e a Lapa, citados pelos entrevistados de Favero,³⁰⁷ decerto, foram oriundos da mesma dinâmica. “Lógica” que imbricava o desejo das pessoas, na dimensão da vida de bairro e as relações de poder que perpassam a produção do espaço, num jogo de forças descompassado, em que o pacto entre capital e Estado exerce evidente protagonismo.

As estimativas dos varzeanos não podem ser tomadas em sentido estrito, seja na quantidade ou na datação. Contudo, é possível imergir nesses fragmentos de cidade, a partir de fotografias aéreas datadas de 1958,³⁰⁸ ou de cartografias datadas de 1962,³⁰⁹ e verificar, de fato, a grande quantidade de campos nos “recortes” citados. Em pesquisa sendo finalizada,³¹⁰ analisei

306 • Entrevista em 07/07/2017 (Campo do Sete de Setembro, Freguesia do Ó), no âmbito da pesquisa de Doutorado.

307 • *Idem*.

308 • Disponível em: <<https://www.geoportal.com.br/memoria-paulista/>>. Acesso em: 18 de março de 2021.

309 • Tais cartografias estão publicadas em: SÃO PAULO. “Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico”. Processo no. 26.513/1988. *Estudo de tombamento do Parque do Povo*, 1994.

310 • No momento de finalização deste texto, a tese intitulada *O Samba como patrimônio cultural em São Paulo (SP): As batucadas de beira de campo e o futebol de várzea* ainda não havia sido depositada para defesa.

esse processo, mobilizando bibliografias dedicadas ao tema. Sintetizo, nos parágrafos adiante, este entendimento, enfocando, por ora, no primeiro quartel e meados do século XX.

Os campos das “várzeas iniciais” concernem aos vazios urbanos legados pelo avanço do espaço produzido como mercadorias. No início do século XX, São Paulo ainda possuía uma área urbanizada descontínua, concentrando diversidade de grupos e usos sociais do espaço no território hoje denominado como centro. O avanço para além da então “cidade” e, posteriormente, superando os rios Tietê e Pinheiros, comporta diversas possibilidades de análise. Neste texto, as reformas e leis urbanísticas, de cunho segregador e racista, “remodelando” o centro e “irradiando” avenidas, junto ao intenso crescimento populacional, são elencadas como explicações principais, na chave de um direito essencial à vida: o morar.

Imigrantes, famílias advindas do interior e de outros Estados, disputavam, naquele contexto, a moradia de provisão privada. Aluguéis caros, proibição de cortiços e, com isso, expulsão progressiva dos pobres daquele centro que se queria aparentar europeu. Nos loteamentos adjacentes, surgiam bairros e chácaras voltados às elites, enquanto vilas operárias emergiam nos eixos ferroviários, onde as indústrias se instalavam.

Ambos os movimentos, a versão regularizada da expansão urbana, absorveram timidamente a demanda. Explodiam, então, as moradias autoconstruídas em pequenos lotes distantes e, em sua maioria, ilegais. É importante diluir aqui qualquer narrativa de “espontaneidade” do processo, aludindo a um crescimento “desordenado”. Foi, na realidade, um projeto. Segregação intencional, cujas bases foram assentadas pelo consentimento estratégico da autoconstrução no lote ilegal, uma vez que a Prefeitura Municipal promoveu, pela via de atos e leis, um conjunto subsequente de regularizações dos loteamentos

que surgiam na periferia em formação.³¹¹ Fazer “vista grossa”, num primeiro momento, foi a saída diante da impossibilidade de o mercado privado de vendas e aluguéis absorver a demanda e da inexistência de políticas de provisão pública do morar.

Raimundo³¹² sintetiza que esse padrão periférico de crescimento, articulado à “ideologia da casa própria”,³¹³ foi intenso nos anos 1930-1960 e figura até hoje. Tendência que resultou em diversos bairros populares e, entre eles, inúmeros terrenos vagos (intencionalmente ociosos para especulação) e vazios urbanos (terrenos públicos ou propriedades maiores, ainda não incorporadas ao espaço urbano).³¹⁴

Tais descontinuidades estavam situadas, majoritariamente, nas várzeas alagadiças, áreas desvalorizadas e de difícil transposição. Fragmentos que, em determinado contexto, foram “terra de ninguém”, o “quintal de bairros encarapitados nas colinas”.³¹⁵ As práticas do jogo trazidas pelas famílias, no

311 • MANENTE, Fabio Cesar Moreira. *A moradia popular chegou à Serra da Cantareira. Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

312 • RAIMUNDO, Sílvia Lopes. *Território, cultura e política: Movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada*. Tese de Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

313 • BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

314 • ALVAREZ, Ricardo. *Os “vazios urbanos” e o processo de produção da cidade*. 1994. 146 f. Dissertação de Mestrado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

315 • AB’SABER, Aziz Nacib. “O Sítio Urbano de São Paulo”. In: AZEVEDO, Aroldo de (org.). *A cidade de São Paulo: estudo de geografia Urbana*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1958.

corpo e no imaginário, passaram a se apropriar desses espaços. Nos ciclos da vida de bairro, conformavam-se os lugares do futebol popular, multiplicando-se exponencialmente para além dos clubes e do profissionalismo ascendente.³¹⁶

Para compreender a ascensão desses inumeráveis campos, é preciso elucidar os conteúdos da vida de bairro e como o futebol estava imerso em sociabilidades próximas, por vezes comunitárias.³¹⁷ De antemão, é importante demarcar a carência infraestrutural desses loteamentos, à revelia dos direitos fundamentais. Praticamente desprovidos das políticas públicas, tudo que se almejava ter e viver havia de ser mobilizado coletivamente. Nesse esforço reivindicatório e organizativo, se cultivavam laços fomentadores, também, dos encontros de quintal, dos bailes, dos agrupamentos carnavalescos, das celebrações do catolicismo popular. No tempo do bairro, no ir e vir, dava-se o encontro e a festa.

Parcela expressiva desses bairros concentrava, predominantemente, famílias negras. As grafias negras no espaço

316 • Os sentidos de apropriação de espaço e vida de bairro aqui mobilizados baseiam-se em Seabra. Ver: SEABRA, Odette Carvalho de Lima. “A insurreição do uso”. In: MARTINS, José de Souza (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996; e _____. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre Docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

317 • Pela proximidade, parte desses arranjos se articulou ao futebol das fábricas, a partir de agrupamentos operários. Contudo, o futebol de bairro irradiou-se, também, para regiões não industrializadas no contexto.

urbano revelam a segregação de base racial no pós-abolição,³¹⁸ o que pode ser elucidado, em São Paulo (SP), pela análise de Azevedo,³¹⁹ ao identificar os bairros onde se elaboraram valores comunitários, um “sentido de história” e “um modo de ser e estar negro na cidade”, tratados pelo autor ao conceituar as microáfricas paulistanas. Havia um conjunto de times formados apenas por negros, sendo o futebol uma forma importante de associativismo negro em São Paulo.³²⁰ Imerso nas contradições de uma sociedade racista por denegação,³²¹ o futebol popular expressava, não sem conflitos, uma interação entre os valores comunitários citados e aqueles desdobrados pelas famílias brancas pauperizadas.

Enredado em tais relações, estava o futebol de várzea, se realizando como festa do bairro e, também, da cidade, dado o deslocamento entre bairros para as disputas. Trama que prescindia de uma preocupação primeira, da qual se desdobravam

318 • SANTOS, Renato Emerson dos. “Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano”. In: _____. (org.). *Questões urbanas e racismo*. Brasília: ABPN, 2012.

319 • AZEVEDO, Amailton Magno. *Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo*. São Paulo: Olho d’Água, 2016.

320 • DOMINGUES, Petronio José. *Uma história não contada: Negro, racismo e trabalho no pós-abolição em São Paulo (1889-1930)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

321 • GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93. p. 69-82, 1988.

muitas outras: onde jogar? É aí que retornamos ao “quintal da Casa Verde”, a título de exemplo e elucidação.³²²

A família de Nelsão, supracitado, chegou ao bairro entre os idos de 1930 e o varzeano, posteriormente, envolveu-se como jogador do Baruel FC, cujo primeiro campo situava-se entre os vinte que margeavam o rio Tietê (Figura 1). Campo que possuía “cercas de madeira pintadas de branco”, onde “três fileiras de pessoas se espremiavam” para assistir aos jogos, conforme relatou Zinho, também ex-jogador do time.³²³ A menção às cercas permite estimar os processos de quem carpiu, aplainou e demarcou o terreno para fazer o campo. Na difícil tarefa de esmiuçar esse fazer coletivo – ou, simplesmente, “construção orgânica” –, a noção de mutirão é elucidativa: reunir-se para realizar com as mãos, o que seria o jogo dos pés. Também se destacam os patrocínios e formas de arrecadação de fundos. Outra menção importante são as relações de poder: enquanto o futebol se apropriava dos vazios urbanos, à revelia da dominação pela propriedade, determinados times, por sua capacidade organizativa de bairro,

322 • Em que pese os deslocamentos de famílias negras pela cidade, tendo em vista o valor dos alugueis e a segregação de base racial, na região da Casa Verde ocorreram, também, aquisições de terrenos pela Frente Negra Brasileira, na década de 1930. Ver: BARONETTI, Bruno Sanches. *O Cardeal do samba. Memórias de Seu Carlão do Peruche*. São Paulo: LeberArs, 2019.

323 • FAVERO, Raphael Piva Favalli. *“A várzea é imortal”: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

tornavam-se mandantes do campo.³²⁴ Ou seja, possuíam densidade para mantê-lo a partir do uso e infraestruturas mínimas, num contexto em que não havia nenhuma regulamentação por parte do poder público. O mando, contudo, não era capaz de restringir os múltiplos usos, seja por outras equipes, seja por quem almejava, apenas, brincar de bola.

O Baruel perderia seu lugar de jogo em 1968, quando os campos da Figura 1 foram substituídos pelas obras do Parque Anhembi, inaugurado em 1970. Advento do espetáculo (grandes eventos e, na década de 1990, carnaval), que não soube reconhecer a festa que ali já existia. Sem devolutivas a priori, os milhares de varzeanos/as que frequentavam os campos da Figura 1, dentre eles, o do Baruel, seguiram seus caminhos de múltiplos deslocamentos.

O período relatado nessa primeira seção destacou o que venho denominando como “várzeas iniciais”, no período de explosão da cidade. Em termos quantitativos, certamente as várzeas do Tietê, Tamandateí e Pinheiros foram aquelas em que o processo foi mais numeroso. Mas entre as ruralidades dos extremos de São Paulo, nos pequenos aglomerados urbanos, como os “povoados-estação”, o futebol popular já se realizava. No Jaraguá, caso emblemático de surgimento de campos mais recentes, após a década de 1990, também existiam campos nesse contexto, como o do Taipas FC, de 1926 e do Jaraguá FC, de 1950. Cumpre sempre destacar que as pessoas, times, campos e bairros até aqui elencados são tomados a título elucidativo, de um processo mais amplo, que enredava toda a cidade.

324 • Os mandantes são os times que recebem os adversários, seja nos campos que organizam coletivamente (associações e títulos precários do terreno), seja nos campos que alugam de outros agrupamentos organizados.

Após a década de 1970: um jogo “de perde e ganha”

A década de 1970 emergiu como período hostil ao futebol varzeano de São Paulo.³²⁵ Truculência que se vislumbrou, progressivamente, até a contemporaneidade. Nesse contexto, inclusive, os arranjos varzeanos transcenderam seus componentes locais, adentrando a mídia e, em menor medida, a academia e a esfera legal, que passavam a publicizar alguma preocupação com a notável diminuição de campos. Os anos 1970 também são mobilizados, pela bibliografia, como referência da transformação da cidade em metrópole: uma segunda baliza temporal importante no entendimento deste texto, tendo em vista os processos e transformações urbanas que dela se desdobraram.

As obras nas várzeas do Tietê e Pinheiros (retificação, canalizações e construção das Marginais), entre 1930-60, já haviam levado ao desaparecimento de muitos campos. Destaco alguns processos subsequentes, potencializados por tais obras, que atingiriam outros campos para além daqueles adjacentes aos rios. O primeiro concerne à desconcentração das atividades industriais: localizadas inicialmente nos eixos ferroviários e, posteriormente, nos rodoviários, as indústrias dispersavam-se, então, para os extremos da capital, bem como para o interior e outros Estados, no bojo da reestruturação urbano-industrial após o final dos anos 1970.³²⁶ Nessa dinâmica, “novos” vazios urbanos emergiam nas

325 • FAVERO, Raphael Piva Favalli. *“A várzea é imortal”: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

326 • LENCIONI, Sandra. “Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a Região da Metrópole Desconcentrada”. *Revista Espaço & Debates*, n.38, p. 54-61, 1994.

periferias, não só pela instalação de indústrias, mas pela continuidade da expansão de moradias autoconstruídas.

Qual seria o impacto sobre os campos “mais antigos”? Por que eles estariam “pressionados”, se a mancha urbana se expandia em outras direções? A reprodução do espaço, sua fragmentação e a raridade espacial³²⁷ contribuem nessas questões.

Como analisou Lencioni,³²⁸ a dispersão das indústrias reforçou o poder decisório de São Paulo, por ter impulsionado a centralização de capitais. Se as instalações deixavam São Paulo, os capitais mobilizados por elas adensavam-se ainda mais no setor de serviços da pauliceia, acrescidos pelos fluxos de capitais na volatilidade de uma sociedade globalizada. Era preciso criar novas economias para a circulação destes fluxos. Sendo o espaço condição e meio da acumulação, era preciso reproduzi-lo.³²⁹

O capital e o Estado deflagraram, então, suas demandas, desacompanhadas das preocupações com os direitos sociais e a qualidade de vida. Carlos³³⁰ avança sobre os mecanismos dessa reprodução, abordando as desregulamentações, o urbanismo embasado no planejamento estratégico e a preponderância do setor financeiro. Arranjo que suscitou a criação de novas centralidades, conformando os eixos “modernizados” de serviços e comércio, destacadamente os escritórios, instituições financeiras, shoppings e hipermercados.

327 • CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

328 • LENCIONI, Sandra. “Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a Região da Metrópole Desconcentrada”. *Revista Espaço & Debates*, n.38, p. 54-61, 1994.

329 • CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

330 • *Idem*.

A materialidade dessas dinâmicas se expressou como fragmentação do espaço: a cada dia mais almejado, mais caro e mais raro. Em face dessa raridade, os campos varzeanos foram atingidos em cheio: seja para atividades econômicas ou para as grandes obras infraestruturais que as fomentassem. No âmbito do morar, a reprodução fragmentada passou a eleger onde se ofertaria a mercadoria-casa às elites: condomínios verticais se multiplicaram, enquanto as periferias seguiam recebendo as famílias expulsas pela especulação.

Se a estruturação como metrópole levava o pacto capital-Estado a destruir para fazer emergir o tão almejado espaço-mercadoria, processo que culminou na destruição de bairros inteiros, não seriam os campos varzeanos, consolidados na base da organização coletiva e, quando muito, na base de títulos precários,³³¹ capazes de refrear esse processo, certo? Em muitos sentidos, sim. Contudo, cumpre retomar à Casa Verde para exemplificar contingências – e resistências – do processo.

Entre as décadas de 1970 e 80, seis campos de futebol se estabeleceram numa extensa área situada entre os arruamentos do bairro e o Parque Anhembi. Trata-se do antigo “quintal da Casa Verde”, onde se situa, atualmente, o Complexo Esportivo Campo de Marte (Figura 1). Sua propriedade concerne à Aeronáutica,³³² porém há um imbróglgio histórico entre tal instituição e a Prefeitura Municipal sobre o direito jurídico do

331 • FAVERO, Raphael Piva Favalli. *“A várzea é imortal”: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

332 • Extensão do terreno onde foi instalado o primeiro aeroporto de São Paulo, contendo clubes militares. No período das travessias, este “quintal” já estava imerso no imbróglgio citado, o que não impedia o fluxo de pessoas.

espaço. Nos idos das referidas décadas, a pujante sociabilidade varzeana da região se imbricou nessas disputas pelo uso. A partir de processos específicos de negociação na Aeronáutica, envolvendo acordos e devolutivas, os times da região – Baruel, Sade, VUP, Cruz da Esperança, Aliança e Pitangueira – conseguiram conformar novos lugares do futebol popular no bairro que, recentemente, havia perdido aqueles campos à beira do Tietê, expressos pela Figura 1. Tais equipes foram fundadas em décadas precedentes e parte delas estava sem campo para jogar.

O processo contém nuances do que foi tratado acima como apropriação do espaço, o futebol como obra coletiva: os campos foram autoconstruídos, na base de arrecadações e mutirões. Contudo, a questão da propriedade foi peculiar e a partir das exigências que foram constituídas, emergiu um processo de disputa incessante. Negociação contínua que desdobrou uma dinâmica mais centrada em determinados atores que assumiam o protagonismo nas relações, algo que passou a preceder aquela fluída e pujante apropriação do espaço de outrora.

Numa dimensão ampla da metrópole, para além da especificidade do Campo de Marte, processos como esse se multiplicaram. A busca pela permissão de uso a título precário, instrumento jurídico concedido pela Prefeitura como legitimidade momentânea do terreno de jogo, tornava-se, então, um dos principais objetivos dos varzeanos, ainda que fosse um recurso bastante vulnerável, inserindo os campos e seus frequentadores na lógica da ameaça constante. Crescem, nessa lógica, os “acordos” com vereadores e secretários municipais.

Compreendendo os processos significativos que se desdobram no cotidiano da várzea, os códigos, gestos, posturas e práticas que confluem no “proceder” varzeano, essa trama política pode ser entendida a partir da figura do abnegado, proposta

por Favero.³³³ Aquele que se aparta de suas relações interpessoais e familiares e se torna várzea, todo o tempo. Aquele que, enquanto negocia com o pacto capital-Estado, “[...] dá jeito para aterrar o terreno, construir os vestiários, as áreas sociais e os banheiros, que faz rateio e tira do próprio bolso [...]”. Em suma, construir, manter e reconstruir os campos, lugares dos quais prescinde a vida de milhares. Fomentar aquela autoconstrução de outrora, que também era abnegada, decerto, porém diante das renovadas e contraditórias vias políticas no pós 1970.

Ademais, é preciso salientar a instauração gradativa dos Centros Desportivos Municipais, atuais Clubes da Comunidade (CDCs), processo oriundo dos anos 1970 e intensificado após 1990. Os CDCs são associações de direito privado, entre Prefeitura, comunidade e entidades socioesportivas. Na prática, a Prefeitura cede um terreno de sua propriedade, que em geral possui um ou mais campos de futebol (oriundos de apropriações e obras coletivas precedentes), para que atividades esportivas e recreativas sejam proporcionadas à população. A administração e organização são definidas pelas associações de pessoas jurídicas que formam sua Diretoria, sendo permitidas atividades econômicas “alimentícias e publicitárias”, bem como cobrança de taxas e mensalidades para o uso dos espaços.

No contexto de rarefação dos campos varzeanos mais antigos e da pressão imobiliária, regulamentar um campo como CDC se tornou um objetivo proeminente no “mundo da várzea”, somado ao fato de que esses lugares passaram a sediar as copas, campeonatos e festivais mais cobiçados pelos times de todas as

333 • FAVERO, Raphael Piva Favalli. *“A várzea é imortal”: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 47.

regiões da metrópole. Contudo, o futebol popular paulistano supera, em muito, o calendário varzeano que ocorre nos CDCs.

Ela nunca mais parou... autoconstrução e obra coletiva periférica

Atualmente, os seis campos de futebol do Complexo Esportivo Campo de Marte permanecem vivos, no sentido mais abrangente do termo. Vivos como jogo e como festa, o que demandaria extensas linhas para serem elucidadas. Vivos como cultura política, representada por associações e movimentos organizados num histórico de lutas, sendo emblemático o enfrentamento jurídico de uma ordem de despejo instaurada pela aeronáutica (em 2015) e do projeto de transformação do espaço num Parque, a partir do acordo entre tal instituição e a Prefeitura (em 2017). Este que reduziria o espaço a apenas três campos e imporiam novos regulamentos a um lugar que, pelo uso, já é um parque, reunindo centenas de milhares de pessoas anualmente. Nesse ínterim, destacam-se as recentes articulações visando à preservação dos campos pela via do sistema normativo de proteção ao patrimônio cultural.

Simultaneamente, contudo, muitos campos sucumbiram na metrópole, principalmente aqueles “desprotegidos” pelo organismo dos CDCs.³³⁴ A narrativa do “fim de várzea”, já desenrolada há tantos anos, parece mesmo inescapável. Ressoa no plano da análise e, principalmente, na constante ameaça que

334 • Destaca-se a destruição dos campos do Parque do Povo, na Zona Sul. Instalado em área de valorização imobiliária e elitização, restringiu as práticas populares (SCIFONI, 2013), tal qual se intenciona na Casa Verde.

perpassa o imaginário e a realidade dos varzeanos e varzeanas. Em suma, um assunto recorrente nos bares de cada campo, durante a resenha.

Este texto não visa a uma contraposição definitiva a essa narrativa, porém será finalizado com elementos que permitem questioná-la, no sentido dos possíveis e da insurgência do uso nas periferias.³³⁵ Assim, retorno aos campos do Retão, no Jaraguá.

O adensamento e a contiguidade da área urbanizada do Jaraguá, antigo “povoado-estação”, deram-se com maior proeminência após a década de 1980, quando 22 loteamentos foram regularizados. Nessa cifra se reúnem antigos loteamentos ilegais, lançamentos e um conjunto expressivo da Cohab e CDHU. Essa produção regularizada foi acompanhada pela inerente autoconstrução em suas adjacências, expandindo o padrão periférico supracitado.

Tal adensamento promoveu, no final do século XX, a produção de novos vazios urbanos e “terrenos baldios”, como aquelas das “várzeas iniciais”. Aos entusiastas da várzea, pode-se dizer que a potência do futebol popular “não decepcionou”: dados de 2004 revelaram a existência de 37 campos de futebol, sendo 4 regulamentados pela Prefeitura. Portanto, 33 deles podem ser entendidos como obra e organização coletiva, desdobrada após o surgimento dos loteamentos, ou seja, durante os anos 1990. Privados ou públicos, na esfera jurídica, esses

335 • Sobre a insurgência do uso, ver: SEABRA, Odette Carvalho de Lima. “A insurreição do uso”. In: MARTINS, José de Souza (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996, e suas expressões na periferia, ver: RAIMUNDO, Sílvia Lopes. *Território, cultura e política: Movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada*. Tese de Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

terrenos foram transformados em espaços de uso público a partir da insurgência, como se verifica na Figura 1. Se considerados todos os Distritos da Zona Noroeste, em 2004, o número de campos salta para 130, sendo 28 de administração pública e 102 de organização coletiva.³³⁶

Ao tratar da fragmentação do espaço, na seção anterior, demarquei um processo que, em parte da bibliografia, é também entendido como fragmentação da vida de bairro. Este teria implodido como dimensão do vivido, do encontro e do tempo cíclico, tendo em vista a destruição física e a instauração do cotidiano da metrópole, dos longos deslocamentos, do consumo dirigido e do lazer programado como entretenimento. Seria, então, o espaço efêmero e o tempo amnésico³³⁷ tolhendo definitivamente o bairro.

Sem dúvida, tal análise vale para muitos bairros da metrópole, principalmente os mais antigos, próximos às regiões centrais e às novas centralidades. Contudo, a insurgência do uso nas periferias permite identificar a potência do bairro como arranjo de uma sociabilidade próxima, nos períodos recentes. Campos autoconstruídos a partir de mutirões, como os da Xurupita e do 100 Valor, no Jaraguá,³³⁸ suscitam um entendimento de que esses fazeres coletivos permanecem e se reinventam. Na miséria do cotidiano contém uma força que dela

336 • Dados obtidos a partir de Ortofotos (Mapa Digital da Cidade), datadas de 2004 e disponíveis no Portal GeoSampa. Posteriormente, foram comparados com imagens de satélite (Google), em 2018.

337 • CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

338 • Em entrevista realizada no dia 03/03/2018 no campo do 100 Valor, Jhonatan, morador, explicou: “[...] os moradores mesmo limparam essa área aí. Deu uma arrumada aí, tudo limpinho, aí fez o campo, no ano de 2000”.

se evade, como versou Lefebvre.³³⁹ Contrapondo-se ao projeto de destituir os vínculos afetivos e identitários, uma grandeza cotidiana segue se realizando pelo jogo popular.

Tal força sugere a relevância das vilas e quebradas periféricas no vivido, apresentando-se como versão contemporânea e, decerto, reformulada, da vida de bairro. Idas e vindas, fazeres realizados numa periferia que deve ser entendida como cultura e potência e não apenas como dimensão espacial e econômica.³⁴⁰ Periferia que se insurge ao projeto de segregação: é arte, cultura e política. São os coletivos, os saraus, o teatro, a produção musical, os coletivos de samba, os fluxos, os SLAMS, o carnaval... E, também, a várzea!

Considerações finais

Para sintetizar o que foi apresentado e elucidar os títulos adotados nas seções anteriores, mobilizo o seguinte trecho “[...] conquanto carregue a insígnia da transformação, dos deslocamentos – uma máquina de criar e arrasar tradição –, desde

339 • LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

340 • Sobre o tema ver: D’ANDREA, Tiaraju Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013; e RAIMUNDO, Sílvia Lopes. *Território, cultura e política: Movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada*. Tese de Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

que bola rolou pela primeira vez em um campo de várzea de São Paulo, ela nunca mais parou”.³⁴¹

Entre o “criar” e o “arrasar” tradições, perpassam diversas contingências do “mundo da várzea”, como versa o autor. Algo para além, muito além, da ascensão, rarefação e espraiamento de campos tratados por este texto. Este enfoque, escolhido como via analítica, contribui para pensar os lugares do futebol popular como matriz de significados e expressões simbólicas da cultura da metrópole: a realização das referências culturais.³⁴² Noutros termos, o futebol como obra coletiva, contraposto à propriedade, conformou possibilidades que transcendem o jogo. Junto aos amistosos, festivais, campeonatos e copas, no campo de várzea se realizam distintos modos de torcer, inclusive aquele proibido nas Arenas. Dos campos ecoam sonoridades: discotecagens e fazeres musicais reverberando um repertório periférico, assentado no forró, funk, RAP, reggae, samba-rock e samba. É o som das quebradas nos campos, donde emergiu, também, uma vertente do samba paulistano: as batucadas de beira de campo. A comida de bar e churrasqueira, a brincadeira das crianças, o encontro de familiares e amigos, as formações (como “escolinhas” e cursos livres), dentre outros elementos, ampliam esse conjunto de elementos articulados que mexem com os sentidos do corpo, atestando um sentimento de pertencimento: ser varzeana, ser varzeano. Assim, o legado deixado pelas pessoas que,

341 • FAVERO, Raphael Piva Favalli. *“A várzea é imortal”: abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 72.

342 • O conceito de referência cultural mobilizado nesse parágrafo se baseia no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ver: BAE – Boletim Administrativo Eletrônico do IPHAN nº. 1172 – Edição Semanal de 20/05/2016.

em algum momento, dedicaram-se a construir coletivamente um campo de futebol em São Paulo, é frutífero. Em conjunto, esses lugares se constituem como referências culturais para milhares de pessoas. Ademais, nesses lugares múltiplas referências culturais são criadas e recriadas, indefinidamente.

A ideia de legado não se restringe a um fazer distante. Não concerne, apenas, às memórias de bairro, aos meados do século XX. É também o legado de processos recentes e que permitem pensar numa dinâmica ainda em curso. É certo que, como compartilhou Valmir, o fim dos campos Retão tenha diluído as práticas do jogo descritas na abertura deste texto. Ademais, daqueles 37 campos do Jaraguá, verificados em 2004, hoje figuram apenas 13. Seria “mais do mesmo”, então? Questão de tempo para desaparecerem todos? Ou será que outros campos estão sendo autoconstruídos nos “terrenos baldios” que a periferização produz?

Pelas pesquisas realizadas, entendo que a última questão colocada tenha resposta positiva, porém atestá-la demandaria aprofundamento. De todo modo, mesmo que negativa, restringir o processo de se fazer campos coletivamente ao primeiro quartel e aos meados do século XX pode incorrer num olhar parcial sobre a várzea paulistana. Como demonstrado, esse fazer permaneceu, pelo menos, até a transição para o século XXI. Não o reconhecer expressaria um apagamento do futebol popular nas quebradas.

Ademais, pela abnegação de muitas pessoas, parte dos “campos antigos” resistiu à hostilidade da metrópole, tornando-se CDCs. São poucos, contudo, que possuem um uso intenso, das primeiras horas da manhã ao anoitecer, nos fins de semana e, também, nos períodos semanais noturnos. Em suma, a eferescência varzeana segue mobilizando milhares.

Bibliografia

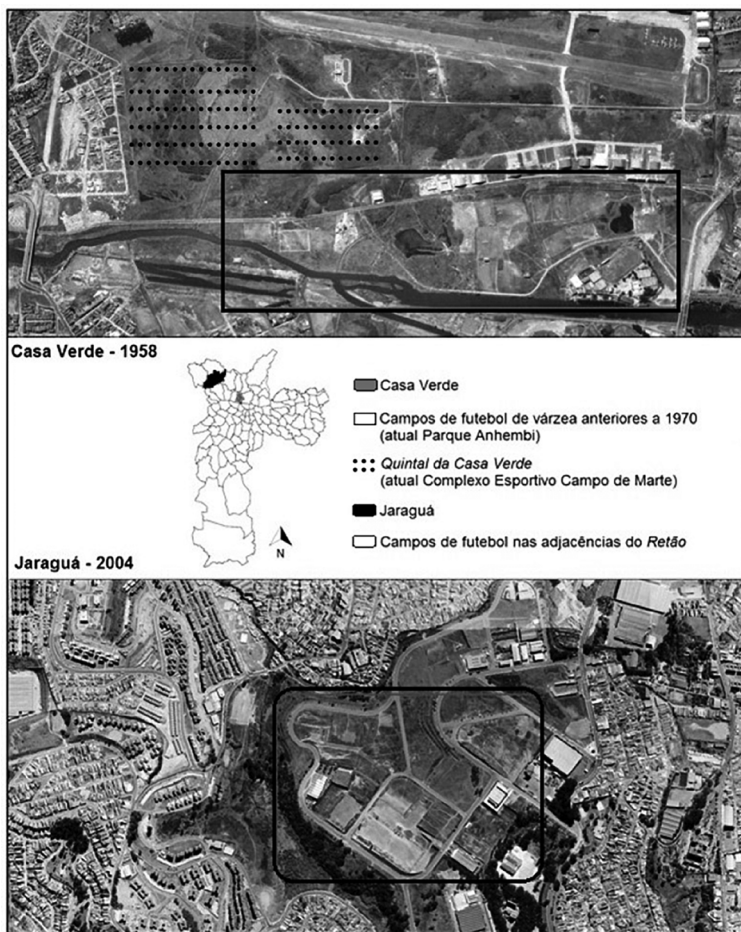
- AB'SABER, Aziz Nacib. "O Sítio Urbano de São Paulo". In: AZEVEDO, Aroldo de (org.). *A cidade de São Paulo: estudo de geografia Urbana*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1958.
- ALVAREZ, Ricardo. *Os "vazios urbanos" e o processo de produção da cidade*. 1994. 146 f. Dissertação de Mestrado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- AZEVEDO, Amailton Magno. *Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo*. São Paulo: Olho d'Água, 2016.
- BARONETTI, Bruno Sanches. *O Cardeal do samba. Memórias de Seu Carlão do Peruche*. São Paulo: LeberArs, 2019.
- BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- D'ANDREA, Tiaraju Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DOMINGUES, Petronio José. *Uma história não contada: Negro, racismo e trabalho no pós-abolição em São Paulo (1889-1930)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia,

- Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FAVERO, Raphael Piva Favalli. “*A várzea é imortal*”: *abnegação, memórias, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93. p. 69-82, 1988.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LENCIONI, Sandra. “Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a Região da Metrópole Desconcentrada”. *Revista Espaço & Debates*, n.38, p. 54-61, 1994.
- MANENTE, Fabio Cesar Moreira. *A moradia popular chegou à Serra da Cantareira*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- RAIMUNDO, Sílvia Lopes. *Território, cultura e política: Movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada*. Tese de Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SANTOS, Renato Emerson dos. “Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano”. In: _____. (org.). *Questões urbanas e racismo*. Brasília: ABPN, 2012.
- SÃO PAULO. “Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico”. Processo no. 26.513/1988. *Estudo de tombamento do Parque do Povo*, 1994.

- SCIFONI, Simone. “Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.21. n.2. p. 125-151, 2013.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. “A insurreição do uso”. *In: MARTINS, José de Souza (org.). Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre Docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

Anexo

Figura 1: Campos de Futebol na Casa Verde (1958) e Jaraguá (2004)



Fonte: Geoportal Memória Paulista e Portal GeoSampa.
Disponíveis em: <https://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/> e
<<http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx#>>.
Acessos em: 21 de março de 2021. Organização: Alberto Luiz dos Santos (2021)

POSFÁCIO

TÁ COM MEDO, POR QUE VEIO?

Luiz Henrique de Toledo

Acrescentando pouco ao que já foi dito extensamente pelos autores, chamo agora a atenção para uma imagem que se formou da leitura rotativa dos capítulos. Caleidoscópica, essa imagem parece central, tal como já fora conceitualmente antecipada pelos autores da Apresentação, porque revela a prevalência de um multiverso de práticas justapostas – temporal e espacialmente –, que delinham aquilo definido por futebol popular. É sobre essa persistência do óbvio, parafraseando DaMatta³⁴³, que trata este posfácio.

Passo a valorizar essa expressão, futebol popular, numa chave ainda mais ampla e problemática, que é a da cultura popular, seguindo as observações da historiadora Martha Abreu, que recomenda tomar essa ubíqua noção não como um conceito “definido a priori, como uma fórmula imutável e limitante”, e que “talvez possa ser visto como uma perspectiva, no sentido

343 • DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio”. *Revista USP*, dossiê futebol, n. 22, p. 10-17, 1994.

de ser mais um ponto (de vista) para se observar a sociedade e sua produção cultural”.³⁴⁴

Então, partindo dessas imagens, promovidas pelo espelhamento e o entreolhar dos capítulos, um observador externo depara-se com uma plêiade, na forma de pequenas mandalas em movimento. Para insinuar algo nessa direção, e já um bocado à revelia da circunscrição temática sugerida pelos autores, acrescento mais um ingrediente da cultura popular, repisando outra justaposição para lá de óbvia, mas permanentemente saborosa, ao caldo fervilhante do livro.

Tarei alusões futebolísticas recolhidas de alguns poucos e esparsos exemplos vindos da música popular, antevendo, de antemão, a crítica certeira de que cometo outra generalização ao mobilizar mais uma imagem problemática e quimérica, a de uma seleta MPB como representante musical hegemônica de uma suposta cultura brasileira. Postura didática, assumo os riscos. Ao lado dessas remissões, ou juntamente com elas, farei algumas breves considerações siderais a respeito dessa natureza iridescente do objeto futebol, revelada nas tramas documentais e etnográficas trabalhadas ao longo do livro.

Desde as advertências da apresentação, leu-se aqui sobre experiências contínuas e descontínuas de muitos futebolistas. Futebolistas premidos por forças sociais em escalas variadas, cuja busca por denominadores analíticos comuns se mostrou difícil, para não dizer improdutiva, de aferir. Eis uma primeira lição que se aprende a respeito da seleção dos textos lidos: um necessário desapego pelas abstrações universalistas.

344 • ABREU, Martha. “Cultura popular, um conceito e várias histórias”. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. *Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, p. 1.

Dizer algo a mais sobre esses futebolis populares impermanentes,³⁴⁵ que, desde sempre, negociam espaços e frestas na paisagem urbana, é impor uma distância crítica em relação à permanente interpelação que sofrem de boa parte das elites. Nessas visões, o futebol popular aparece tanto preso a um passado convenientemente idealizado, algo que se deveria evitar, quanto é arrebatado pela lógica da capitulação dos fracos diante de um presente domesticado, revelado nos interesses alheios de toda monta. Desautorizar, tanto os efeitos idílicos quanto derrotistas, mostrou-se caminho analítico e sensível eficaz diante de um objeto-cenário que se constitui de desaparecimentos.

Trata-se de uma discussão retroalimentada por uma lógica infernal e assimétrica, da qual os autores deste livro mantiveram-se afastados: de um lado, a indignação intelectual reativa, seja acadêmica e ou orgânica, diante do fato de que esse futebol se dissolve, física e simbolicamente, na paisagem. De outro lado, a percepção fluida e de senso comum, que ampara a sanha instrumental dos interesses vindos de todo tipo de legisladores dos espaços urbanos.

Na verdade, a “força da grana que ergue e destrói coisas belas” parece valer muito mais para o futebol popular, que “numa velocidade estonteante” se encontra imerso em paisagens impermanentes, negociadas e resilientes. Tais características autorizam as análises irem além da imagem tecno-sociológica amparada num urbanismo de resultados.

Sabe-se pela ampla literatura que as posições teóricas de longo alcance fixam os esportes dentro da chave tecno-sociológica, cujas determinações sócio-históricas concêntricas mostram que a prática do futebol se expandiu a partir de posições

345 • TOLEDO, Luiz Henrique. *Remexer anotações. O trabalho de um arguidor antropólogo*. São Carlos: Edufscar, 2019, p. 203, *passim*.

específicas rumo àquilo que se aglutinou no termo modernidade, quase sinônimo de urbanidade.

Não há propriamente impostura em assumir o futebol como um objeto universalizável, enfeixado numa classe de fenômenos e no espraiamento dos esportes de elite desde a segunda metade do século XIX. Nem duvidar do vigor analítico das grandes sínteses que acolheram tais objetos.³⁴⁶ Não obstante, há que se parir uma dúvida razoável em face das evidências de que uma diversidade de práticas populares rapidamente amalgamadas cindiu tanto a paisagem quanto limitou o alcance desses modelos analíticos.

Nessa direção, algumas teses saem chamuscadas deste livro, sobretudo aquelas de pendor difusionista, desdobradas em vários sentidos. Primeiro, aquele que supõe o espalhamento centrípeto da prática a partir dos conglomerados urbanos ditos mais desenvolvidos, notadamente Rio e São Paulo, anunciado nos primeiros decênios do século XX. Complica-se também o argumento difusionista civilizacional de que só o futebol profissionalizado manteria a energia aglutinadora da sociabilidade.

Outra feição, ou efeitos, desse difusionismo são aqueles que preconizam a passagem linear entre o futebol vivido (esse, cevado pela impermanência socioespacial) para um politicamente sublimado em representações unidirecionais ideológicas, vinculadas ao ideário estatal e permanente de nação, sobretudo a partir dos anos 30.

E parafraseando a paráfrase utilizada por Caetano Veloso, “minha pátria é minha língua, na famosa composição “Língua”, pode-se intuir da leitura oblíqua do livro, sempre imaginando os agentes populares que militam por esses futebolóis, que “minha

346 • ELIAS, Norbert. “A gênese do desporto: um problema sociológico”. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

vida é meu futebol impermanente”, ou ainda acrescentar mais doses de Fernando Pessoa à conhecida fórmula: Minha Pátria é minha língua. Pouco se me dá que Portugal seja invadido, desde que não mexam comigo”.

É desse desassossego, alcançado pela erudição de parte da música popular brasileira, mas também transfigurado na crueza do cotidiano atribulado pela lógica sensível do “não mexam comigo”, surpreendentemente atualizado em frases populares locais ressoadas nas periferias – “tá com medo, por que veio?” –, que se nutre o futebol popular.

E é justamente esse futebol popular que realiza grandes feitos. E é por isso também que saímos da leitura do livro com a sensação, intuída por muitos de seus autores, de que ele, desassossegado e impermanente, se impõe diante de uma guerra cultural na qual trava quixotesicamente, de maneira solitária e enganosamente improdutivo, uma luta contra a história.

Aliás, falando em produtividade, essa imagem parece alimentar outro efeito difusionista merecedor de (muitos) reparos. Matrizes analíticas economicistas tendem a separar esse futebol popular supostamente improdutivo daquele outro, concebido como de massa e esteio de um consumismo linear exponencial. Restaria ao futebol popular tentar pagar às custas de seu próprio enterro, destino histórico inevitável da prática.

Sem entrar nessas questões funestas de economia política, destaco que a natureza do consumo do futebol popular deve ser lida numa tradição de longa duração, presente ao menos desde o ideário experimental da cultura popular rabelaisiana, para mobilizar as penetrantes análises de Bakhtin³⁴⁷, autor que destaca outra natureza simbólica para a noção de consumo. Aqui, no futebol popular, *mutatis mutandis*, há alguma

347 • BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. São Paulo: Hucitec, 2010.

recusa de quebra da totalidade, que enuncia um consumismo pelo consumismo. Ao contrário, no futebol popular seus protagonistas parecem tomar o consumo não apenas como prática “resultadista” em si mesma, que esgota ou se esgota em algo.

Há, nesse caso, a garantia da utopia da impermanência, ou garantia daquilo que permanentemente se renova como totalidade. De um time nasce outro, e desse outro, outros mais e assim sucessivamente, animando uma lógica da cissiparidade que não leva apenas ao seu consumo, que precisa ser alimentado de tempos em tempos pelos truques de marketing consumerista que alimentam clubismos afora.

Está em jogo aqui a própria ideia de futebol, se plasmado em times “de verdade” ou apenas em aglomerados ocasionais de jogadores vestindo a mesma camisa. Pouco importa, pois o que deve ser atualizada é sempre a potência política do jogar, de manter uma prática ativa no seio da sociabilidade.

Portanto, o futebol popular, alijado da circulação consumptiva da riqueza, pode ser liberto da lógica da mercadoria e dos bem esportivos voltados para o consumo de massa, embora realize, em parte e modicamente, esse consumismo sem precisar abrir mão de suas matrizes populares. O grande processo avassalador e empreendedor capitalista, que acomodou o futebol profissional masculino em seus braços (ou garras), se vê um tantinho incomodado com o futebol popular mais solto e descuidado, que se coloca não apenas a contrapelo desse processo, mas a contragosto daqueles que tentaram, com muitos fracassos acumulados, redirecionar os sentidos desse futebol mais insurgente.

Essa é uma posição que pode ser observada quase que desde sempre na história do Brasil, que pelas lentes da desconfiança popular, pode ser emulada na letra da canção que segue. Posição que encontrou também no futebol um amplo mote de crítica social. Incontornável não passar pela poesia cítrica de

Noel Rosa, cujo personagem de momento deixa ambígua uma questão que logo se tornaria crucial para o sucesso do futebol profissional, a convocação das massas para dar forma a esse “único” futebol.

Quem foi que disse que eu era forte? Nunca pratiquei esporte, nem conheço futebol... O meu parceiro sempre foi o travesseiro E eu passo o ano inteiro sem ver um raio de sol. A minha força bruta reside. Em um clássico cabide, já cansado de sofrer. Minha armadura é de casimira dura. Que me dá musculatura, mas que pesa e faz doer...³⁴⁸

Na letra, nota-se que as escolhas por bens de consumo proletarizados, da casimira ao futebol, não são realizadas sem o intercurso de uma aguda percepção política, pois, sem abrir mão dos modismos urbanos, não se escusavam impor difrações a esse processo. O assunto futebol tratado na música não distingue o futebol insinuado em clubes de massa daquele “pequeno” futebol, já bastante disseminado pela cidade de Noel. O referido Tarzan sequer se coloca na posição de torcedor (ou assistência). Certamente, essa indistinção não se deu por desconhecimento do poeta da Vila, que, por intermédio de um personagem transfigurado, trava uma batalha pessoal contra as políticas higienistas que ainda perseguiram o ideário popular, o mundo do samba e sua sociabilidade.

O indomável Tarzan, da nascente cultura de massa, é alocado no assujeitado Tarzan local, franzino, que mal frequentava as praias e que pessoalmente não se beneficiava daquela moda esportiva. Sem se dar conta da prática popular de um outro futebol que fervilhava pela cidade, mais à sombra das ideologias

348 • Tarzan, o filho do alfaiate, Noel Rosa, 1936.

higienistas e entusiasmadas pelo corpo saudável, Tarzan parece desconfiar também, assim como fez para o terno que pesava em demasia sob seu corpo, daquele consumismo esportivo vicário e esnobe, que vendia a ideia de saúde para, na verdade, promover o outro futebol, aquele que se consagraria no profissionalismo.

Seria o Estado Novo, nesse mesmo período, que viria estimular que o futebol se transformasse na chave da grande representação popular à sombra do pequeno futebol, ou do futebol popular que, de fato, se manteve silencioso, mas pouco obsequioso, em relação ao amálgama imposto aos muitos futebóis, relegados a um único termo, o Futebol com maiúscula, que naquele futuro breve se tornaria um dos signos mais eficazes de promoção oficial da cultura brasileira.

Para arrematar esse posfácio, que já excede em especulações, deixo aos leitores três últimas imagens musicais que dialogam com as valências da cultura popular, tendo o futebol popular como um de seus elementos mais cruciais daquilo que enfeixamos na expressão cultural brasileira.

*Teco, teco, teco, teco, teco, na bola de gude, era o meu viver! Quando criança, no meio da garotada, com a sacola do lado, só jogava pra valer! Não fazia roupas de boneca, nem tampouco convivia com as garotas do meu bairro, que era natural. Vivia em poste, soltava papagaio, até meus quatorze anos, era esse o meu mal...*³⁴⁹

Sob forte hostilidade masculinizante e alguma dose de culpa introjetada, irrompe uma solitária jovem nos interstícios dos jogos e passatempos populares: atividades prazenteiras que não demandavam por regras coletivas explícitas, ao menos aquelas

349 • Teco, Teco. Pereira Costa e Milton Vilela, interpretação de Ademilde “do Choro” Fonseca, 1950.

que pudessem constranger o trasladar à deriva da jovem brincante. Ademais, comum na sociabilidade lúdica popular, essa pequena lista (jogar bolinha de gude, escalar, soltar papagaio) poderia vir acrescida de algum futebol de rua, não fosse as escolhas da personagem, ou, espelho, o desestímulo direcionado às mulheres que pairava nos anos 50, reverberando proibições que tentavam cercear a todo custo a prática feminina, ao modo de um decreto esportivo.

No ano de 1941, sob o pretexto de preservar a saúde reprodutiva dessas mulheres, o Conselho Nacional de Desportos decreta que alguns esportes não seriam compatíveis com a natureza feminina. Acreditava-se que a prática do futebol colocaria em risco a integridade física das mulheres brasileiras: uma forte pancada no baixo ventre poderia torná-las inférteis, comprometendo a maternidade. Dessa forma, até 1979, as mulheres foram proibidas por lei de jogar.³⁵⁰

Nada substitui a magistral conexão de sentidos estabelecida entre essas imagens e a interpretação veloz e inalienável de Ademilde Fonseca. Quem, inadvertidamente, nunca ouviu, que procure em algum streaming. Mesmo carente do áudio, os versos podem nos dizer muito sobre a ligeireza das práticas presente na cultura popular, que se espalha na forma de uma educação corporal para o jogo, para muitos jogos, fazendo do futebol popular mais um elemento dentro desse celeiro inesgotável de experimentações corporais.

350 • PISANI, Mariane. “Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo”. *Revista Ponto Urbe*, 14, p. 1-9, 2014, p. 2.

Décadas depois, podemos conferir a versão masculina do choro Teco Teco, num samba amaxixado de Chico Buarque de Hollanda. Nesse, o compositor enumera as virtudes da formação viril no contexto dos territórios explorados na rua, lugar de franco domínio da cultura lúdica popular e dos futebóis informais, espécie de pré-etapa daquela prática mais formalizada, que ao emular o profissionalismo, estará presente nas várzeas e no dito futebol amador. Eis a letra:

*Ai, que saudades que eu tenho dos meus doze anos, que saudade ingrata. Dar banda por aí, fazendo grandes planos e chutando lata. Trocando figurinha, matando passarinho, colecionando minhoca, jogando muito botão, rodopiando pião, fazendo troca-troca. Ai, que saudades que eu tenho duma travessura, o futebol de rua. Sair pulando muro, olhando fechadura e vendo mulher nua...*³⁵¹

Aqui, como se nota, seguem outros passatempos elencados, e o futebol aparece duas vezes (jogo de botão e futebol de rua), imiscuído aos elementos trans-históricos da cultura popular. Na letra, essas formas do jogar convivem com as projeções da linguagem do baixo corporal, ainda que bem mais distanciadas do período denominado de grotesco por Bakhtin.³⁵²

Mesmo assim, a esperteza dos versos se beneficia da vinculação entre aspectos etários de uma jovialidade com a educação corporal maliciosa, paulatinamente transformada em má educação esportiva. Excessos, exageros, jogo sujo, cusparadas, dedadas, mordidas, tudo isso e a despeito da grande recorrência,

351 • Doze anos, Chico Buarque, 1977-1978.

352 • BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. São Paulo: Hucitec, 2010.

inclusive em jogos do futebol profissional masculino, acabariam formalmente coibidos até mesmo no futebol popular.

O futebol popular adquiriu mimeticamente uma robustez disciplinadora associada a toda sorte de formalismos, tal como destacam alguns capítulos do livro ao elencar times, associações e ligas. Já outros futebolis deram vazão às disputas mais sui generis (caso dos Peladões), brincando com formas estereotipadas de domínio da sexualidade, do gênero, da etnia, enfim, fazendo com que dentro do futebol popular houvesse disputas por espaços e significados ainda fortemente ancorados na tradição receptiva e de longa duração da cultura popular.

Esse futebol amador, varzeano, mais formalizado em associações clubísticas, organogramas competitivos, distribuições de troféus e recompensas, emulando aspectos do futebol profissional, aparece com mais nitidez na letra de mais um samba, de autoria do sambista e intelectual Nei Lopes:

Ai no tempo! No tempo que Don-don jogava no Andarahy. Nossa vida era mais simples de viver. Não tinha tanto miserê, nem tinha tanto ti ti ti. No tempo que Don-don jogava no Andarahy. Propaganda era reclame, ambulância era dona assistência, Mancada era um baita vexame, e pornografia era só saliência Sutiã chamava porta-seio, revista pequena gibi (i)... No tempo que Don-don jogava no Andarahy. 22 era demente, minha casa era meu bangalô. Patamo era socorro urgente e todo cana dura era investigador. Mulato esticava o cabelo, mulher fazia misampli (i) No tempo que Dondon jogava no Andarahy.³⁵³

353 • Compositor: Nei Lopes, Intérprete: Zeca Pagodinho, 1987.

A letra, recheada de matreirices, sobrepõe várias temporalidades, podendo alcançar ou estimular um jogo aberto elocutório de termos, convidando, inclusive, os ouvintes a reatarm suas memórias. Inspirada na biografia do jogador Dondon, que atuou no Andarahy Athletico Club (1909) entre 1932 até 1938, período marcado pelas campanhas de profissionalização do futebol no Brasil, Nei Lopes recupera sua memória e seu tempo, e brinca livremente com um conjunto heteróclito de imagens populares contrastadas aos processos da modernidade. Assim, a linguagem, os costumes, as relações de gênero, a sociabilidade suburbana vão sendo entremeados pelo fato futebol, que repetidamente interliga as imagens na melodia reincidente do refrão (No tempo que Dondon jogava...).

Todas as imagens presentes em cada capítulo, somadas as que agrego livremente e sem compromisso metodológico neste posfácio que se encerra, formam o caleidoscópio, que só pode adquirir impacto visual se levarmos em conta a proeza do futebol popular naquilo que o notabiliza, ou seja, o de, continuamente, produzir imagens sobre imagens; times sobre times. Isso, talvez, seja um anseio compartilhado por todos que vestiram a camisa deste livro, e que agora voltam a se soltar por aí a produzir outros textos-futebóis.

Bibliografia

ABREU, Martha. “Cultura popular, um conceito e várias histórias”. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel, *Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. São Paulo: Hucitec, 2010.

- COSTA, Sandra Diniz; GUELLI, Kelma Gomes Mendonça. “Tempo de Dondon: uma abordagem Sociolinguística de um samba”. *Cadernos da FUCAMP*, v.12, n.17, p. 86-97, 2013.
- DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio”. *Revista USP*, dossiê futebol, n. 22, p. 10-17, 1994.
- ELIAS, Norbert. “A gênese do desporto: um problema sociológico”. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- PISANI, Mariane. “Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo”. *Revista Ponto Urbe*, 14, p. 1-9, 2014.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Remexer anotações. O trabalho de um arguidor antropólogo*. São Carlos: Edufscar, 2019.

Luiz Henrique de Toledo

Antropólogo, professor titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

SOBRE OS(AS) ORGANIZADORES(AS)

Raphael Rajão Ribeiro é doutor em História, Política e Bens Culturais na Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do FULIA/UFMG – Núcleo de estudos sobre futebol, linguagem e artes. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, atuando no campus Jaguaribe.

Enrico Spaggiari é doutor e mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do LUDENS – Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da USP, do Grupo de Estudos em Antropologia da Cidade (GEAC/USP) e do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP). É um dos editores fundadores do site Ludopédio e coordenador da coleção entreJogos (Editora Intermeios).

Caroline Soares de Almeida é doutora e mestra em Antropologia Social (UFSC) e graduada em Educação Física (UDESC) e História (UFSC). Desenvolve pesquisas sobre história e profissionalização do futebol de mulheres no Brasil. Atualmente é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)

Aira Fernandes Bonfim é mestra pelo programa de História, Políticas e Bens Culturais da FGV-RJ, com pesquisas sobre a iniciação das brasileiras no futebol no início do século XX e autora de *Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*. Fez parte da implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), em 2011, no Museu do Futebol, em São Paulo, onde atuou até 2018. Foi co-curadora das exposições “Rainhas de Copas” (2023), “Contra-Ataque! As Mulheres do Futebol” (2019) e responsável pela produção e pesquisa do audioguia *Mulheres e Futebol* (2021), também pelo museu.

Alberto Luiz dos Santos atua nas áreas de Geografia Urbana e Patrimônio Cultural, participando de publicações e debates nessa seara desde 2012, com foco em São Paulo (SP). No curso de Doutorado em Geografia (USP), pesquisou as batucadas de beira de campo, forma de expressão do samba paulistano relacionada à realização de referências culturais nos lugares do futebol popular. Integra a Rede Paulista de Educação Patrimonial (REPEP), desde 2015.

Daniel Vidinha da Silva é torcedor do Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas). Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas, mestre e doutorando em Educação Física pela mesma Instituição, na linha estudos socioculturais do esporte e da saúde. Possui artigos publicados sobre o futebol pelotense.

Francisco Xavier Freire Rodrigues é professor Efetivo da Universidade Federal de Mato Grosso, Associado III, lotado no Departamento de Sociologia e Ciência Política. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMT. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO/IL – UFMT. Coordenador da Editora Universitária EdUFMT, da Universidade Federal de Mato Grosso – EdUFMT. Coordenador do Núcleo Interinstitucional de Estudos da Violência e Cidadania NIEVCI/UFMT. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2000). Coordenador do GT Sociologia do Esporte da Sociedade Brasileira de Sociologia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade (GEPECS) CNPq/UFMT. Tem diversos artigos e livros sobre esporte.

Giovana Capucim e Silva é doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo, onde também obteve o título de mestra. É autora de *Mulheres Impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. É membro do LUDENS – USP, com pesquisas sobre a História do futebol de mulheres no Brasil durante o período de sua proibição.

Glauco José Costa Souza é o pai da Lara, professor e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Começou sua jornada nos estudos históricos em 2011, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e desde então fez da História do Esporte sua base para analisar e refletir sobre a sociedade brasileira ao longo do tempo.

Leonardo Costa da Cunha é torcedor do Sport Club São Paulo (Rio Grande). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS Campus Rio Grande), graduado em Educação Física Pela Universidade Federal do Rio Grande, mestre e doutorando em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas, na linha estudos socioculturais do esporte e da saúde. Leonardo possui vários artigos publicados sobre o Futebol Amador de São José do Norte.

Luiz Carlos Rigo é torcedor do Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas). Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado pela mesma instituição, doutorado em Educação pela UNICAMP e pós-doutorado em educação pela Universidade de Barcelona. Atualmente é professor titular na Universidade Federal de Pelotas. Luiz Carlos Rigo possui várias publicações (livros, artigos) sobre futebol e sobre o futebol de várzea.

Maria Cicilia de Souza Gomes é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, onde desenvolve pesquisa sobre a prática do futebol por mulheres em áreas urbanas no Recife (PE).

Mariane da Silva Pisani é formada no curso de Ciências Sociais (UFSC), Mestra (UFSC) e Doutora (USP) em Antropologia Social. Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI) onde coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Interseccionalidades (ANTROPOS) e desenvolve pesquisas nas áreas de Antropologia do Esporte, Antropologia Audiovisual, Antropologia Urbana e Estudos de Gênero e Sexualidade. Desde 2023 é subcoordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT-Futebol).

Mauro Myskiw é licenciado em Educação Física (UNIOESTE), Mestre em Ciência do Movimento Humano (UFSM), Mestre em Administração (UFSM), Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH). Líder do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF). Desenvolve estudos e pesquisas nas áreas de gestão e políticas públicas de esporte e lazer.

Rodrigo Valentim Chiquetto é graduado em Ciências Sociais e mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Entre 2009 e 2014 desenvolveu a pesquisa sobre o “Peladão”, um dos maiores campeonatos de futebol amador do mundo que tem lugar, anualmente, na capital Amazonense. Participou do grupo de pesquisas sobre as cidades médias da Amazônia Brasileira em conjunto com o Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira. Atualmente realiza o curso de doutorado na Faculdade de Educação da USP.

Sizernandes Freire de Oliveira é professor de Sociologia da rede estadual de ensino básico em Cuiabá/MT, vinculado à Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso desde 2012. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso (2009). Especialista em Gestão Pública pelas Faculdades Integradas de Cuiabá (FIC) (2015). Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. (2018). Membro do Grupo de Pesquisa em Esporte, Cultura e Sociedade (GEPECS), do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Participou como professor supervisor (bolsista) do programa PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso de 2014 a 2018.

FUTEBOL POPULAR

1ª edição, 2024. São Paulo

Composta em Franklin Gothic e Malabar Pro
nos papéis Kraft 180 g/m² e Pólen Soft 90 g/m²

Editora Ludopédio

São Paulo, SP – Brasil

ludopedio.org.br

ludopedio@ludopedio.com.br

facebook.com/ludopediofutebol

instagram.com/ludopedio

x.com/ludopedio

youtube.com/ludopedio

Editores • Enrico Spaggiari, Marco Lourenço, Sérgio Settani Giglio,
Victor L. Figols

Preparação • Equipe Ludopédio

Edição • Equipe Ludopédio

Revisão • Equipe Ludopédio

Capa • Monstro Gráfico

Projeto gráfico • Coletivo Oitentaedois

Diagramação • Monstro Gráfico

Equipe Ludopédio

Enrico Spaggiari, Marco Antunes de Lima, Marco Lourenço, Marcel
Diego Tonini, Sérgio Settani Giglio, Victor L. Figols

Conselho editorial nacional

Alexandre Fernandez Vaz • *UFSC, Humanidades*

Arlei Sander Damo • *UFRGS, Antropologia*

Bernardo Borges Buarque de Hollanda • *FGV, História*

Bruno Abrahão • *UFBA, Educação*

Diana Mendes Machado da Silva • *História*

Elcio Loureiro Cornelsen • *UFMG / FuLiA, Letras*

Enrico Spaggiari • *Ludopédio, Antropologia*
Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes • *Prefeitura Municipal de São Paulo / LUDENS, Sociologia*
Francisco Ângelo Brinati • *UFSJ, Comunicação*
Francisco Xavier Freire Rodrigues • *UFMT, Sociologia*
João Manuel Casquinha Malaia Santos • *UFSM, História*
José Paulo Florenzano • *PUC-SP, Antropologia*
Leda Costa • *UERJ/ LEME, Comunicação*
Lívia Gonçalves Magalhães • *UFF, História*
Marcel Diego Tonini • *Ludopédio, Museu do Futebol, História*
Marcelo Weishaupt Proni • *Unicamp, Economia*
Sérgio Settani Giglio • *Unicamp/ Ludopédio, Educação Física*
Silvana Goellner • *UFRGS, Educação Física*
Silvio Ricardo da Silva • *UFMG/ GEFuT, Educação Física*
Túlio Velho Barreto • *Fundação Joaquim Nabuco, Sociologia*
Victor L. Figols • *UDESC, Ludopédio, História*
Vitor dos Santos Canale • *Prefeitura Municipal de Paulínia, História*
Wagner Xavier de Camargo • *UFSCar, Humanidades*

Conselho editorial internacional

Brenda Elsej • *Hofstra University, EUA, História*
Carles Viñas • *Universitat de Barcelona, Espanha, História*
Gustavo Cerqueira Guimarães • *Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, Letras*
Jorge Dorfman Knijnik • *Western Sydney University, Austrália, Educação Física*
Pablo Alabarces • *Universidad de Buenos Aires, Argentina, Ciências Sociais*
Richard Giulianotti • *Loughborough University, Inglaterra, Sociologia*

“O futebol brasileiro é uma várzea.”

Não raro nos deparamos com essa expressão jocosa e pejorativa, das mesas redondas à mesa do bar, usada para manifestar indignação diante de algum desmando da CBF, um erro grosseiro de arbitragem, uma das tantas falhas de segurança nos estádios ou das pataquadas dos cartolas de nossos clubes. É como se chamar de “várzea” fosse demérito ao endinheirado e badalado circuito do futebol profissional.

Porém, ao mergulhar na leitura de *Futebol Popular*, percebemos de bate-pronto que tal comparação representa, na verdade, uma ofensa à várzea — ou a qualquer outra forma de alusão ao futebol de resistência dos subúrbios e periferias. Quem dera se o futebol hegemônico, elitizado e arenizado tivesse a mesma complexidade cultural, a mesma capacidade de reação em cenários adversos e o mesmo vínculo com suas respectivas comunidades do futebol orgânico, acessível e varzeano.

Seríamos uma potência imbatível e arrebatadora, como esta coletânea que ressignifica todo o encanto que o futebol verdadeiramente popular ainda é capaz de despertar.

Breiller Pires
Jornalista esportivo, colunista do *Terra* e comentarista no canal *ESPN Brasil*



Apoio



SP
07.2024

